



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/ Mestrado

Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia

Charley Pereira Soares

Brasília

2013



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/ Mestrado

Charley Pereira Soares

Demonstração da ambiguidade de itens lexicais na LSB: um estudo sincrônico de homonímia

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, como parte dos requisitos para obtenção do Grau de MESTRE EM LINGUÍSTICA, pela Universidade de Brasília.

Orientadora: Professora Doutora Enilde Faulstich

Brasília
2013



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL/ Mestrado

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Enilde Faulstich - Orientadora (Presidente) – LIP/UnB

Profa. Dra. Heloísa M.M.L. Salles – Membro efetivo – LIP/UnB

Profa.Dra. Marianne Stumpf – Membro efetivo externo - UFSC

Profa. Dra. Sandra Patrícia de Faria do Nascimento – Membro suplente – LIP/SEEDF

A minha determinação é ajudar a comunidade surda a sempre defender a nossa língua
LSB.

AGRADECIMENTOS

À querida **Professora Doutora Enilde Faulstich**, por aceitar me acompanhar nesta pesquisa me orientando e incentivando a não desistir do estudo, apesar da distância. Obrigado de coração.

A todas as professoras e professores do Mestrado pelas aulas enriquecedoras.

A todos os funcionários do LIP pela atenção, apoio e generosidade diária.

A todas as minhas amigas e companheiras do Centro LEXTERM/UnB, **Carol Pego, Rejane Brito, Carolina Silva, Geysel Araújo e Daniela Prometi**

À querida **Professora Doutora Maria Clara**, pelo apoio incondicional. Apoio este que me motivou na realização desta pesquisa e me ofereceu ensinamentos para a vida.

Ao querido colega do curso de Letras/Libras **Fábio Sellani (Surdo)** por colaborar com seus desenhos que muito enriqueceram este trabalho.

Ao **Professor Dr. Tarcisio Leite**, por se fazer presente durante os diálogos sempre que possível.

À Professora **Dra. Sandra Patrícia**, por me ensinar de modo claro a discussão em tópicos de Lexicologia e Lexicografia em LSB na UnB .

À querida tradutora/intérprete **Raiana Dias**, agradeço imensamente e de coração pelo apoio e incentivo para não desistir do mestrado, colaborando gentilmente por doar seu tempo em prol do desenvolvimento dos meus estudos. O carinho e a dedicação que a mim demonstrou não serão esquecidos.

À minha querida amiga **Carolina Resende** por todo esse tempo estar ao meu lado contribuindo na discussão desta pesquisa.

Aos professores doutores **Gaurav Mathur (Surdo)** e **Julie A. Hochgesang (Surda)** que, durante minha estada na Gallaudet University, me ensinaram gratuitamente e pacientemente a fonologia da língua de sinais americana e as expressões não-manuais lexicais.

Ao querido amigo **Gláucio Castro**, grande incentivador e apoiador de minha pesquisa, sem seu exemplo minha pesquisa seria diferente.

À CAPES, bem como à todo povo brasileiro, que com seus esforços possibilitam bolsas de incentivo à pesquisa em nosso país.

Aos meus familiares, em especial à minha mãe, luz inspiradora e motivadora que, durante todos esses anos, sempre esteve ao meu lado apoiando e abrindo mão de seus ideais para que eu alcançasse os meus. Sou eternamente grato. Enfim, a todos que não conseguirei citar nomes pois são muitos, meu MUITO OBRIGADO!

SIGLAS E CONVENÇÕES USADAS.....	9
LISTAS DE FIGURAS.....	10
LISTAS DE TABELAS.....	10
RESUMO	11
ABSTRACT.....	12
INTRODUÇÃO.....	13
CAPITULO 1 – INTRODUÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB).....	20
1.1. Os parâmetros fonológicos da LSB.....	21
1.2. Mitos e falsos conceitos sobre a LSB.....	36
1.2.1. Mito 1: A Língua de Sinais é uma mistura de gestos e mímicas.....	37
1.2.2. Mito 2: A língua de Sinais é Universal.....	37
1.2.3. Mito 3: A língua de sinais é a representação sinalizada da língua oral.....	38
1.2.4. Mito 4: A LSB é derivada do Português.....	39
1.2.5. Mito 5: A língua de sinais é o alfabeto manual.....	40
CAPITULO 2 – DISCUSSÃO TEÓRICA.....	42
2.1. Breves reflexões sobre Semântica Lexical.....	42
2.2. Diferenças entre monossemia, polissemia e homonímia.....	45
2.3. Critérios para diferenciar polissemia de homonímia.....	49
2.4. A ambiguidade lexical.....	55
2.5. Ambiguidade e homonímia na LSB, segundo a observação do uso por surdos.....	57
2.5.1. A relação entre o significado e o significante na constituição dos termos em LSB...57	
2.5.2. A análise sêmica como critério lexical de análise.....	65
CAPITULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS.....	68

3.1. Seleção do corpus.....	68
3.2. Análise dos dados.....	70
3.3. A análise sêmica como um mecanismo para desambiguar itens lexicais.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132

|

SIGLAS E CONVENÇÕES USADAS

ASMOC – Associação Surdos de Montes Claros

ASL – Língua de Sinais Americana

CAS – Centro de Capacitação de Profissionais da Educação e Atendimento às Pessoas com Surdez

CBMOC – Centro Básico de Montes Claros

CM – Configuração de Mão

ENM – Expressões não-manuais

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

INES – Instituto Nacional de Educação dos Surdos

LSB – Língua de Sinais Brasileira

LGP – Língua Gestual Portuguesa

M – Movimento

Or – Orientação da palma da mão

PA – Ponto de Articulação

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UnB – Universidade de Brasília

UNIMONTES – Universidade Estadual de Montes Claros

SME – Secretaria Municipal de Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Ilustrador Fábio Sellani

Figura 02: FERREIRA-BRITO (1995, p.220)

Figura 03: Quadro de CMs da LSB, por Pimenta e Quadros (2008, p.73)

Figura 04: Faria-Nascimento, Sandra Patrícia, em sua tese de doutorado (2009, p.177-183).

Figura 05: Ilustrador Fábio Sellani

Figura 06: Imagem cedida pelo instrutor de Libras da SME

Figura 07: Ilustrador Fábio Sellani

Figura 08: Ilustrador Fábio Sellani

Figura 09: Apostila Libras Curso Online Secretaria de Educação, de São Paulo, p.22.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Duas grandezas linguísticas – relações elaboradas pelo pesquisador Charley Soares

Tabela 02: Itens homônimos da LSB – Análise sêmica.

Este estudo é fruto de uma pesquisa que objetiva demonstrar a ocorrência de ambiguidade lexical na Língua de Sinais Brasileira (LSB). Trata-se de um estudo sincrônico que aborda o processo linguístico da ambiguidade na LSB, com efeito na homonímia de sinais. Diante do fato de os surdos compreenderem melhor a LSB e usuários ouvintes considerarem a LSB difícil por apresentar significantes iguais para significados diferentes, torna-se necessária uma análise da ambiguidade dos sinais, com ênfase no estudo da semântica lexical, para melhor compreensão desse problema. Sob essa perspectiva, é preciso analisar o uso dos termos da língua em seu contexto de uso, para que seja possível tanto o registro, quanto o ensino apropriados dos termos da LSB, partindo de regras que possibilitem a validação dos termos ambíguos. Nesta pesquisa, a tentativa de resolução de ambiguidades foi abordada segundo questões teóricas da Linguística, vistas em Ullmann (1964), Câmara (1970), Lyons (1987), Ferreira (1999), Silva (1999), Zavaglia (2003) e Cançado (2008). Para investigar o processo de ambiguidade entre pares homônimos na LSB, o assunto foi estudado em obras que descrevem a LSB, conforme aparece no corpo da dissertação. A interpretação da homonímia teve como base 15 significantes, com dois ou três significados cada um, frequentemente utilizados por usuários da Língua de Sinais Brasileira. Por meio de imagens, foram selecionados contextos linguísticos que continham itens lexicais passíveis de análise. Os resultados indicam que, em LSB, uma forma homônima pode ser identificada e desambiguada se estiver em correlação com outros itens lexicais no contexto, a exemplo do que acontece com outras línguas orais ou línguas sinalizadas.

Palavras-chave: ambiguidade lexical, homonímia, LSB, significante, significado.

This study is the result of a research that aims to demonstrate the occurrence of lexical ambiguity in the Brazilian Sign Language (LSB). It is a synchronic study that approaches the process of linguistic ambiguity in LSB, with the effect in the signs' homonymy. Given the fact that hearing users consider the LSB difficult for presenting the same signifiers for different signifieds, an analysis of the signs' ambiguity is necessary with emphasis on the lexical semantics study to better understand this problem. From this perspective, an analysis of the language terms' use in its context is necessary, so that both the register and the appropriate teaching of LSB terms are possible, beginning from rules that enable the validation of ambiguous terms. This research attempted to solve ambiguities according to theoretical issues of linguistics, seen in Ullmann (1964), Câmara (1970), Lyons (1987), Ferreira (1999), Silva (1999), Zavaglia (2003) and Cançado (2008). In order to investigate the process of ambiguity between homonym pairs in LSB, the subject was studied through works that describe the LSB as it appears in the body of this dissertation. The interpretation of homonymy was based on 15 signifiers, with two or three signifieds each often used by the Brazilian Sign Language users. Through images, linguistic contexts that contained lexical items subject to analysis were selected. The results indicate that in LSB a homonymous form can be identified and disambiguated if it is correlated with other lexical items in context, the way it happens in other spoken languages or signed languages.

Keywords: lexical ambiguity, homonymy, LSB, signifier, signified.

Relato e abordo o passado, o presente e o almejado futuro, como profissional da educação, objetivando apresentar à sociedade a possibilidade de minimizar medos, tabus e preconceitos em relação às pessoas surdas, demonstrando que ser surdo não é uma questão de escolha, mas sim de vida. Como qualquer ser humano, temos capacidades de realizar quase tudo que a nós for proposto. Embora as limitações sejam diversas, nós surdos temos alcançado inúmeras vitórias, como o ingresso nas universidades. Em Montes Claros - MG, por exemplo, minha cidade natal, recentemente doze surdos ingressaram em cursos superiores, sendo que quatro destes já se encontram graduados e apenas um desistiu.

Para que a realidade seja contextualizada, discorrerei brevemente sobre a história do surdo, pouco difundida no âmbito social, mas de alta relevância na vida dos que dela fazem parte.

Surdos: de idiotas a intelectuais

Esta parte constitui-se de pesquisa bibliográfica, com relatos de experiência de acadêmicos surdos, além de experiência vivenciada na universidade pelo autor deste trabalho.

Segundo pesquisas desenvolvidas por Goldfeld (1997), Pereira (2008) e Ramos (1992), por volta de 384 a.C. os gregos, na época de Aristóteles, acreditavam que os surdos fossem insensíveis e incapazes de raciocínio. Eram comparados aos idiotas, tidos como incompetentes, incapazes de desenvolver atividades intelectuais, assim sendo, não tinham direitos legais.

Ramos e Goldfeld (1992) relatam que até o século XV não havia nenhum interesse na educação dos surdos, pois eram considerados pessoas primitivas, sendo relegadas à marginalidade na vida social.

Apenas por volta de 1750, na França, o abade Charles Michel de L'Épée iniciou um contato mais efetivo com os surdos, aprendendo com eles a língua de sinais e criando

os “sinais metódicos”, uma combinação de língua de sinais com a gramática sinalizada¹ francesa.

O século XVIII foi considerado um período muito importante na educação dos surdos, pois ocorreu tanto um aumento da qualidade da educação, quanto na quantidade de surdos que tiveram acesso a ela.

A esse respeito, Sacks (1998, p. 34) relata que:

Esse período que agora parece uma espécie de época áurea na história dos surdos testemunhou a rápida criação de escolas para surdos, de um modo geral dirigido por professores surdos, em todo o mundo civilizado, a saída dos surdos da negligência e da obscuridade, sua emancipação e cidadania; a rápida conquista de posições de eminência e responsabilidade

Goldfeld (1997) ressalta, que a partir de 1821, todas as escolas públicas americanas passaram a mover-se em direção a American Sign Language (ASL), que sofreu muita influência do francês sinalizado.

Em 1864, foi fundada a primeira universidade nacional para surdos, a Gallaudet University. Goldfeld enfatiza que, em razão dos avanços tecnológicos que facilitavam a aprendizagem da fala pelo surdo, a partir de 1860 o método oral começa a ganhar força.

O mais importante defensor do oralismo² puro foi Alexandre Graham Bell, o célebre inventor do telefone, que exerceu grande influência no resultado da votação do Congresso Internacional de Educadores de Surdos, realizado em Milão, em 1880. Foi colocado em votação que método deveria ser utilizado na educação dos surdos. O oralismo venceu e o uso da língua de sinais foi oficialmente proibida.

A oralização passou a ser o objetivo principal da educação, até a década de 70, ano em que William Stokoe publicou o artigo “Sign Language Structure: An Outline of the visual communication system of the American Deaf”, demonstrando que a ASL é uma língua com todas as características das línguas orais.

Surge então a filosofia bilíngüe³, na década de 1980.

¹ “Gramática sinaliza da francesa” foi um recurso criado pelo abade para submeter o léxico da Língua de Sinais à estrutura gramatical da Língua Francesa. Considerava-se que à LS faltavam itens gramaticais existentes na língua francesa.

² Oralismo (filosofia oralista): filosofia educacional para surdos.

³ Tem como pressuposto básico a necessidade de o Surdo ser bilíngüe, ou seja, este deve adquirir a Língua de Sinais que é considerada a língua natural dos Surdos como língua materna e, como segunda língua, a língua oral utilizada em seu país (PEREIRA, 2008)

No Brasil, em 2002 a Língua Brasileira de Sinais, graças à luta sistemática e persistente da comunidade surda e das pessoas que acreditam na mesma, foi reconhecida pela Nação brasileira como a Língua Legal da Pessoa Surda, com a publicação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002 e a Lei n.º 10.098, de 19/12/2002.

Minhas memórias

Filho mais velho de João Ataíde e Maria Terezinha nascido em Montes Claros em 1981. Quando estava grávida, ela acreditou que esta seria uma criança como todas as outras. Como em Montes Claros não haviam especialistas, foi preciso que se deslocassem a Belo Horizonte (capital do Estado) para constatar a surdez de seu filho com 1 ano e 2 meses.

A família ficou surpresa e assustada com o diagnóstico. Na procura por solução, o médico lhes informou acerca da existência de um aparelho auditivo que poderia possibilitar a captação dos sons à sua volta. O relato seguinte deixa dúvidas:

A maioria das pessoas parece achar que se eles – os surdos – possuem um bom aparelho devem ouvir normalmente. É a sensação geral de que, se você tem um aparelho auditivo, ele é como uma caixa mágica que põe tudo nos devidos lugares. (Relato apud, GREGORY, 1976, p. 197).

Aos 06 anos foi matriculado na escola CBMOC. Estudava em uma sala junto com alunos especiais e a professora, que não sabia Libras, sempre se comunicava por gestos e mímicas. Em 1991, foi transferido para o Centro Pedagógico Capelo Gaiivota, escola especial de 1ª a 4ª série.

Até os 12 ou 13 anos era uma pessoa alegre, mas a partir daí começou a sentir o preconceito das pessoas. Os pais conversavam com os irmãos e este se entristecia pelo mesmo não acontecer com ele. Tamanha era a angústia sentida por ser “diferente” que um dia em prantos “gritou” (sinalizou em desespero) para a mãe: Eu quero ouvir! Quero falar!

Na 5ª série foi transferido para o Colégio Opção (Colégio Particular), onde concluiu o ensino médio.

Da 5ª série ao 3º ano, os colegas e professores perceberam o seu potencial, mas este não conseguia compreender a fundo as disciplinas como história, geografia e biologia.

A sua vontade de prestar o vestibular era grande, no pré-vestibular, porém, não havia intérprete da Libras, dificultando a aprendizagem. Com a ajuda de colegas, estudou, prestou o vestibular, mas não conseguiu passar.

Deixou de lado o sonho do curso superior e ingressou no curso técnico de informática. Após a conclusão do curso, veio mais um desafio, a procura de um emprego, mas infelizmente não obteve êxito, nenhum dos locais em que deixou o currículo fôra aberta oportunidade.

Neste mesmo ano, auxiliou a fundação ASMOC – Associação dos Surdos de Montes Claros – da qual foi o vice-presidente. Com a ASMOC surgiu a oportunidade de aprofundar no estudo da Libras, sendo capacitado como instrutor, profissão exercida até o presente momento.

Em 2004, já havia intérprete educacional nos cursos pré-vestibulares e com isso foi proporcionado aos surdos um conhecimento mais profundo das disciplinas. Um dos maiores motivos que levaram à escolha do curso de Pedagogia foi a vontade de fazer uma educação diferenciada para os seus pares surdos. Prestou vestibular na UNIMONTES, através do sistema de cotas e foi aprovado em Pedagogia, momento este de imensa alegria e a certeza de que um dos obstáculos fora vencido.

Trajetória Universitária

Na universidade não teve entraves quanto ao reconhecimento de direitos a ter um profissional intérprete, pois já havia uma acadêmica surda, a Rosani Kristine. Esta, no entanto, para ter seus direitos garantidos e abrir espaço na comunidade acadêmica teve que lutar muito.

Hoje, a Lei da Libras citada anteriormente garante aos usuários dessa língua o direito ao intérprete.

Como vivemos em uma sociedade ainda preconceituosa, às vezes não por querer, mas por falta de informação, novamente este sofreu, pois alguns de seus colegas o viam

como um Ser de outro mundo. Chegavam a ter medo de estabelecer contato, duvidavam de sua capacidade, alguns professores também, a princípio, se sentiram intimidados e sentiam dificuldade em compreender seus textos, assim como para ele era difícil entender a nova linguagem que permeava o meio acadêmico, visto que a sua primeira língua é a língua de sinais. Aos poucos a interação fluiu de maneira tranquila, e por meio do constante contato começou a compreender o tão complicado português, percebendo assim que **a inclusão não poderia ser norteadada pela igualdade em relação ao ouvinte e sim pelas diferenças linguísticas e sócio-histórico-culturais.**

O entendimento de que o aprendizado do surdo baseia-se na visão e não na audição; passaram a utilizar mais recursos visuais nas aulas. Em sua trajetória acadêmica, encontrou “educadores” e “professores” em seu caminho. Os educadores o ajudaram a colocar mais tijolos no alicerce da sua carreira, tijolos que foram afixados pela massa composta de amor, respeito e cumplicidade. E sempre serão lembrados em sua vida profissional. Quanto aos professores, embora de maneira despreparada, também deixaram sua contribuição: o incentivo para ir à busca do conhecimento e nunca desistir face às adversidades, lembrando que o triunfo pertence aos que lutam.

A partir da história relatada, pôde-se constatar que os surdos sofreram muito, mas não se deixaram calar, foram em busca dos seus ideais, direitos de igualdade e reconhecimento, com tantos atos de coragem, provaram que são capazes.

Sabemos que há um longo caminho a percorrer, acreditamos na mudança, ansiamos em ver todos sendo tratados como seres com potencialidades independentes de suas diferenças ou classes sociais. Enfim, esta é uma história que não consta nos livros oficiais, e é a evidência de tais vestígios que fazem a diferença.

Após a conclusão do curso de pedagogia, interessei-me pelo curso de Letras-Libras e ingressei na segunda turma do curso de graduação a distância ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, em 2008, no Polo da Universidade de Brasília – UnB. E, como conhecia e sabia do potencial que a UnB oferecia para o desenvolvimento de pesquisas, após conversas com o meu amigo Gláucio Castro, que me incentivou a prosseguir os meus estudos, me inscrevi e fui aprovado no Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB, onde desenvolvi meus estudos e a presente pesquisa sobre a homonímia em LSB.

Quando entrei na sala do Centro LEXTERM/UnB, todos os meus colegas surdos contribuíram para as discussões sobre o meu tema de pesquisa, pois eles sabem da existência de tal fenômeno na LSB, porque diariamente discutíamos a ocorrência dele durante nossos diálogos.

Nesta presente pesquisa, discutem-se problemas relacionados ao estudo sincrônico da homonímia em LSB que interessam diretamente à Semântica, à Lexicologia, à Lexicografia.

Nota-se que muitos autores focam suas pesquisas em áreas estruturais (e bastante teóricas) das línguas de sinais, tanto nos aspectos fonológicos, morfológicos como sintáticos. No entanto, voltar-nos-emos, para um fenômeno específico que incide sobre o léxico da LSB: a ocorrência de homonímias. Estudar e entender como as línguas estão organizadas e como funcionam possibilita compreender os processos linguísticos da homonímia em LSB e contribuir para discussões e interação para uma efetiva comunicação em LSB. Para o desenvolvimento da pesquisa, alguns questionamentos foram levantados: Na LSB, a ambiguidade lexical está presente? É possível pensar em processos homonímicos em LSB? Se existe, como esses processos se estabelecem na Língua de Sinais Brasileira? Por que as formas linguísticas idênticas podem ter sentidos diferentes? É importante a compreensão do sentido das formas lexicais em algo claro dentro da Língua de Sinais Brasileira? As respostas a tais questionamentos estão presentes no decorrer deste trabalho. Para responder a esses questionamentos, a dissertação foi dividida em três capítulos, descritos a seguir:

No capítulo 1, iniciamos uma breve abordagem sobre o tema da pesquisa, com algumas explicações sobre a Língua de Sinais Brasileira e a constituição do sinal a partir dos parâmetros fonológicos. Também enfocamos alguns mitos acerca das línguas de sinais.

No Capítulo 2, buscamos apresentar as teorias que fundamentaram a análise dos dados. Detemos nossa atenção na ambiguidade lexical que pode ser causada por um item lexical homônimo ou polissêmico. Apresentamos as diferenças entre a polissemia, a homonímia, a monossemia e a vaguidade, fundamentais para a compreensão dos dados.

Apresentamos também os critérios de análise sêmica, do campo léxico e do campo semântico, ainda hoje utilizados pela linguística sincrônica. Por esse motivo, esses critérios serão revisitados brevemente a fim de que se possa traçar nas análises, um paralelo comparativo entre eles e o critério etimológico-semântico.

No **Capítulo 3**, apresentamos a análise dos dados, seguida da análise sêmica, ilustrada com exemplos recortados das gravações em vídeo. Analisamos e estudamos o processo de ambiguidade entre pares homônimos na LSB a partir da seleção de 15 significantes (com dois significados cada um) frequentemente utilizados por usuários da Língua de Sinais Brasileira. O objetivo da coleta dos itens lexicais é demonstrar, por meio da teoria Semântica Lexical, potenciais ambiguidades ocorridas.

Prosseguem a esse capítulo **as considerações finais e as referências bibliográficas**, que foram divididas em quatro partes: a parte com referências a livros, artigos, dissertações e teses; a parte com as referências do acervo de ambiguidade lexical em língua portuguesa e inglesa; a parte com as referências do acervo de ambiguidades em língua de sinais e a última parte com referências de outros repertórios disponíveis na web.

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO À LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB)

A Língua de Sinais Brasileira (LSB) é mais conhecida pela sigla LIBRAS. O fato de se utilizar preferencialmente a sigla LSB se deve à convenção internacional que estabelece o uso de apenas três letras para referir-se às línguas de sinais. Outro item a ser considerado é o termo “brasileira” que deveria ser colocado após a palavra “sinais”. Por esses motivos que se adota a sigla com o padrão internacional, mesmo sendo popularmente conhecida como LIBRAS.

A LSB é a língua de sinais usada pela maioria dos surdos dos centros urbanos brasileiros e reconhecida pela Lei 10.436/2002. A LSB, não é a simples gestualização da língua portuguesa, e sim uma língua à parte, como comprova o fato de que em Portugal usa-se uma língua de sinais diferente, a Língua Gestual Portuguesa (LGP).

Outro documento de grande importância é o Decreto 5.626 de Dezembro de 2005 que regulamenta a lei mencionada anteriormente. Este decreto estabelece determinações importantes para a inserção da LSB como disciplina nos cursos de licenciatura e de formação de professores em níveis médio ou superior. Para que este decreto se efetive, fazem-se necessárias várias mudanças, em âmbito político, social, e linguístico, incluindo ainda a formação de professores surdos, tradutores/intérpretes e a educação bilíngue.

Assim como as diversas línguas naturais e humanas existentes, a LSB é composta por níveis linguísticos como: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Da mesma forma que nas línguas orais-auditivas existem palavras, nas línguas de sinais também existem itens lexicais, que recebem o nome de sinais. A diferença é a modalidade de articulação, que é, visual-espacial. Assim sendo, para se comunicar em LSB, não basta apenas conhecer sinais. É necessário conhecer a gramática para combinar as frases e comunicar-se. Desse modo, a LSB se apresenta como um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, nativos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

As Línguas de Sinais, ao contrário do que se pensa, não são universais. Cada país possui a sua própria língua de sinais, que sofre as influências da cultura nacional possuindo expressões que diferem de região para região (os regionalismos), o que a legitima ainda mais como língua. Ao contrário do que muitos imaginam as línguas de

sinais não são simplesmente mímicas e gestos soltos, utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação. São línguas com estruturas gramaticais próprias.

1.1. Os Parâmetros Fonológicos da LS

William Stokoe⁴, que é considerado o pai da linguística das línguas sinalizadas, foi o primeiro linguista a defender abertamente que essas línguas são línguas naturais e que, como quaisquer outras línguas, também podem ser estudadas. Com modalidades diferentes das línguas faladas, que são articuladas pelos órgãos do aparelho fonador e percebidas pela audição, as línguas sinalizadas são articuladas fundamentalmente pelas mãos e percebidas pela visão.

Segundo Stokoe (1960), os sinais da Língua de Sinais Americana (ASL) são constituídos de três partes ou parâmetros independentes, a saber, localização: lugar no corpo ou no espaço em frente ao corpo em que o sinal é produzido; configuração de mão: a forma (ou estado dos dedos) que a mão apresenta quando da realização de um sinal e movimento ou seja, a maneira como a mão se move ao longo da articulação de um sinal, como vemos na afirmação seguinte:

Contradizendo as ideias equivocadas que sempre povoaram o senso comum, e a visão de muitos intelectuais de sua época, Stokoe (1960), considerado o pai da linguística das línguas sinalizadas, foi o primeiro linguista a defender abertamente que essas línguas são línguas naturais e que, como quaisquer outras línguas, também devem ser estudadas pela linguística. (XAVIER, 2006, p. 10)

Ferreira-Brito (1995, p.35-36) traça algumas diferenças entre as línguas orais e as línguas de sinais:

Como as línguas orais, as línguas de sinais exibem a dupla articulação isto é, unidades significativas e morfemas constituídas a partir de unidades arbitrárias e sem significado ou fonemas (Klima e Bellugi, 1979). Nas línguas orais, os fonemas são produzidos pela passagem de ar pela laringe, nariz e boca e nas línguas de sinais, a estrutura fonológica se organiza a partir de parâmetros visuais. (FERREIRA-BRITO, 1995, p.35-36).

⁴ Dr. William C. Stokoe, Jr. (1919 - 2000) foi um estudioso, que pesquisou extensivamente Língua de Sinais Americana (ASL) enquanto trabalhava na Gallaudet University.

Os sinais são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Nas línguas de sinais parâmetros fonológicos funcionam como explicaremos a seguir.

Configuração das mãos (CMs) são formas das mãos que mostram a datilologia (alfabeto manual) e outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros ou esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. No experimento, concentramos a atenção nas CMs marcadas e não marcadas, para isso

Consideramos as CMs não marcadas como sendo o dedo indicador “um” ou a mão inteira “todos”. Essas são as primeiras CMs adquiridas e as últimas perdidas, em casos de dano cerebral. Consideramos todas as outras combinações de dedos selecionados CMs marcadas. Em uma palavra, quando há duas CMs, elas geralmente são versões abertas e fechadas da mesma CM, ou uma ou ambas CMs não são marcadas. (BRENTARI & WILBUR, p. 57, 2008)

Os sinais AVISAR, SOFRER, TESOURA, LEMBRAR, por exemplo, possuem a mesma configuração de mão (com a letra Y) e configuração de mão (com a letra V). A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.

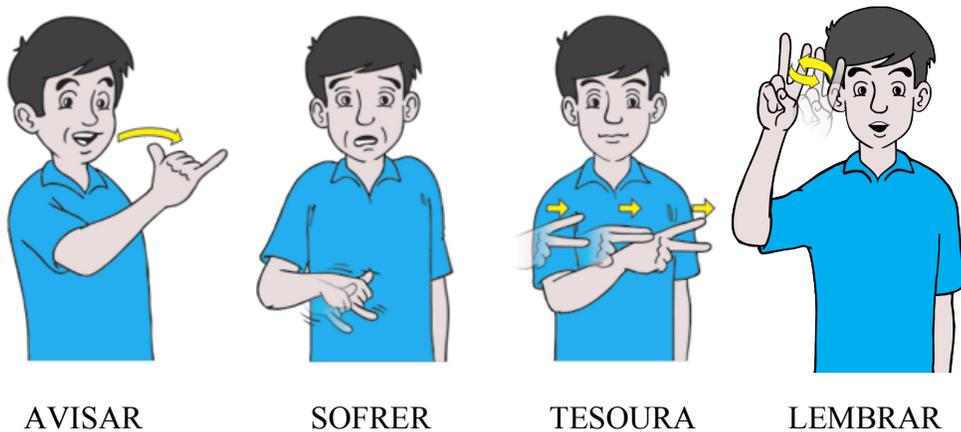


Figura 01: Ilustrador Fábio Sellani

Para Ferreira-Brito (1995, p.41), configuração de mão são “As diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal”. Para essa autora (1995), “a LSB possui 46 configuração de mão (CM)”. como estão representadas nas 46 CM que são manifestações no nível fonético:

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

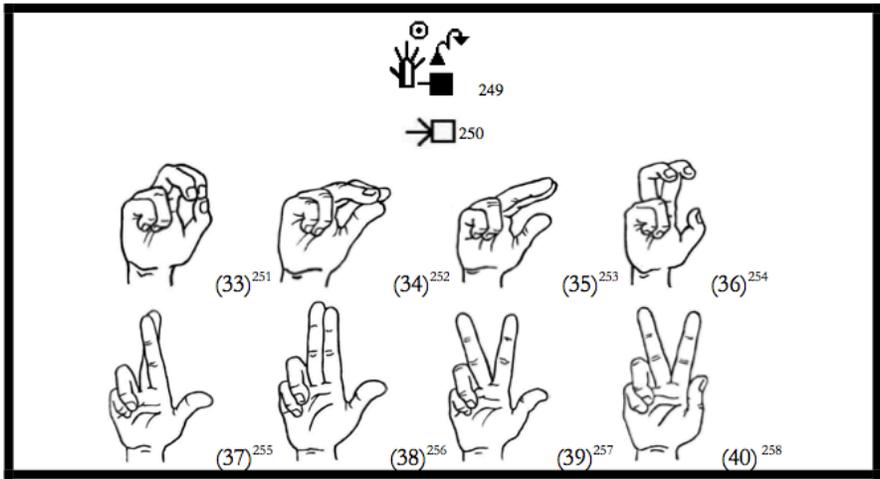
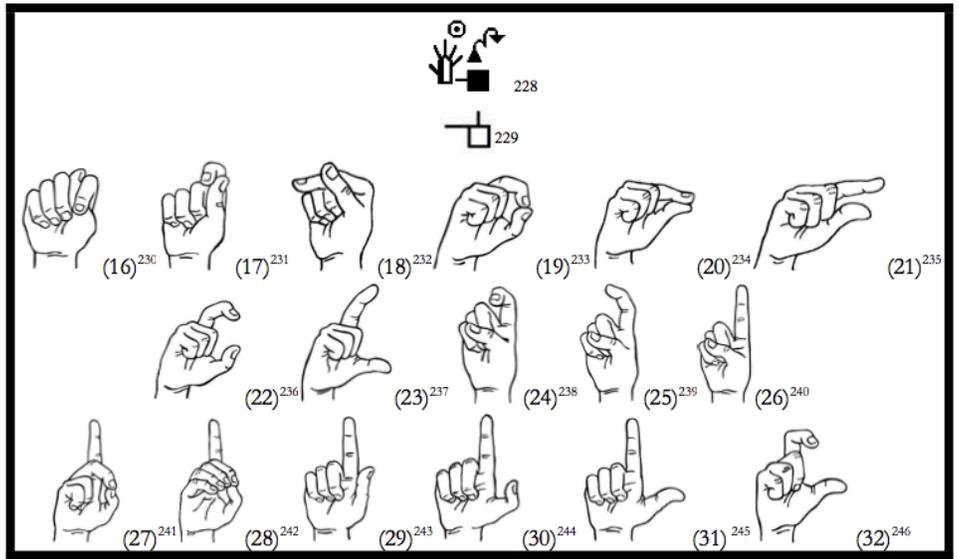
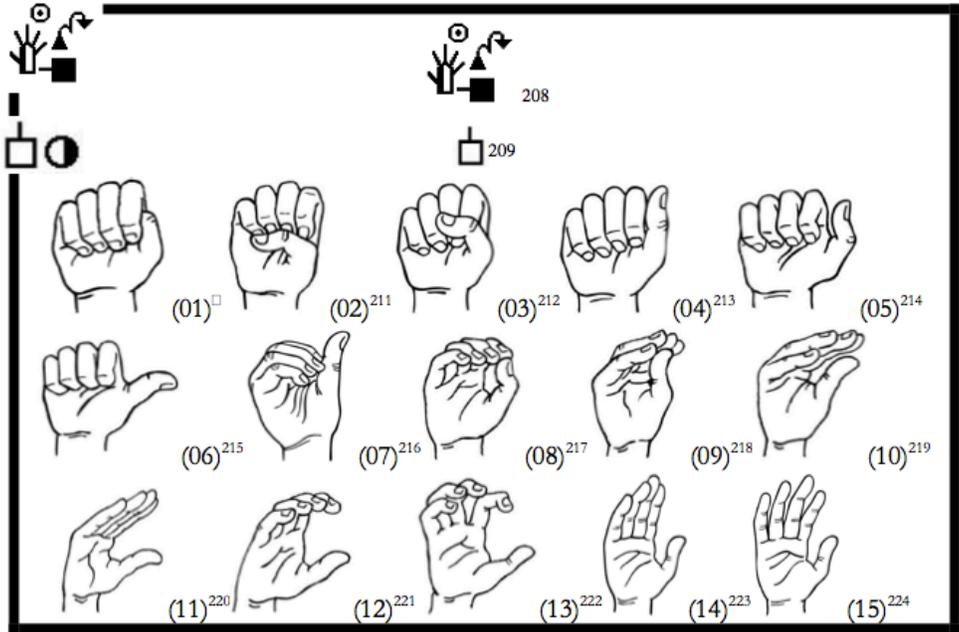
Figura 02: FERREIRA-BRITO (1995, p.220)

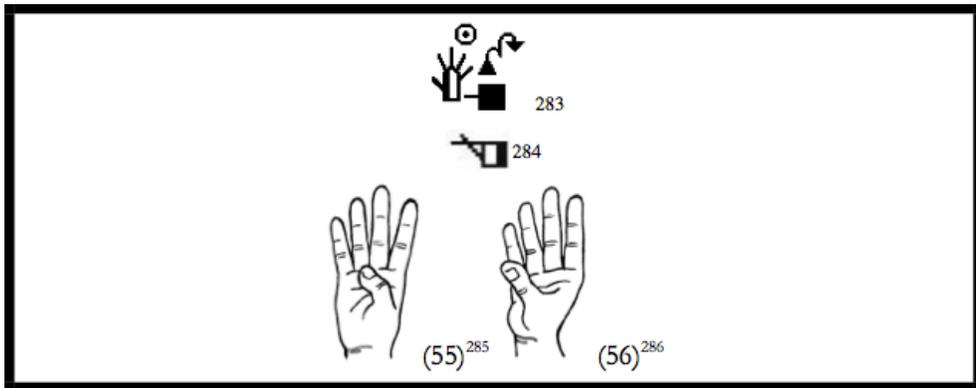
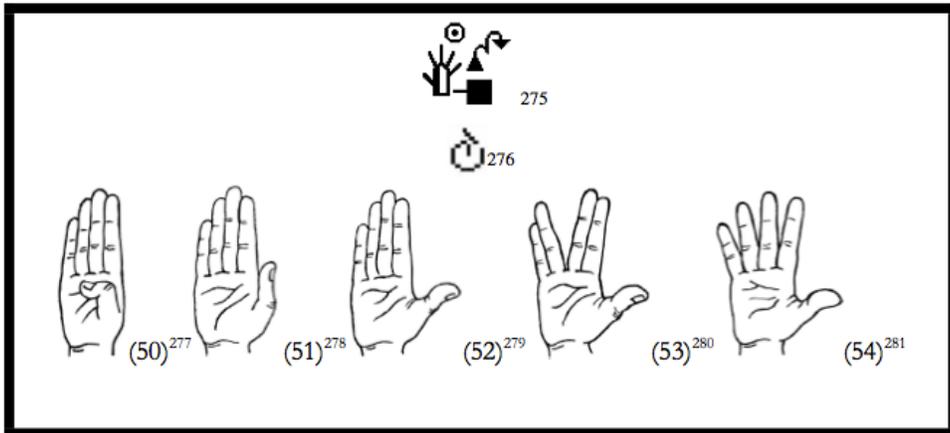
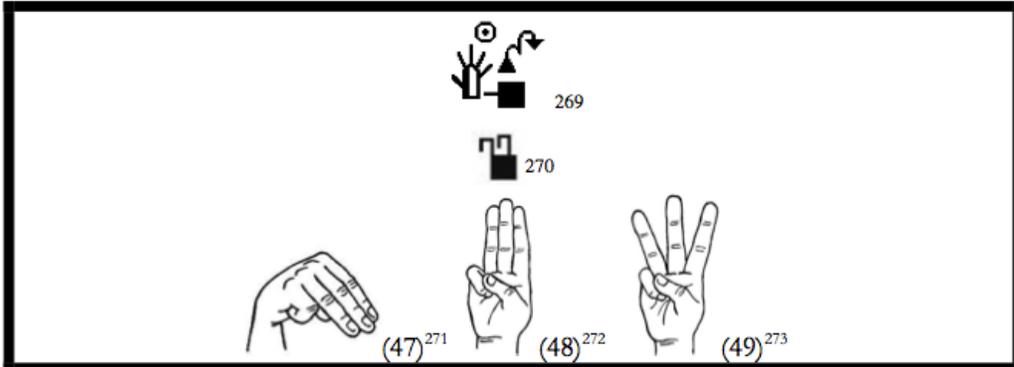
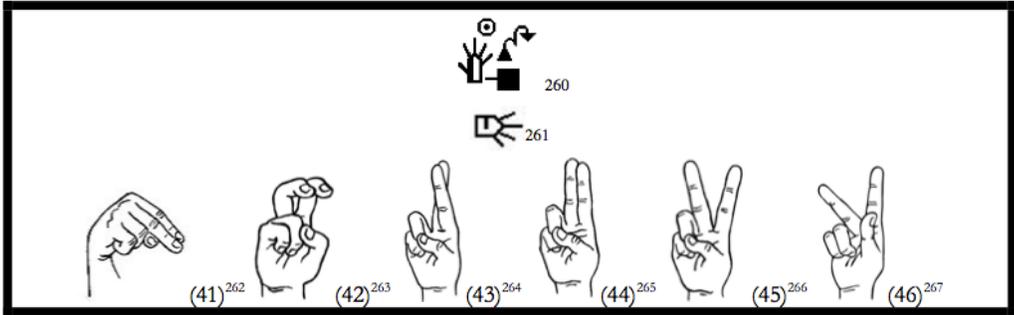
Com o passar do tempo, surgiram mais pesquisadores da Língua de Sinais, como Pimenta e Quadros (2006) que apresentam 61 CMs em LSB, como configurações possíveis de formas que as mãos apresentam na realização dos sinais. O quadro abaixo mostra esta outra classificação de CMs da LSB:



Figura 03: Quadro de CMs da LSB, por Pimenta e Quadros (2006, p.63)

Em 2009, a pesquisadora Faria-Nascimento (2009), na sua tese de doutorado, defendeu e identificou mais 14 configurações, totalizando 75 configurações de mãos, conforme mostra o quadro baixo:





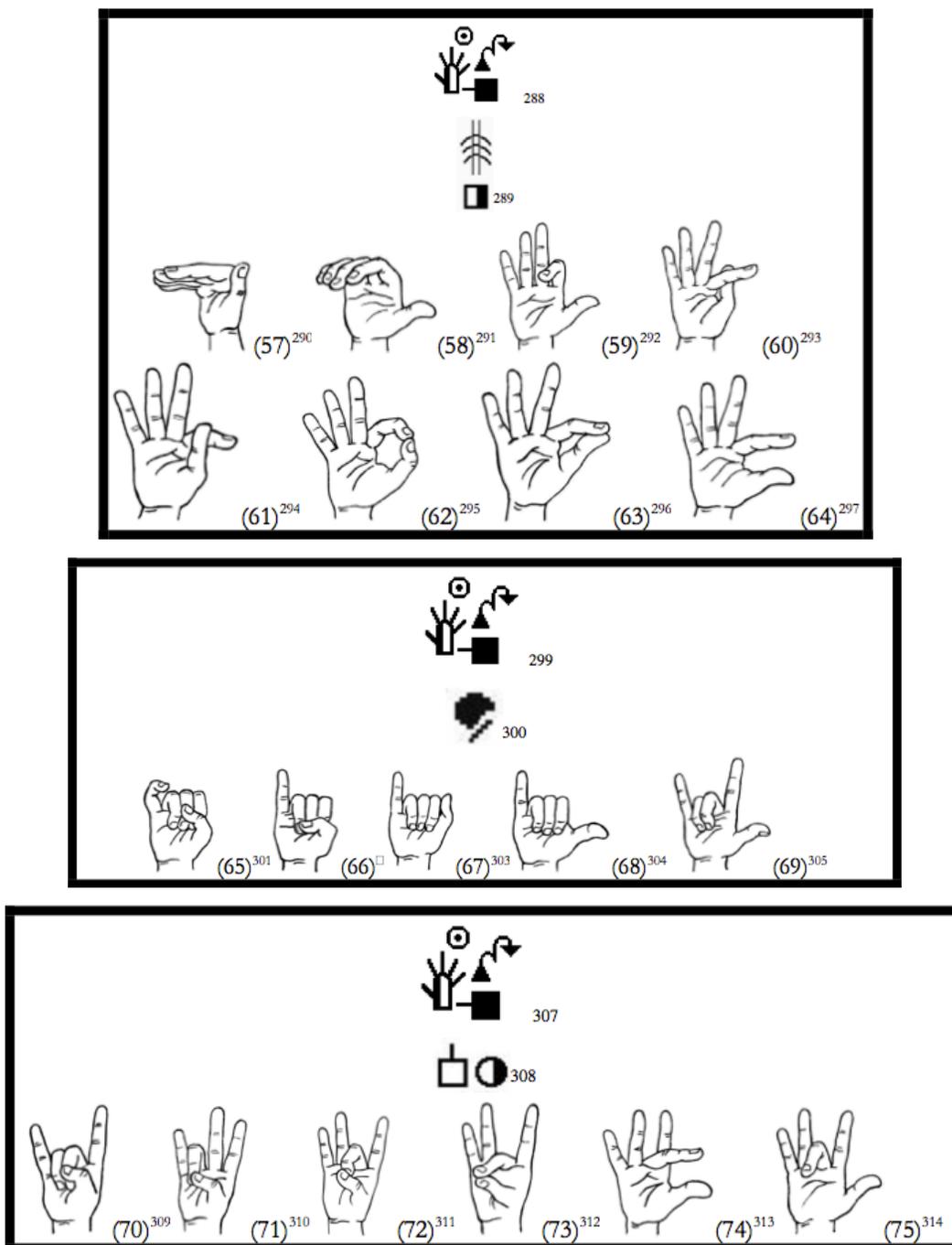


Figura 04: Faria-Nascimento, (2009, p.177-183).

O segundo parâmetro de que trataremos é o ponto de articulação.

Ponto de articulação (PA) é o lugar onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro, como no exemplo seguinte.

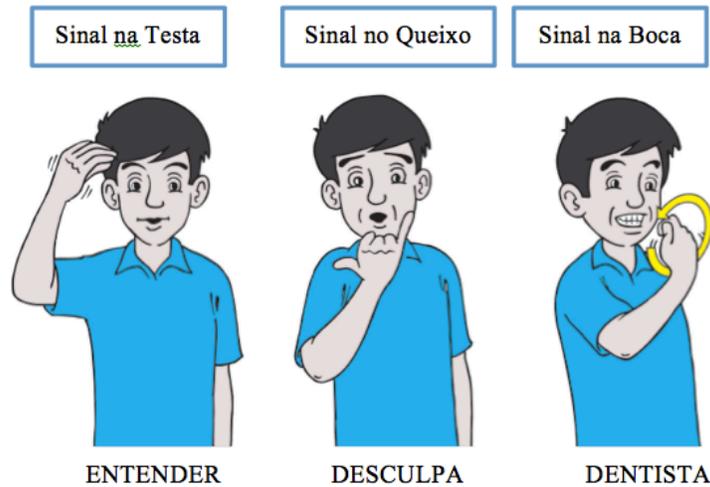


Figura 05: Ilustrador Fábio Sellani

Para Castro (2010, p.21)

O ponto de articulação é uma das principais unidades mínimas que compõe os parâmetros. Os sinais podem ser produzidos envolvendo quatro pontos de articulação: tronco, cabeça, mão e espaço neutro e subespaços (nariz, boca, olho, dentre outros).

Vejamos os locais onde podem ser produzidos os pontos de articulação em LSB.



Figura 06: imagem cedida pelo instrutor de Libras da SME.

Ferreira-Brito (1995) apresenta os diferentes pontos de articulação possíveis na LSB agrupados de acordo com a parte do corpo envolvida: (C) cabeça, (T) tronco, (B) braços, (M) mão e considera ainda dois pontos isolados: (P) perna, (EN) espaço neutro, no que diz respeito ao espaço que abrange as várias partes do corpo. As áreas de articulação mais frequentes na LSB são:

C CABEÇA		T TRONCO	
Σ	topo da cabeça	P	pescoço
T	testa	O	ombro
R	rosto	B	busto
S	parte Orelha superior do rosto	E	estômago
I	parte inferior do rosto	C	cintura
P	orelha	B BRAÇOS	
O	olhos	S	braço
N	nariz	I	antebraço
B	boca	C	cotovelo
D	bochechas	P	pulso
Q	queixo		
A	zona abaixo do queixo		
M MÃO		P PERNA	
P	palma	EN ESPAÇO NEUTRO	
C	costas da mão		
L1	lado do indicador		
L2	lado do dedo mínimo		
D	dedos		
Dp	ponta dos dedos		
Dd	nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)		
Dj	nós dos dedos (primeira junta dos dedos)		
D1	dedo mínimo		
D2	anular		
D3	dedo médio		
D4	indicador		
D5	polegar		
V	interstícios entre os dedos		
V1	interstícios entre o polegar e o indicador		
V2	interstícios entre os dedos indicador e médio		
V3	interstícios entre os dedos médio e anular		
V4	interstícios entre os dedos anular e mínimo		

Fonte: Quadro de Ferreira-Brito (1995, p.216-217)

Faria-Nascimento (2009) afirma que há uma sequência dos PAs, como citaremos adiante.

ORDEM PARA O PARÂMETRO: PONTO DE ARTICULAÇÃO
(1) costas (parte alta) > (2) ombros > (3) pescoço (atrás) > (4) nuca > (5) cabeça (atrás) > (6) cabeça (topo) > (7) testa > (8) sobrancelha > (9) olhos > (10) orelha > (11) nariz > (12) lábio (superior) > (13) dentes > (14) língua > (15) lábio (inferior) > (16) bochecha > (17) queixo > (18) pescoço > (19) braço (externo) > (20) cotovelo > (21) antebraço (externo) > (22) pulso (externo) > (23) mão (dorso) > (24) dedos (externo) > (25) dedos (interno) > (26) mão (palma) > (27) pulso (interno) > (28) peito > (29) seios > (30) abdômen > (31) cintura > (32) região pélvica > (33) quadril > (34) coxa > (35) nádegas > (36) costas (parte baixa)

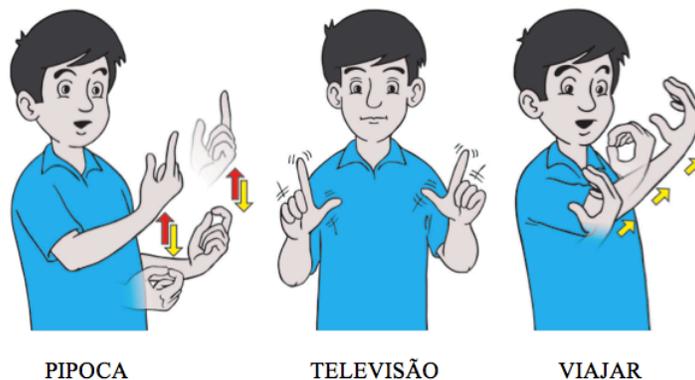
Fonte: FARIA-NASCIMENTO (2009, p.195)

O movimento é o terceiro parâmetro fonológico.

Movimento (M) é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, os movimentos direcionais no espaço até conjuntos no mesmo sinal (KLIMA & BELLUGI, 1979, apud FERREIRA-BRITO, 1995). Os sinais podem ter um movimento ou não. Por exemplo, os sinais PENSAR e EM-PÉ não têm movimento; já os sinais EVITAR e TRABALHAR possuem movimento. É preciso observar que:

Dois movimentos podem ocorrer no mesmo sinal sob certas condições. Se um M é uma trajetória (em Brentari [direção] ou [traço], com formas de “arco”, “reta”, “círculo”) e outro é local (mudanças de abertura, orientação ou colocação), ambos podem ocorrer simultaneamente em um único sinal. Existem também sinais da ASL que permitem a sequência de um círculo seguido de um M reto. A repetição de um M é, também, tratada com um único sinal. (BRENTARI, 1996, p. 54)

Nos sinais abaixo, o Movimento é uma importante unidade mínima.



PIPOCA

TELEVISÃO

VIAJAR

Figura 07: Ilustrador Fábio Sellani

Com relação ao parâmetro Movimento (M), FARIA-NASCIMENTO (2009, p. 203) ressalta no movimento os seguintes componentes: primeiro direção, segundo modo, terceiro frequência, quarto tipo, quinto intensidade como se pode ver no quadro abaixo:

ORDEM PARA O PARÂMETRO: MOVIMENTO
<i>DIREÇÃO</i>
para frente > para trás
para baixo > para cima
para direita > para esquerda
para diagonal (direita) > para diagonal (esquerda)
do centro > para fora
<i>MODO</i>
- simultâneo > alternado
<i>FREQÜÊNCIA</i>
- pontual > repetido
<i>TIPO</i>
- descritivo: de nó ou de laço; de figuras geométricas; de símbolos: cruz etc.
- trajetória: linear > trêmulo > balançado (horizontalmente (negativamente), verticalmente (afirmativamente) > oscilado > ondulado > curvo > arqueado > circular > giratório > espiralado > ziguezagueado
<i>INTENSIDADE</i>
lento / fraco > rápido / forte
do menos-movimento > mais-movimento;
do movimento mais simples > movimento mais complexo;
do movimento mais curto > movimento mais longo;
Mov. inicial > Mov. final
dos dedos, do punho, do braço e antebraço

Fonte: FARIA-NASCIMENTO (2009, p.203)

O quarto parâmetro fonológico de que trataremos é a orientação da palma da mão.

Orientação da palma (OP), Segundo Liddell e Johnson (1989), a orientação da mão é importante quer em termos de contraste lexical, quer em termos de funcionamento morfológico.

Os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima. Assim, os sinais ALTO, NOVO, GARFO se opõem em relação à direcionalidade.

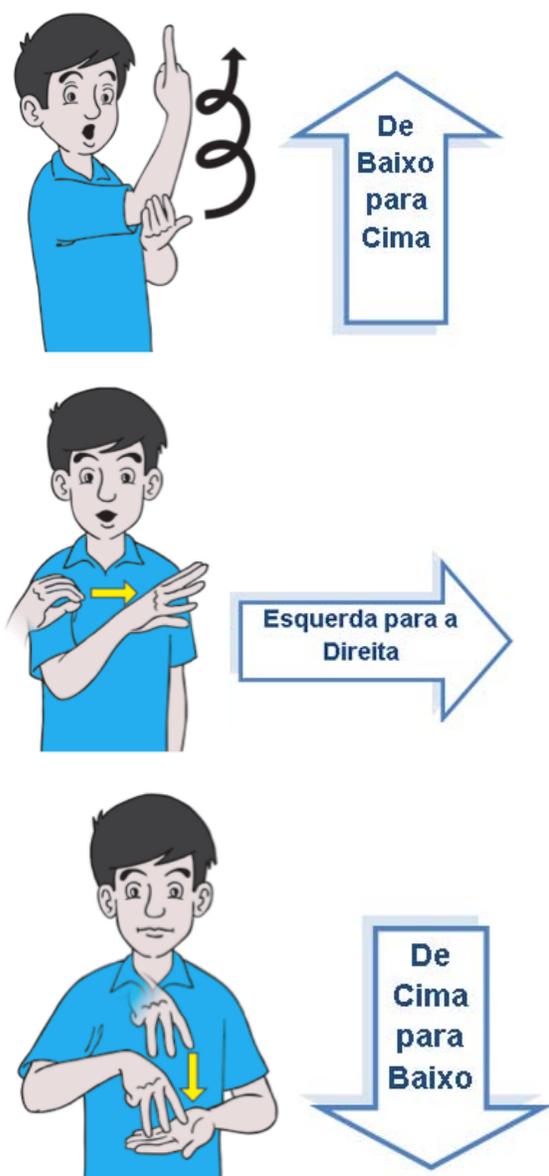
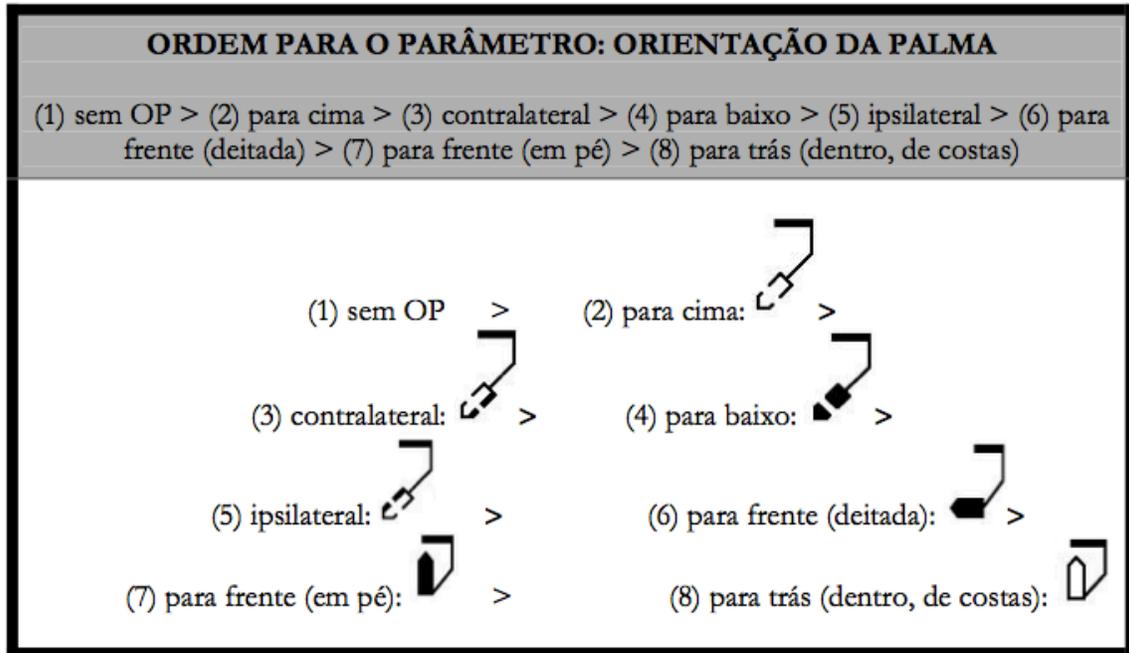


Figura 08: Ilustrador Fábio Sellani

Faria-Nascimento pesquisou uma proposta de classificação dos tipos de orientação da mão que ela denomina orientação da palma da mão (OP): 1 – sem OP, 2 – para cima, 3- contralateral, 4 – para baixo, 5 – ipsilateral, 6 – para frente (deitada), 7 – para frente (em pé) e 8 – para trás (dentro de costas), já codificadas em signwriting, como podemos ver na figura a seguir:



Fonte: Faria-Nascimento (2009, p.198)

O último parâmetro fonológico que mostraremos é a expressão não-manual.

As Expressões Não-Manuais (ENMs) são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial, também funções gramaticais na LSB.

Para Faria-Nascimento (2010, p.17) “As ENMs podem movimentar as bochechas, os olhos, a cabeça, as sobrancelhas, o nariz, os lábios, a língua e o tronco”, como no exemplo seguinte:

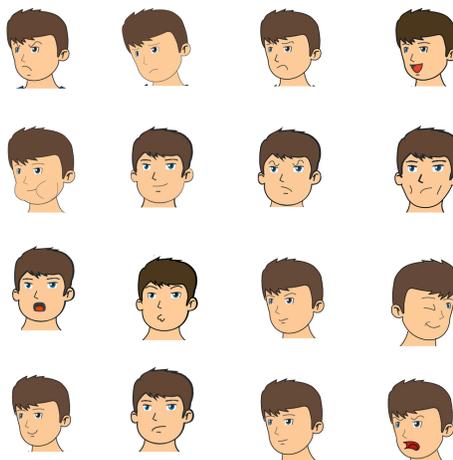


Figura 09: Apostila Libras Curso Online Secretária de Educação, de São Paulo, p. 22.

Ferreiro-Brito (1995) chama atenção para 23 unidades distintivas, agrupando-as de acordo com a parte do corpo envolvida: (1) rosto – subdividido em parte superior e parte inferior, (2) cabeça, (3) rosto e cabeça e (4) tronco, conforme o quadro reproduzido abaixo:

ROSTO	
<u>Parte superior</u>	
~	sobrancelhas franzidas
Ô	olhos arregalados
Λ	lance de olhos
∩	sobrancelhas levantadas
<u>Parte inferior</u>	
db	bochechas infladas
bd	bochechas contraídas
=	lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb	correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b	apenas a bochecha direita inflada
m	contração do lábio superior
χ	franzir do nariz
CABEÇA	
+	balanceamento para frente e para trás (sim)
-	balanceamento para os lados (não)
γ	inclinação para frente
/	inclinação para o lado
⋈	inclinação para trás
ROSTO e CABEÇA	
wh	cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando?, porque?)
wô	cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)
TRONCO	
→	para frente
←	para trás
ΛV So	balanceamento alternado de ombros
ΛΛ S	balanceamento simultâneo de ombros
Λ	balanceamento de um único ombro

Fonte: Ferreira-Brito (1995, p.241-242)

Faria-Nascimento (2009), defende que as expressões mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos, e as mais abertas a sentimentos positivos, conforme a ordem para as expressões faciais:

“As expressões faciais mais fechadas (expressões associadas a sentimentos mais negativos como braveza, tristeza, desconforto, preocupação) seguem-se pelas expressões faciais mais abertas (expressões associadas a sentimentos mais positivos como alegria, tranquilidade, prazer)”. (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 207)

E a autora apresenta ordem seguinte:

ORDEM PARA O PARÂMETRO: EXPRESSÃO FACIAL	
ULs sem expressão facial > ULs com expressão facial (mais fechada > mais aberta)	
a)	sobrancelhas franzidas > arqueadas;
b)	olhos fechados > olhos semi-abertos > olhos abertos > olhos arregalados;
c)	arcada dentária cerrada > arcada dentária batendo os dentes > arcada dentária aberta e aparente;
d)	batendo a língua entre os lábios > língua ou ponta da língua para fora;
e)	lábios cerrados (mastigar) > lábios protuberantes (beijo/ bico) > lábios semi-abertos (soprando / expirando / inspirando / abrindo e fechando) > simulando fala > lábios estalando > lábios abertos > bocejo;
f)	bochechas sugadas > bochecha distendida pela ponta da língua > bochechas infladas.
Obs.:	
- As EFs mais fechadas estão associadas a sentimentos negativos.	
- As EFs mais abertas estão associadas a sentimentos positivos.	

Fonte: Faria-do-Nascimento (2009, p. 207)

Para grafar os sinais da LSB em língua portuguesa utiliza-se letra maiúscula e a datilologia (alfabeto manual), usada para expressar nomes de pessoas, lugares e outras palavras que não possuem sinal, serão representadas pelas letras das palavras, em língua portuguesa, separadas por hífen. Ex.: M-A-R-I-A, V-E-L-O-C-I-P-E-D-E. Os verbos são apresentados no infinitivo e todas as concordâncias e conjugações feitas no espaço.

Ex.: EU QUERER COMER

Para elaborar a frase acima faz-se necessário obedecer à estrutura da LSB, e não à do Português.

Ex.: VOCÊ GOSTAR FILME? (Você gostou do filme?). CASA EU IR? (Você vai a minha casa?) Os pronomes pessoais são representados pelo sistema de apontação. Apontar em LSB é culturalmente e gramaticalmente aceito.

Pela apresentação dos parâmetros, podemos perceber que as línguas orais e as línguas de sinais são similares no nível estrutural, provando assim que se constituem de unidades simples que, ao serem combinadas formam unidades complexas, pois “Sentenças e frases são construídas de palavras; palavras são construídas a partir de morfemas, por sua vez, construídos a partir de fonemas” (Pinker, 1995, p. 162). Como é amplamente conhecido, todas as línguas funcionam como sistemas combinatórios discretos.

1.2. Mitos e falsos conceitos sobre a LSB

A palavra mito é descrita por Ferreira (2004) como uma espécie de narrativa simbólica, transmitida oralmente em determinado grupo e normalmente não questionada por ele. Relaciona-se a coisas ou pessoas fictícias ou irrealis. Concordamos que os mitos são histórias fictícias que, conseqüentemente, não têm fundamento científico mas que povoam o imaginário coletivo e o senso comum, assumindo status de verdade por vezes incontestável.

No caso das Línguas de Sinais, ainda persistem muitas concepções equivocadas, que distorcem a realidade da língua e não correspondem de fato aos valores que lhes são atribuídos. Ela faz parte da cultura surda e, assim como qualquer outra, é carregada de significação social. Esta, ao mesmo tempo em que permite a troca de informações e ideias, veicula discursos, expressa subjetividades e também identidades. Ela é considerada, assim, uma Língua Natural desenvolvida pela comunidade surda, possibilitando o acesso dessas pessoas a todas as atividades sociais.

O mesmo ocorre com o uso de sinais pelos surdos. A Língua de Sinais constitui muito mais do que uma língua com fins meramente comunicativos, uma vez que representa a expressão da identidade de uma comunidade (SKILAR, 1998; PERLIN, 1998).

A seguir, veremos alguns mitos comuns acerca da língua de sinais.

1.2.1. Mito 1: A Língua de Sinais é uma mistura de gestos e mímicas

Muitos acreditam que a LSB é uma mistura de gestos e mímica, mas esta crença é falsa, pois os sinais são palavras na relação entre o significado e o significante de modo visual. Os sinais expressam sentimentos, emoções, inclusive ideias abstratas. As línguas de sinais são as línguas naturais das comunidades de surdos, pois segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 30):

[...] uma realização específica da faculdade de linguagem que se dicotomiza em um sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários.

Dessa forma, as línguas de sinais não são apenas gestos e mímicas utilizados para facilitar a comunicação entre os surdos. Elas constituem um sistema linguístico complexo e muito bem estruturado como as línguas orais. São reconhecidas pela Linguística como uma língua viva e autônoma composta por aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos próprios. Por meio dessa língua, seus usuários podem expressar pensamentos simples e também complexos. Nesse processo, eles utilizam a expressão facial e corporal para fazer afirmações, negações, questionamentos, enfatizar, omitir, salientar, demonstrar desconfiança, etc. Assim sendo,

[...] em Línguas de Sinais, são utilizadas marcas não-manuais, como expressões fisionômicas e movimentos do pescoço, em sincronia com o movimento manual, enquanto em línguas orais, é utilizada a modulação do contorno melódico (entoação e intensidade) da cadeia linguística, em sincronia com os segmentos fônicos (SALLES, FAULSTICH, CARVALHO & RAMOS et al., 2002).

Enquanto nas Línguas Orais a modalidade é oral-auditiva, nas Línguas de Sinais, a modalidade é espaço-visual; o que é reconhecido por palavra ou item lexical nas línguas orais-auditivas denomina-se sinal nas línguas espaços-visuais (SACKS, 1998).

1.2.2. Mito 2: A língua de Sinais é Universal

Embora seja possível traçar um histórico das origens das línguas e identificar parentescos e semelhanças nos níveis das línguas humanas, alguns fatores favorecem para a diversificação e a mudança da língua dentro de sua comunidade linguística. Por isso, a Língua de Sinais não é universal, cada país tem a sua própria. Dessa forma, quando um surdo aprende uma segunda Língua de Sinais, por exemplo, ele utiliza sinais com sotaque estrangeiro. Quadros e Karnopp (2004, p. 33) ressaltam que:

Fazendo-se um exame dos dicionários das Línguas de Sinais de alguns países, comprova-se que nem todas as pessoas surdas fazem referência a um determinado referente usando o mesmo sinal. Woodward (1975c – comunicação pessoal, apud Battison 1978) compara 872 sinais da Língua de Sinais americana e francesa e conclui que, embora estas duas línguas sejam relacionadas historicamente, apenas 26, 5% dos sinais são idênticos. Além disso, pesquisas realizadas com surdos de 17 países demonstram que as línguas de sinais de diferentes países em geral não são entendidas por surdos estrangeiros.

Então, a Língua de Sinais Brasileira (LSB) é diferente da Língua de Sinais Americana (ASL), assim como estas são diferentes da Língua de Sinais Italiana (ISL), Língua de Sinais Japonesa (JSL) e assim por diante. Em qualquer lugar em que existam surdos interagindo, haverá a presença das línguas de sinais, não podendo assim considerar a língua de sinais como universal visto que esta não pode funcionar em todas as sociedades de modo uniforme sem a influência de seus usuários.

1.2.3. Mito 3: A língua de sinais é a representação sinalizada da língua oral

As Línguas de Sinais não são simplesmente uma versão manual das Línguas Oraís. Elas são completamente independentes umas das outras. Portanto, a Língua de Sinais, assim como a língua falada, é composta por sua própria gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos que preenchem os requisitos básicos para ser considerado um instrumento linguístico eficiente. Esses aspectos constituem uma configuração sistêmica de uma nova modalidade de língua.

A língua de sinais tem estrutura própria e é autônoma independente de qualquer língua oral em sua estruturação linguística. Do ponto de vista educacional, o uso da língua oral sinalizada tem se tornado alvo de críticas, pois se insere na filosofia do bimodalismo. Dentro desta concepção encara-se a língua de sinais como meio para se

alcançar um fim, ou seja, ensinar a falar a língua oral. Ferreira Brito (1993), a este respeito diz que é impossível preservar as estruturas das duas línguas, usando a língua de sinais para falar a língua oral. Além disso, Sacks (1990) também crítica o uso do bimodalismo pois, ao tentar ensinar a língua oral para o surdo, esta acaba tornando-se uma pseudolíngua intermediária. O fato de a língua de sinais estar presente em uma comunidade majoritária oral, faz com que ela use de empréstimos, mesclas e hibridismo. A língua de sinais é tão natural e tão complexa quanto as línguas orais, dispondo de recursos expressivos suficientes para permitir aos seus usuários expressar-se sobre qualquer assunto, em qualquer situação, domínio do conhecimento e esfera de atividade. Mais importante, ainda: é uma língua adequada à capacidade de expressão dos surdos.

1.2.4. Mito 4: A LSB é derivada do Português

Os abades foram os primeiros usuários da Língua Francesa de Sinais. Eles a utilizavam na educação dos alunos surdos que, na ocasião, era realizada nos mosteiros. Dessa forma, a comunicação espaço-visual se difundiu pela Europa e, posteriormente, para a América, chegando ao Brasil no século XX. Por isso, alguns sinais da LSB, da Língua Francesa de Sinais e da Língua Americana de Sinais são parecidos. Assim como existem palavras muito semelhantes no português e no inglês (bebê e baby) há também algumas semelhanças de vocabulário nas línguas de sinais do Brasil, dos EUA e da França.

Para se comunicar em LSB, não basta apenas conhecer sinais. É necessário conhecer a sua gramática para combinar as frases, estabelecendo comunicação. Os sinais surgem da combinação de configurações de mão, movimentos e de pontos de articulação - locais no espaço ou no corpo onde os sinais são feitos, os quais, juntos, compõem as unidades básicas dessa língua. Assim, a LSB se apresenta como um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Mesmo que em cada país haja uma língua de sinais própria, não é possível estabelecer uma homogeneidade linguística em todo o seu território, pois, em locais onde há a reunião de um grupo de sinalizantes, há também abertura para criação de novos falares ou modificações nos falares produzidos, e todos esses novos modos estão

carregados de peculiaridades da região. São os chamados regionalismos que existem não só na LSB, mas nas línguas de sinais em geral e nas línguas orais, como ocorre com o português, por exemplo, nas palavras macaxeira, aipim e mandioca, que se prestam a designar a mesma coisa.

1.2.5. Mito 5: A língua de sinais é o alfabeto manual

A datilologia é a soletração de uma palavra usando o alfabeto manual da LSB. Na Língua de Sinais Brasileira, podemos nos referir a algo ou alguém usando a datilologia, alfabeto manual onde cada CM corresponde a uma letra, também podemos utilizar um sinal específico para o que queremos dizer. Já o sinal é formado a partir da combinação da configuração de mãos, em um determinado lugar, podendo este lugar ser uma parte do corpo ou espaço em frente ao corpo.

A datilologia é mais usada para expressar nome de pessoas, localidades e outras palavras que não possuem um sinal específico. Às vezes, uma palavra da língua portuguesa, que por empréstimo passou a pertencer à LSB, por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, será apresentada pela soletração ou parte da soletração, como as palavras “reais” e “nunca”, por exemplo. Uma pessoa que não é surda pode usar a datilologia quando não sabe o sinal correspondente do que quer falar com um surdo. Para ele entender do que se trata devemos soletrar, usando o alfabeto manual.

As diferentes línguas de sinais utilizam diferentes alfabetos, algumas utilizam uma mão e outras duas. Este alfabeto manual se utiliza para as palavras ou nomes que não têm sinal, ainda que algumas palavras também se soletrem com este alfabeto mesmo que tenham um sinal equivalente. Esta forma também pode utilizar-se para enfatizar, esclarecer ou para ensinar ou aprender língua de sinais. A difusão do alfabeto datilológico de uma só mão entre os ouvintes gerou a pressuposição de que esse alfabeto é a própria língua de sinais, que há uma única língua de sinais e que essa língua é universal. No entanto, o alfabeto datilológico é apenas um suplemento das línguas de sinais, cuja função é a soletração de palavras das línguas orais, tais como, nomes próprios, siglas, empréstimos, etc.

De acordo com o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), o alfabeto datilológico usado atualmente no Brasil é um conjunto de 27 formatos, ou configurações diferentes de uma das mãos; cada configuração corresponde a uma letra do alfabeto do português escrito, incluindo o "Ç". É aconselhável soletrar devagar, formando as palavras com nitidez. Entre as palavras soletradas, é melhor fazer uma pausa curta ou mover a mão direita para o lado esquerdo, como se estivesse empurrando a palavra já soletrada para o lado.

Os sinais de pontuação, tais como, vírgulas, ponto final e de interrogação, às vezes, são desenhados no ar. Preposições e outras classes de palavras de que a língua não dispõe são inseridas na sinalização por meio da datilologia, ou do alfabeto manual. É possível perceber que estes são mitos que ficaram muitos anos no pensamento das pessoas, e o que hoje se tem feito é provar que a língua de sinais é uma língua natural.

Como foi possível observar, alguns dos mitos que rondam as línguas de sinais são frutos apenas da falta de informação sobre as propriedades destas línguas. Esses mitos, no entanto, são ainda correntes e prejudicam, certamente, o desenvolvimento linguístico de alguns surdos, bem como desprestigiam a língua falada por estes indivíduos.

2.1. Breves reflexões sobre Semântica Lexical

A Semântica Lexical é um ramo da linguística semântica. As unidades de significados na semântica lexical são chamadas de unidades lexicais. Um locutor pode adicioná-las continuamente ao longo de sua vida, aprendendo novas palavras e seus significados. Por outro lado, é mais fácil aprender facilmente regras gramaticais da própria língua nativa durante um período crítico, quando se é jovem.

A semântica lexical abrange teorias da classificação e da decomposição do significado das palavras, incluindo as diferenças e semelhanças na estrutura semântica lexical entre línguas diferentes, assim como a relação de significados na estrutura sintática de sentenças.

Uma questão que a semântica lexical explora é se o significado de uma unidade lexical é estabelecido por seu uso e função em dada rede semântica, ou se o significado já está localmente contido no unidade lexical. Outro tema que é explorado é o mapeamento dos conceitos nas palavras. E as relações lexicais (definidas como padrões de associação existentes entre itens lexicais em uma linguagem), como sinonímia, antonímia (opostos), hiponímia e hiperonímia - e até certo ponto homonímia bem - são utilizados neste campo.

Neste capítulo de nossa dissertação, faremos uma breve reflexão sobre a Semântica Lexical, partindo de suas raízes na filosofia da linguagem e seguindo para a história na disciplina. Para o falante comum, aqui compreendido como o usuário da linguagem despreocupado com o estudo científico, a necessidade de compreender o significado de palavras isoladas é o mais relevante. Ou seja, para tal falante, o fato de que as palavras, quando organizadas em sentenças, contribuirão para compor e determinar o significado da sentença, de modo a ser possível até mesmo perder seu significado tido como original, não é tão importante quanto o uso e significado desvinculado de contextos específicos. Por exemplo, o falante comum não está preocupado em como o significado da sentença “Galinhas não voam” é dado por uma função do significado de “galinhas”, adicionado a

“voar” e do conetivo lógico da negação, “não”, mas com o fato de que a sentença como um todo significa algo e como essas palavras têm significado isoladamente.

Dessa forma, fez-se necessária a criação de dicionários capazes de compilar de maneira organizada os diferentes significados das palavras que compõem uma determinada língua, ou seja, o léxico dessa língua, para que os falantes possam buscar o significado daquelas palavras que desconhecem.

Como síntese de um pensamento teórico coerente, apresentaremos na continuidade desta seção os pensamentos de Tarski (1944), Carnap (1956), Quine (1968), Putnam (1975), Brauner (1998) e Rosch (1975) por meio de uma interpretação relativamente livre.

Tarski (1944) possivelmente tenha tido um dos mais brilhantes *insights* quanto à interface entre a Lógica e a Linguagem Natural: comparar as categorias lógicas às categorias semânticas, e, ao mesmo tempo, sustentar as condições de verdade como base para a significação da sentença. Mas o problema do modelo de Tarski foi relacionar a diferença entre o significado de palavras pertencentes a uma mesma classe, que, no máximo, referiam os mesmos objetos no mundo.

Mais tarde, Carnap (1956) ressalta que a interpretação semântica era entendida como uma espécie de tradução de uma linguagem para outra, com a modificação do significado de uma palavra para outra palavra de significado correspondente.

Podemos compreender que, como Tarski (1944), Carnap (1956) compara as categorias lógicas às categorias semânticas. Isso, somado às intenções, garantiria a referência e a diferença no sentido – do ponto de vista da linguagem natural, mas não do ponto de vista lógico. Tarski e Carnap falham em provar o ponto de vista lógico. Mas conseguem provar o que significado está relacionado às condições de verdade, o que, novamente, não manifesta o significado de uma palavra.

Carnap (1956) acredita, então, que, para os postulados de significado, existem estipulações sobre as relações entre os diferentes itens lexicais. Mas, apesar de a teoria dos postulados de significado ser a que mais se aproxima do significado lexical, ainda

parece faltar algo na sua formulação. Assim, depois da teoria dos postulados de significado, aportam outras teorias descritivas para o significado das palavras. Essas teorias, cunhadas por diversos autores e chamadas de decomposicionalistas, investigam decompor cada item lexical em redes ou árvores representando todos os possíveis sentidos de tal item. Mas à referência, nem as teorias decomposicionalistas, nem a teoria dos postulados de significado parecem resolver. Ainda falta, por isso, uma interface entre a referência linguística e o mundo real.

Quine (1968) alerta para o problema da referência, explicitando a distinção entre sentido e referência (ou designação, em sua própria terminologia): para ele, referência é o modo como se atinge um objeto, e sentido é o que a palavra denota.

Putnam (1975) observa que se faz necessária uma teoria semântica, e de maneira mais profunda, uma teoria semântica que tenha por objetivo estudar as propriedades do significado das palavras. Para os estudiosos de tal disciplina, diferente do que acontece com os falantes comuns, estudar o significado das palavras por si só não é suficiente. É preciso abordar o contraste entre diferentes palavras e a forma como essas contribuem para formar o significado da sentença, em diferentes contextos e situações de uso. Esse aspecto do significado lexical, que chamamos estrutural ou composicional, é que tem sido estudado por semanticistas focados no léxico.

Para Brauner (1998) a questão da semântica lexical teve seus primórdios com Frege, que trouxe a questão do significado para uma abordagem em interface com a lógica, ligando o significado da sentença às condições de verdade, mas sem deixar de se preocupar com o significado lexical de maneira isolada.

Na continuidade dos estudos, aparecem as teorias dos protótipos (Rosch, 1975) e estereótipos. Os protótipos, como apresentados por Rosch (1975), são os exemplos mais típicos de um determinado conceito, aqueles objetos que nos vêm à mente quando pensamos em um certo conceito. Já os estereótipos, introduzidos por Putnam (1975), são as características gerais associadas a um determinado conceito. O problema é: as teorias sobre protótipos e estereótipos conseguiram encher completamente o vazio teórico entre o mundo real e a referência linguística? A resposta para tal pergunta é sim e não.

Por um lado, as teorias sobre protótipos e estereótipos não conseguem, realmente, mostrar como se dá a passagem da referência linguística para o objeto no mundo real. Por outro lado, essas teorias demonstram que existe algo cognitivo quanto à ligação mundo-referência.

As ideias apresentadas servem de base para a continuidade desta pesquisa. No próximo tópico, discutiremos as diferenças entre monossemia, polissemia e homonímia.

2.2. Diferenças entre monossemia, polissemia e homonímia

As palavras estabelecem relações entre si e classificá-las segundo conceitos de monossemia, polissemia e homonímia muitas vezes é definir uma em oposição à outra. Por exemplo, os itens lexicais polissêmicos se opõem aos itens lexicais homonímicos e esses itens causam algumas ambiguidades no uso da língua, como é o caso de duplo significado de algumas enunciados ou sentenças.

Na perspectiva de Silva (1999), em termos gerais, polissemia designa o fenômeno segundo o qual uma palavra apresenta mais do que um significado. Trata-se de com uma mesma palavra apresenta vários significados, tal como papel ‘matéria fabricada com fibras vegetais’, ‘folha’, ‘pedaço de papel’, ‘documento’, ‘ação, influência ou função’, etc., é assim denominada polissêmica. O conceito oposto ao de polissemia é o de monossemia, que é uma palavra com um único significado.

Tradicionalmente, os homônimos são entendidos como palavras de significados diferentes com uma forma igual. Lyons (1987, p. 142) entende que, a princípio, a diferença entre homonímia e polissemia está na afirmação de que “a polissemia (ou significado múltiplo) é uma propriedade de lexemas simples”. Ele relata:

Por exemplo, ‘bank1’ [margem de rio] e ‘bank2’ [instituição financeira] são normalmente tidos como homônimos, ao passo que ‘neck’ [pescoço, gargalo] é normalmente tratado pelos dicionários do inglês como um único lexema com diferentes significados: ou seja, como polissêmico. Nosso sistema de notação pode captar a distinção entre homonímia e polissemia; haja vista ‘bank1’ e ‘bank2’, cada um podendo na realidade ser polissêmico; mas ‘neck’, cujos significados são, grosso modo, ‘neck1’ = “parte do corpo”, ‘neck2’ = “parte da camisa ou vestimenta” [gola], ‘neck3’ = “parte da garrafa”, ‘neck4’ = “faixa estreita de terra” [restinga], etc. (LYONS, 1987, p.142).

Para Cançado (2008, p. 63), “a homonímia ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados”. Permanecem palavras homógrafas, com sentidos totalmente diferentes para a mesma grafia e o mesmo som; e as homófonas, com sentidos totalmente diferentes para o mesmo som de grafias diferentes. E quanto à polissemia, Cançado (2008, p. 63) atesta que existe uma diferença entre homonímia e polissemia tradicionalmente assumida pela literatura semântica, mais especificamente pela lexicologia. Todos os dois fenômenos lidam com os vários sentidos para uma mesma palavra fonológica, entretanto polissemia ocorre quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si. A homonímia e a polissemia são exemplos de como desfazer a ambiguidade lexical.

Em seu estudo sobre a semântica do verbo DEIXAR, Silva (1999) escreve sobre esse assunto em um capítulo designado “o problema da polissemia”. Nesse capítulo o autor descreve a polissemia, a homonímia, a vaguidade e a ambiguidade fazendo contrastes entre os conceitos. Para ele homonímia: palavras diferentes com a mesma forma gráfica - homógrafas, e palavras diferentes, com a mesma forma fônica, são homófonas. Logo, palavras diferentes com a mesma forma fônica, como *coser* e *cozer* são homófonas, já *pregar* [pre'gar] e *pregar* [pre'gar] são homógrafas. Assim, palavras homógrafas ou homófonas são tipos particulares de homonímia. Quanto à classe gramatical das palavras homônimas, há uma distinção entre homonímia perfeita/ absoluta, quando pertencem a uma mesma classe gramatical, e homonímia imperfeita, quando são de classes diferentes, por exemplo, *banco* (instituição) e *banco* (assento) são homônimos perfeitos, *colar* (verbo) e *colar* (substantivo) são homônimos imperfeitos.

Do ponto de vista dessas concepções gerais, polissemia e homonímia distinguem-se pelo fato de a primeira envolver uma mesma origem lexical com vários significados e a segunda provém de diferentes origens lexicais (e conseqüentemente diferentes significados) com a mesma forma. Dito de outro modo, enquanto a polissemia designa uma multiplicidade de significados, a homonímia está distribuída por vários itens lexicais diferentes. Mas dado que na prática nem sempre é fácil saber se duas ocorrências semanticamente diferentes de uma mesma forma pertencem a uma mesma palavra ou representam duas palavras (homonímias), admite-se então que a polissemia implica a

existência de uma relação entre os vários significados, ao passo que a homonímia envolve significados inteiramente distintos e portanto não-relacionados.

Esses dois tipos de multiplicidade (ou polivalência) semântica de uma mesma forma (ou de um mesmo significante, na terminologia de Saussure) são, por vezes, compreendidos na noção de ambiguidade (lexical). Ullmann (1962), para citar apenas uma autoridade clássica, usa o termo ambiguidade (em particular, a expressão ambiguidade lexical) como hiperônimo de polissemia e homonímia. Mas convém observar que o termo ambiguidade (cujo termo oposto é univocidade) não é unívoco. Por um lado, ele pode designar estas e outras formas de multiplicidade ou melhor, de disjunção semântica (ambiguidade lexical, morfológica, sintática, fonética, consoante o fator linguístico que a determina) como fenômeno potencial, isto é, independentemente de um determinado ato verbal. Por outro lado, e é esse o seu sentido mais frequente, ambiguidade designa a presença de significados alternativos no ato verbal. Assim, enquanto papel é uma palavra polissêmica e banco (instituição de crédito) e banco (espécie de assento) são duas palavras homônimas, enunciados tais como “este é o teu papel“ e “Deixei as chaves no banco” serão ambíguos quando o contexto desse ato verbal não foi suficiente para desambiguar entre os diferentes significados de papel e de banco. Por outro lado ainda, há quem utilize ambiguidade apenas no sentido de polissemia, ou apenas no sentido de homonímia.

Silva (1999, p. 607) ressalta que o sentido mais frequente de ambiguidade indica a presença de significados alternativos, resultante de qualquer um dos fatores citados acima, no ato verbal.

Polissemia designa o fenômeno segundo o qual uma palavra apresenta mais de um significado. O conceito oposto ao de polissemia é o de monossemia, uma palavra com um único significado. A polissemia e a monossemia estão relacionadas ao uso discursivo que se faz de uma mesma palavra. Em geral, são os vocabulários técnicos que, por meio de definições construídas em seus discursos, operam modificações sêmicas que transformam palavras polissêmicas em monossêmicas, conforme Pietroforte e Lopes (2003).

Quanto à vaguidade, Silva (1999) explica que é definida tanto em oposição à ambiguidade como em oposição à polissemia. A ambiguidade implica uma escolha entre

significações alternativas impossíveis de se realizar, porque o contexto não fornece informação suficiente para essa escolha, na vaguidade (ou indeterminação), há falta de conteúdo relacionado a diferentes especificações não dadas e neutralizadas no contexto. Por exemplo: *Maria quebrou a jarra*. Não é ambíguo, mas vago quanto à intenção de **Maria (de propósito ou não)**. Enquanto a polissemia designa a existência de vários significados diferentes de uma mesma palavra, a vaguidade refere-se à não-especificação contextual. Por exemplo: *Estudante luta para concluir a faculdade*. Estudante não é polissêmico, mas vago em relação à dimensão do sexo, pois não é específico, há uma vaguidade do termo. Então, quando há variação entre significados diferentes ocorre a polissemia e dentro de um mesmo significado ocorre a vaguidade. E ainda quanto à vaguidade, a diferença pode ser semântica (quanto ao sexo) ou intencional (quanto à intenção)

Ullmann (1964, p. 364-374) afirma que, apesar de a homonímia ser muito menos comum e mais complexa do que a polissemia, seus efeitos podem ser tão graves ou até mesmo mais contundentes. Segundo ele, existem somente três processos pelo qual a homonímia pode surgir:

- (i) Convergência fonética, ou seja, o desenvolvimento de sons convergentes, isto é, quando dois ou mais itens lexicais tiveram, no passado, formas diferentes que coincidem na linguagem falada e escrita;
- (ii) Divergência semântica, ou seja, quando há o desenvolvimento de sentidos divergentes, isto é, “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída (...)” (ULLMANN, 1964, p.368). É o caso de palavras como **canal₁** (abertura, passagem de água, cavidade) e **canal₂** (meio de transmissão de sinais); **criação₁** (obra, invenção) e **criação₂** (animais domésticos criados conjuntamente), dentre muitos outros exemplos do português contemporâneo;
- (iii) Influência estrangeira, ou seja, quando palavras estrangeiras se introduzem em uma língua, adaptando-se ao sistema fonético e coincidem com outras palavras já existentes; conseqüentemente, surgem pares de homônimos. Além de ser um processo raro, “este tipo de influência estrangeira não é, pois trata-se de uma forma especial de desenvolvimentos fonéticos convergentes” (p.373).

Os conceitos de homonímia e polissemia parecem estar em consenso entre os estudiosos do assunto, mas na prática não é tão simples como aponta a teoria. A fronteira entre homonímia e polissemia ainda não é tão nítida, principalmente no que se refere ao critério adotado para distinguir uma palavra com significados semelhantes ou não. Na

maioria das vezes, recorre-se à etimologia do item lexical para resolver a questão, mas nem sempre esse critério consegue solucionar este problema. Porém, no dia-a-dia, o usuário de uma língua não recorre à etimologia para fazer distinção entre itens lexicais homônimos ou polissêmicos. Ele normalmente usa as pistas dadas pelos elementos que co-ocorrem no contexto linguístico dos textos (escrito ou oral) onde há uma solidariedade desses itens que contribuem para depreender o significado do enunciado.

2.3. Critérios para diferenciar polissemia de homonímia

Existe uma vasta discussão na linguística sobre a diferença entre polissemia e homonímia. Na literatura linguística, descobrem-se diversos critérios para diferenciar uma da outra, e aqui vamos citar os quatro mais conhecidos: etimologia, distribuição formal, semântico e intuição dos falantes.

O critério de etimologia parte da origem das palavras. As palavras polissêmicas teriam o mesmo étimo, enquanto as palavras homônimas seriam de étimos diferentes. Este critério tem se mostrado ineficaz.

Para Cuenca e Hilferty (1999, p. 130), muitas homonímias (a maior parte delas) “são atribuídas a polissemias que perderam a motivação originária, como no inglês iron. Iron₁ ‘ferro’ e iron₂ ‘prancha [eletrodoméstico]’ que, com o passar do tempo, tiveram as relações de significados obscurecidas na língua inglesa”.

O critério forma parte da distribuição de formas. Câmara (1970, p. 28-29) traz uma aplicação desse critério que seria a maneira como uma forma é distribuída em uma oração. Se a distribuição das formas for diferente, o resultado é a homonímia, se a distribuição das formas for igual, o resultado é a polissemia. Para Câmara as formas canto (verbo) e canto (substantivo) são formas homônimas, enquanto cabo (acidente geográfico), cabo (peça para segurar um instrumento) e cabo (posto militar) são uma única forma com significados polissêmicos, porque a distribuição das formas resulta numa única classe gramatical.

O critério semântico delimita como polissemia as relações entre significados e como homonímia a não-relação entre significados. Alguns autores, como Rehfeldt (1980) criticam o critério semântico porque nada impede que significados totalmente diferentes sejam considerados relacionados e classificados como polissêmicos. Este argumento não é válido quando trabalhamos com contextos de uso da língua que apontam quais outros significados podem ser relacionados ou não com o item lexical em estudo.

O critério de intuição dos falantes distingue polissemia de homonímia por meio de reconhecimento de semelhanças de significados, polissemia, ou de diferenças de significado, homonímia.

De acordo com Ullmann (1964), Demócrito tratou de uma questão importante para a linguística moderna: a multiplicidade de significados. Nela estão inseridas a polissemia, i.e., fenômeno semântico em que uma mesma palavra tem dois ou mais significados inter-relacionados, podendo, portanto, ocorrer em contextos diferentes, e a homonímia, i.e., fenômeno semântico em que duas ou mais palavras de significados diferentes têm a mesma grafia e/ou a mesma pronúncia.

A palavra *manga*, tem diversos significados que se aplicam a um tipo de fruta, a uma parte de camisa, à terceira pessoa singular no presente do indicativo do verbo *mangar*. Estes significados delimitam a palavra *manga* como homônima. Já a palavra *cabeça* é polissêmica por ter, dentre outros, os seguintes significados:

“extremidade superior do corpo humano e que contém órgãos como os que formam o encéfalo, os da visão, os da audição, os do olfato, etc.”; “parte da cabeça coberta pelo couro cabeludo”; “a sede da razão, do raciocínio”; “pessoa muito inteligente e/ ou culta”; “a extremidade mais dilatada de um objeto” (FERREIRA, 1999, p. 384).

As palavras homônimas podem ser subdividas em homógrafas e homófonas. As homógrafas são palavras que possuem a mesma forma gráfica. Por exemplo, ‘*espeto*’, substantivo, e ‘*espeto*’, forma da primeira pessoa no presente do indicativo do verbo *espetar*, são homógrafas. As homófonas são palavras que possuem a mesma pronúncia fonológica, como os verbos ‘*caçar*’ e ‘*cassar*’, e os famosos substantivos, que aparecem em quase todas as apostilas preparatórias para concursos, ‘*cessão*’, ‘*seção*’ e ‘*sessão*’.

Percebe-se que os homônimos podem ter a mesma forma gráfica e a mesma forma fonológica, o que os caracteriza como homônimos perfeitos. Exemplos de homônimos perfeitos são o substantivo ‘vela’, significado “peça de lona ou de brim destinada a, recebendo sopro do vento, impelir embarcações ou movimentar moinhos”, o deverbial vela, que significa “velamento” e o substantivo ‘vela’, significando “peça que produz a ignição nos motores de explosão” (FERREIRA, 1999, p. 253).

Essa dificuldade é admitida pelos semanticistas e lexicógrafos, que buscam critérios para decidir se o que ocorre com as palavras que analisam é polissemia ou homonímia. Já se falou do critério etimológico para isso, mas Lyons (1987, p.142) lembra que, embora os lexicógrafos possam sustentar que a etimologia “seja um condição suficiente para a homonímia, a diferença de origem nunca foi considerada necessária, ou sequer a mais importante das condições diferenciadoras entre homonímia e polissemia”. Assim, analisando-se as três palavras com a forma ‘manga’, percebemos que não há qualquer relação de significados entre elas: tipo de fruta, parte de roupa e forma verbal.

Para Lyons (1987), ainda que estudos sincrônicos mostrem que os significados de dadas palavras estão relacionados entre si, de forma a se provar a polissemia, o que importa é como os falantes nativos avaliam a dupla de palavras naquele momento: se julgarem não haver semelhança, irão considerar tais palavras como homônimas.

Yaguello (1997, p. 157-158) demonstra ter uma opinião semelhante à de Lyons:

Pode dizer-se que dois sentidos diferentes de uma mesma palavra (polissemia) são percebidos como duas palavras diferentes (homonímia) a partir do momento em que os locutores tenham perdido a consciência da existência de qualquer laço de natureza metafórica ou metonímica entre o sentido primeiro e os sentidos derivados, em suma, quando as figuras estão não apenas existentes, mas enterradas, a ponto de não se poder já reconstruir sua origem.

Parece que a intuição linguística do falante-ouvinte é um critério relevante para a diferenciação entre polissemia e homonímia.

Para Ullmann (1964, p. 378-379), os homônimos não causam problemas, pois “muitos homônimos só existem em teoria; na prática não há qualquer risco de confusão,

uma vez que pertencem a diferentes classes de palavras”. Vejamos alguns exemplos de Ullmann, extraídos da obra traduzida para português:

- a) Quando uma pessoa se casa, as contas aumentam. (VERBO)
- b) Josenilda está em casa? (SUBSTANTIVO)
- c) A ONU sempre cede às pressões americanas. (VERBO)
- d) A sede da ONU fica em Nova Iorque. (SUBSTANTIVO)
- e) Zé Tintino é quem capa o gado de Seu Gonzaga. (VERBO)
- f) Papai, cadê a capa do CD? (SUBSTANTIVO)
- g) Mãinha sua muito nas caminhadas na Barra. (VERBO)
- h) Mãinha, sua amiga Estela está aqui! (PRONOME)
- i) O rio que passa em Serraria é o Inhampube? (SUBSTANTIVO)
- j) Eu rio muito com Seinfeld. (VERBO)
- k) Nair, me livre de problemas! Chega de orientação! (VERBO)
- l) O papa-capim está livre. (ADJETIVO)
- m) Dinho, essa ideia não tem sentido. (SUBSTANTIVO)
- n) Luciano tem sentido uma dor na nuca. (VERBO)

Oliveira (2008, p.22) questiona:

“se diferenciar homonímia de polissemia é tão importante para o uso diário da linguagem, pergunto: Será que algum falante-ouvinte que não seja estudioso da língua vai se importar com essa diferença? É óbvio que não. Só que essa reflexão acerca da diferença entre homonímia e polissemia interessa aos estudantes de Letras, que podem se tornar poetas, romancistas, jornalistas ou consultores de uma agência de publicidade, funções que lidam com as palavras e com seus significados de forma consciente”

Outros exemplos podem ser fornecidos, evidenciando que Ullmann está certo: os homônimos geralmente caem em classes gramaticais distintas, não apresentando problemas para o seu entendimento. Por outro lado, a polissemia é uma fonte potencial de ambiguidade, pela possibilidade de mais de um sentido para um mesmo enunciado.

Segundo Biderman (1978, p.128) “homônimos são palavras que têm formas idênticas, mas que expressam conteúdos distintos. Em outras palavras: significantes idênticos se referem a significados diferentes”. Para ela, existem três tipos de itens homônimos, a saber:

- (i) homônimos léxicos são aqueles que se incluem em uma classe sintática e possuem significados diferentes: canto₁ (s.m. – ângulo, esquina, lugar retirado) x canto₂ (s.m. – som musical, música vocal);
- (ii) homônimos sintáticos são aqueles que pertencem a classes sintáticas diferentes: canto₁ (s.m. – ângulo, esquina, lugar retirado) x canto₃ (1^a pessoa singular do Presente Indicativo do verbo cantar);
- (iii) homônimos morfológicos são aqueles que pertencem à mesma classe sintática e se referem a categorias gramaticais diversas: nós amamos₁ V. (Presente Indicativo) x nós amamos₂ V. (Presente Perfeito).

Berruto (1979, p. 93) diz que a noção de homonímia traz alguns problemas e se pergunta como estabelecer quais significados de um mesmo significante são realmente distintos entre si. Estabelece tal distinção sob dois pontos de vista: no primeiro, tem-se duas palavras distintas quando pertencem a classes gramaticais diferentes, como por exemplo, atraso (substantivo) e atraso (verbo) e, no segundo, tem-se a distinção etimológica, ou seja, diacronicamente, uma mesma forma com duas origens diferentes, como em [pena<pena= “de ave” e [pena<poena= “castigo, punição”].

Segundo esse autor, a homonímia deveria se diferenciar segundo a realização oral (fônica) e escrita (gráfica) dos significantes, ou seja, entre homofonia (sons iguais) e homografia (grafia igual). Dessa maneira, haveria lexias que poderiam ser:

- a) homófonas e homógrafas ao mesmo tempo, como nos português canto (substantivo) x canto (verbo);
- b) lexias que poderiam ser homógrafas mas não homófonas, pois difeririam na sua realização oral, como por exemplo, para o português apelo (substantivo) e apelo (verbo) em que a categoria do substantivo realiza-se fonicamente como [e] e a do verbo como [e] e a do verbo [E] e

- c) lexias que poderiam ser homófonas mas não homógrafas como no português sexta e cesta.

Segundo Câmara Jr. (1985), o critério mais adequado para se distinguir a homonímia da polissemia é o critério da distribuição das formas. Com isso, uma mesma distribuição de formas em uma frase é sinal de polissemia.

Nos exemplos portugueses que estamos trazendo à baila, cabo, com seus 3 sentidos é uma forma polissêmica, pois a sua distribuição, como substantivo, é a mesma na sentença (como sujeito, como objeto e assim por diante). Já canto, substantivo, e canto, forma verbal, são homônimos, uma vez que nos padrões das sentenças se distribuem de maneira diversa (um canto alegre/ canto alegremente etc.). (CÂMARA Jr. 1985, p.28)

Para Silva (1989), a homonímia

Consiste em que um mesmo significante pode significar simultaneamente dois ou mais significados entre os quais não existe qualquer relação cognitiva. Neste caso, não pode falar-se de uma palavra com vários significados, mas de várias palavras (homônimas) com o mesmo significante. (SILVA, 1989, p.1)

Sandmann (1990) enuncia que a homonímia e a polissemia contestam o desiderato, usando a mesma expressão do autor, de univocidade de cada signo linguístico em confronto a outros signos, de que “a cada significante corresponda apenas um significado, em outros termos, que cada sinal físico transmita um só conceito, ideia ou mensagem” (p.1). Para esse autor:

A polissemia é a figura em que a um significante correspondem significados aparentados (dois ou mais) – estamos diante de uma unidade lexical apenas, mas com diferentes acepções – enquanto a homonímia é a figura em que a um significante correspondem significados diversos (dois ou mais) – estamos diante de duas ou mais unidades lexicais diferentes. (SANDMANN, 1990, p.2)

Sandman (1999) relaciona três critérios para a distinção desses dois fenômenos linguísticos: (i) o critério etimológico, já visto anteriormente; (ii) o critério semântico, que, segundo o autor, é problemático na medida em que se torna difícil de estabelecer a linha limítrofe entre dois conceitos, ou ainda, o grau de diferença entre eles para estarmos diante da homonímia ou da polissemia e (iii) o critério formal, ou seja, a distribuição na frase: se uma unidade lexical puder ser classificada em diferentes classes das palavras,

estaremos diante da homonímia; por sua vez, se a unidade lexical preencher somente uma mesma classe de palavras, será classificada como polissêmica.

Com essas citações, procuramos oferecer uma importante contribuição para os estudos da homonímia e também da polissemia para a língua portuguesa. Como nosso objeto de estudo é demonstrar a ambiguidade de um item lexical pela compreensão da homonímia em LSB, os critérios formal e semântico se mostraram relevantes para nossa pesquisa. Na próxima seção, vamos discutir como se dá a ambiguidade no léxico.

2.4. A ambiguidade lexical

A ambiguidade linguística divide-se, basicamente, em duas, a saber, a ambiguidade lexical e a gramatical. Na primeira, o fenômeno está diretamente ligado à polissemia e à homonímia, e na segunda, às estruturas gramaticais de uma sentença. Diante dessas duas tipologias de ambiguidades, Rehfeldt (1980, p. 84) estabelece a seguinte diferenciação entre ambiguidades:

a) *ambiguidade sintática*: duas ou mais estruturas sintáticas, duas ou mais interpretações, sem polissemia nas palavras. Exemplo: peguei o ônibus correndo.

a.1) Eu peguei o ônibus enquanto ele estava correndo.

a.2) Eu estava correndo quando peguei o ônibus.

b) *ambiguidade lexical*: uma mesma estrutura sintática, duas ou mais interpretações, com polissemia nas palavras. Exemplo: A mãe tira o café de seu filho.

b.1) A mãe leva embora o café de seu filho.

b.2) A mãe suprime o café de seu filho.

c) *ambiguidade sintática e lexical*: duas estruturas sintáticas, interpretações alternativas, polissemia ou homonímia nas palavras. Exemplo: Canto na sala.

c.1) Eu canto na sala.

c.2) Está havendo apresentação de canções em uma sala.

(grifo nosso)

A ambiguidade pode ser nomeada por diferentes formas de disjunção semântica de acordo com os fatores linguísticos que a determinem como ambiguidade lexical,

morfológica, sintática e fonética. Silva (1999, p. 607) só reconhece ambiguidade no âmbito do léxico. Dessa forma, para este autor a ambiguidade é uma polivalência semântica do significante.

Fuchs (1996, p. 74-75) classifica tipos de ambiguidades conforme o fenômeno que a cause. Assim, a ambiguidade é classificada por esta autora em tipos, a saber: ambiguidade morfológica, lexical, sintática, predicativa, semântica e pragmática. Medeiros (1999, p. 74) acrescenta, além das categorias de ambiguidades estabelecidas por Fuchs, outros tipos de ambiguidade no PLN (Processamento da Língua Natural), como constituintes descontínuos, anáfora e metáfora. O objeto de estudo desta pesquisa é a desambiguação lexical, por isso faz-se necessário falarmos sobre ambiguidade lexical.

Alguns autores, como Fuchs (1996), dizem que a ambiguidade gerada por formas iguais com significados diferentes, homonímia, e a ambiguidade gerada por vários significados de uma mesma forma, polissemia, é um tipo de ambiguidade que é desfeita no âmbito da frase. Dessa forma, Fuchs (1996, p. 35) faz uma diferenciação entre a ambiguidade virtual, quando o contexto linguístico seleciona somente uma significação, e a ambiguidade efetiva, quando a palavra é não-unívoca.

A ambiguidade virtual pode tornar-se uma ambiguidade efetiva, quando esta é observada em contexto e, ao invés de tornar-se unívoca, torna-se não-unívoca. Então, a ambiguidade virtual considerada pela autora é a ambiguidade semântica que um item lexical evoca devido à existência de significados relacionados, polissemia, ou devido a uma mesma forma ter significados distintos, homonímia.

Nos estudos de semântica tradicional, Ullmann (1964, p. 329) considera a ambiguidade lexical como o tipo de ambiguidade mais relevante. A ambiguidade lexical ocorre, segundo o referido autor, devido à polivalência de itens lexicais. Esta polivalência pode ser ocasionada pela polissemia ou pela homonímia.

Nos estudos de Semântica Lexical, segundo Pustejovsky e Boguraev (1996, p. 6), há diferença no tipo de ambiguidade lexical:

“... ambiguidade lexical é um fenômeno heterogêneo, com pelo menos três fatores distintos que contribuem para a emergência contextual de sentidos de palavras para um item lexical particular:

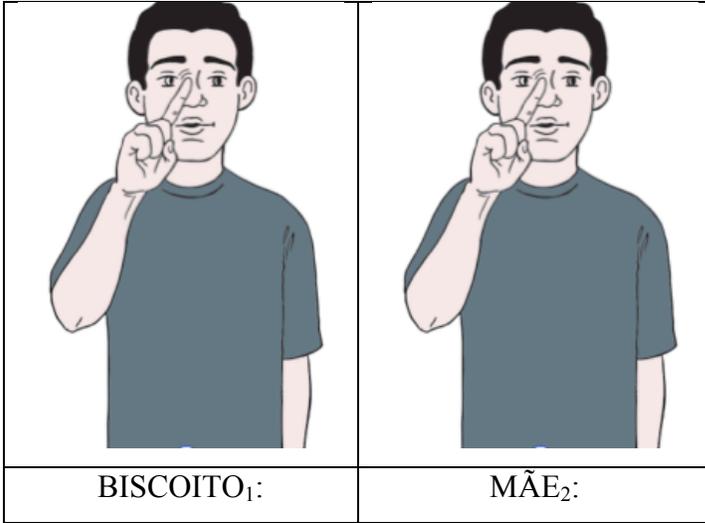
- ambiguidade contrastiva, sendo, normalmente, resolvida por conhecimento contextual e conhecimento de discurso;
- ambiguidade complementar (ou polissemia lógica), resolvida por co-composição no contexto sintático da oração; e
- extensões de sentido, como sendo mediadas por regras e condições específicas relacionadas ao falante e ao contexto.“

2.5. Ambiguidade e homonímia na LSB: uma análise do uso da língua pelos Surdos.

2.5.1. A relação entre o significado e o significante na constituição dos termos em LSB

O signo linguístico é a relação entre um significante e um significado, e não entre uma palavra (sinal) e uma coisa. Significante é o mesmo que palavra (sinal), e significado é o mesmo que coisa. É uma associação de duas imagens mentais, uma forma acústica/visual significante e um conceito que atribui um significado ou sentido.

A comunicação implica um locutor (ou sujeito sinalizante), um surdo, por exemplo, e uma coisa (mensagem) que o locutor quer comunicar a dado interlocutor, além de signos linguísticos por meio dos quais concretiza a comunicação. Na situação seguinte, apresentamos o sinal para ‘biscoito’ e para ‘mãe’ (variação do sinal em Porto Alegre), que são os mesmos. Vejamos na figura seguinte:



A visão ou a lembrança de um sinal (por exemplo ) evoca no espírito



do locutor a imagem visual do conceito (); esse conceito evoca por



associação a imagem visual de sinais lexicais (); os visuais ou os sinais (



) transportados no ar sob a forma de imagens visuais vêm atingir a

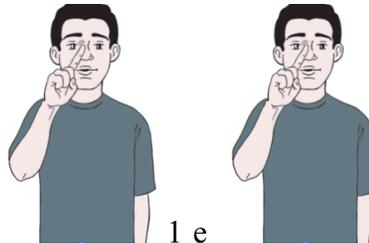


consciência visual do surdo, e provocam em seu espírito a imagem (



evoca por associação a imagem conceitual (

De acordo com Guiraud (1989), a associação psíquica bipolar compreende dois termos: a forma significante e o conceito significado; e duas faces: a evocação do nome pela coisa e a da coisa pelo nome, ou seja, o processo é recíproco.



À medida que as duas imagens 1 e 2 coincidem é que se estabelece uma comunicação eficaz.

Esse esquema repousa sobre um sistema bastante complexo de relações:

1. relações entre o conceito e a coisa; como se forma no espírito a imagem conceitual? Quais as suas relações com a coisa? Problemas que se relacionam com a psicologia, com a ciência (ou conhecimento da coisa) e com a epistemologia (crítica desse conhecimento);
2. relações entre o conceito e a imagem acústica do signo; o que é o problema da significação, que se refere a um só tempo à psicologia, à lógica e à linguística (semântica);
3. relações entre a imagem acústica do signo e sua forma sonora atualizada: problema da formação, que interessa à fisiologia e à fonética;
4. transmissão e recepção do signo, que interessam à acústica, à teoria da informação e à fisiologia da audição;

5. Formação da imagem acústica e do conceito no espírito do ouvinte e relação do conceito recebido com o objeto (GUIRAUD, 1989, p. 22).

O que na linguagem corrente chamamos palavra (ou sinal) é uma forma fônica (ou paramétrica/ visual) que evoca uma coisa em virtude de uma convenção e compreende quatro elementos distintos:

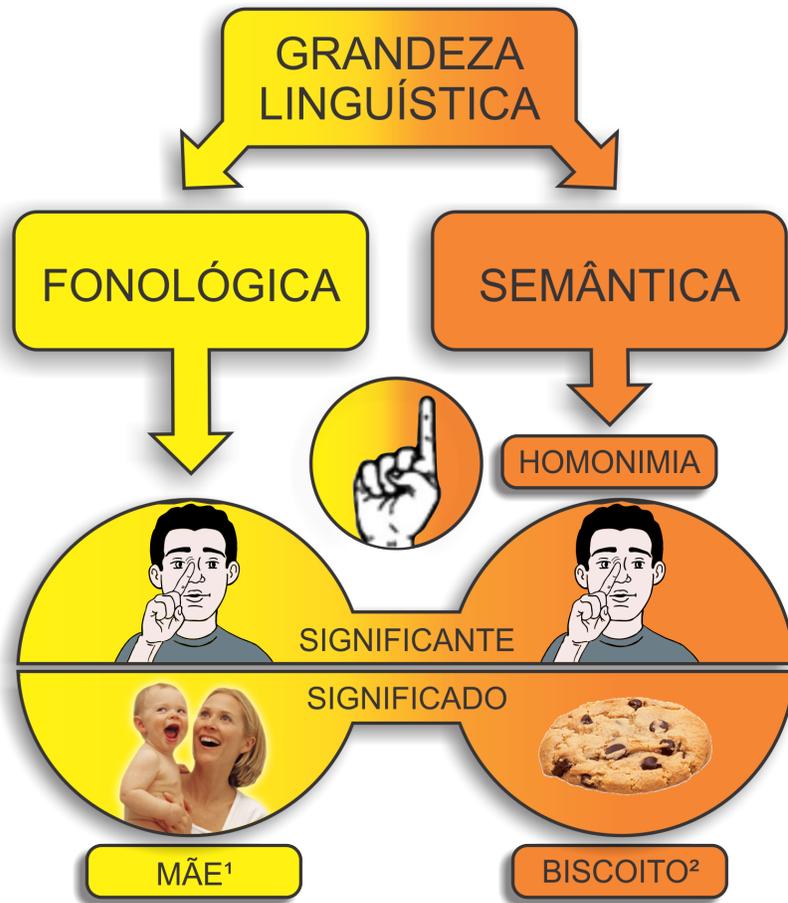
	<p>BISCOITO imagem mental da coisa significada</p>	<p>= =</p>	<p>BISCOITO imagem paramétrica do significante</p>	
<p>a coisa</p>				<p>o nome ou forma fônica</p>

A palavra, segundo a proposta do pesquisador Charley Soares, é assim interpretada:

A coisa BISCOITO e a forma paramétrica BISCOITO são duas substâncias concretas e não pertencem ao sistema da língua, que é “uma soma de marcas mentais”; BISCOITO relaciona-se com a bolacha, etc.; “biscoito” relaciona-se com a visão e com a fonética dos parâmetros, porque o “signo linguístico une não uma coisa e um nome, mas um conceito e uma imagem acústica” (adaptado GUIRAUD, 1989, p.23).

Compreender o que é signo linguístico, para o famoso pesquisador Saussure, é mostrar uma definição clara da relação entre um significante, como a imagem acústica do signo, e um significado, como conceito, no português e na LSB. O sentido do signo deixa de depender de um referente fora da língua, e passa a ser resolvido por uma relação entre duas grandezas linguísticas: uma imagem acústica, de ordem paramétrica fonológica da língua de sinais, e um conceito, de ordem semântica da língua de sinais.

Vejamos em língua de sinais duas grandezas linguísticas, resumidas na Tabela 01:



Ilustrador: Fábio Setalhi

Tabela 01: Duas grandezas linguísticas – relações elaboradas pelo pesquisador Charley Soares

É importante que o pesquisador de LSB tenha conhecimento das teorias dos estudos linguísticos das línguas orais, para que seja possível compreender os processos linguísticos que ocorre nas línguas de sinais. Não podemos partir de um processo linguístico que ocorre nas línguas de sinais para compreender um nível linguístico, pois do contrário, a língua pode não ser considerada uma língua. Tudo se passa entre a imagem auditiva (caso das línguas orais) ou visual (caso das línguas de sinais) [o significante] – e principalmente através dos parâmetros linguísticos: parâmetros fonológicos, configuração de mãos, locação e movimento e o conceito [o significado], nos limites do termo, considerado como um campo fechado, existente por si mesmo. Saussure dissocia, por um lado, o significante do campo material do sons (que deriva da

fisiologia) e, por outro, dissocia o significado do campo do pensamento (que é competência da psicologia).

Conforme afirma Stokoe (1960), os sinais da língua de sinais americana (ASL) são constituídos de três partes ou parâmetros independentes, a saber, localização: lugar no corpo ou no espaço em frente ao corpo em que o sinal é produzido; configuração de mão: a forma (ou estado dos dedos) que a mão apresenta quando da realização de um sinal e; movimento ou seja, maneira como a mão se move ao longo da articulação de um sinal. Os parâmetros, constituintes de unidades lexicais simples da LSB (Língua de Sinais Brasileira), que são, Configuração de Mão (CM), o Ponto de Articulação (PA), o Movimento (M); os parâmetros complementares: Orientação da Palma da Mão (OP) e Expressões não-manuais (ENM), os fonemas-base, as unidades lexicais emprestadas de outras línguas de sinais.

À medida que o sentido só é acessível mediante a materialidade fônica (querema) ou gráfica das expressões, tendemos naturalmente a conceber o sentido segundo a imagem das formas significantes que o configuram. A semântica, estudo das significações linguísticas, tem uma importância de fato para o usuário. Sob esse ponto de vista, Tamba (2006) ressalta que formas idênticas podem corresponder a significados diferentes nos casos de homonímia. A polissemia da maior parte das unidades lexicais atesta a existência de uma única forma para vários estudos próximos. É relevante esclarecer as relações entre formas e sentidos linguísticos.

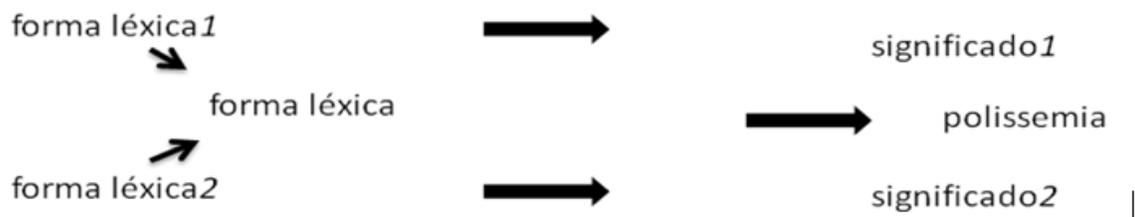
Homonímia e polissemia são também itens relativos à descrição do significado em português e na LSB, itens especialmente retratados nos dicionários de língua. Quando os lexicógrafos entenderem melhor a funcionalidade que acontece nesse processo, irão compreender que a homonímia, apresenta dois diferentes sentidos para um termo-sinal que apresenta entrada dupla: uma mesma unidade passa a ser vista como duas; por isso, terá dois verbetes separados. Se, em sua concepção, o lexicógrafo perceber o fenômeno como polissemia em LSB, colocará duas acepções numeradas a partir de mesma palavra-tema, como uma proposta para uma organização lexicográfica.

Quando uma frase possibilita duas interpretações semânticas ou sintáticas, ela é considerada ambígua em LSB.

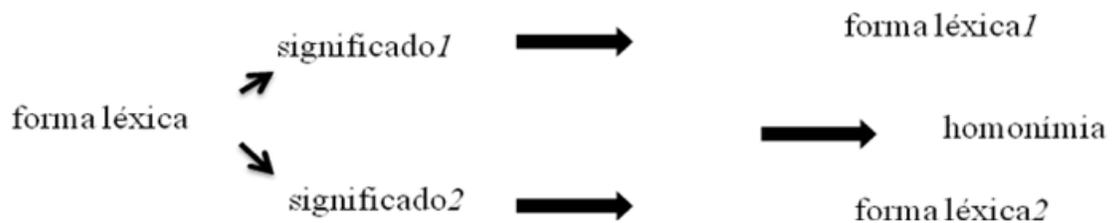
A ambiguidade lexical é um dos fatores mais importantes entre os fatores de ambiguidade presentes em uma língua. Com efeito, a polivalência das palavras, tomando emprestado o termo de Ullmann (1964), assume duas formas diferentes: a polissemia e a homonímia. Para autor (1964, p. 354), a polissemia pode conduzir à ambiguidade em três situações diferentes: (i) no contato entre as línguas, (ii) no uso técnico e científico e (iii) na fala vulgar. Em (i), a ambiguidade é ocasionada pelo empréstimo semântico de uma língua estrangeira, que leva à polissemia de uma palavra; em (ii) a reutilização de termos que outrora foram definidos com precisão, implica novas definições do mesmo termo, levando-o a desenvolver mais de um sentido. Além disso, uma palavra ambígua de uso comum, quando introduzida em contexto técnico e científico, também ocasionará confusões e equívocos no seu uso. Em (iii), a ambiguidade é ocasionada quando uma palavra produz dois ou mais sentidos em um mesmo contexto.

Ullmann (1964, p. 364-374) adverte que, apesar de a homonímia ser muito menos comum e complexa do que a polissemia, seus efeitos podem ser tão graves quanto ou até mesmo mais contundentes. Segundo ele, existem somente três processos pelo qual a homonímia pode surgir: i) convergência fonética, ou seja, o desenvolvimento de sons convergentes, isto é, quando dois ou mais itens lexicais tiveram, no passado, formas diferentes que coincidem na linguagem falada e escrita; ii) divergência semântica, quer dizer, quando há o desenvolvimento de sentidos divergentes, ou, “quando dois ou mais significados da mesma palavra se separam de tal modo que não haja nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dará lugar à homonímia e a unidade da palavra será destruída (...)” (ULLMANN, 1964, p. 368). É o caso das palavras como canal₁ (abertura, passagem de água, cavidade) e canal₂ (meio de transmissão de sinais); criação₁ (obra, invenção) e criação₂ (animais domésticos criados conjuntamente), entre muitos outros exemplos do português contemporâneo; iii) influência estrangeira, que se dá, quando palavras estrangeiras se introduzem em uma língua, adaptando-se ao sistema fonético da língua no qual se introduziram, e coincidem com outras palavras já existentes; conseqüentemente, surgem pares de homônimos. Segundo Ullmann (1964), além de ser um processo raro, “este tipo de influência estrangeira não é, pois, uma fonte separada de homonímia, mas apenas uma forma especial de desenvolvimento fonético convergente” (p.373).

Baldinger (1970, p. 42-43) relaciona os estudos de Saussure, relativos à diacronia e à sincronia, aos estudos da homonímia e polissemia. Segundo ele, diacronicamente falamos de homonímia se as palavras coincidem foneticamente na sua evolução histórica e se coincidem na estrutura fonológica; sincronicamente, a homonímia é uma polissemia, que é uma forma léxica com dois significados. Temos, portanto, que, no plano da sincronia, duas formas léxicas podem ser percebidas como uma forma léxica com dois significados:



E temos também uma forma léxica com dois significados que pode se realizar como duas formas léxicas:



Homonímia e polissemia são dois tipos de multiplicidade semântica compreendida na noção de ambiguidade (lexical).

Este estudo é fruto das com relações temáticas, com o objetivo principal de *Demonstrar a ambiguidade na LSB: um estudo sincrônico de processos linguísticos da ambiguidade*. Como professor de LSB, pude observar que os ouvintes consideram a LSB como difícil por apresentar sinais (significantes) iguais para significados diferentes, como, por exemplo, LARANJA E SABADO, LUCRO E ADOTIVO. Assim faz-se necessária uma análise da ambiguidade dos sinais, com a ênfase na compreensão e uma

teoria semântica para o estudo do léxico, priorizando a relevância do estudo da semântica. Nessa perspectiva, é preciso analisar o uso dos termos da língua com propriedade, para que seja possível o ensino e o registro dos termos em LSB, a partir de mecanismos e de regras que possibilitam a sua validação. No Brasil ainda não existem teses de dissertações, nem teses que focalizem homonímia da Língua de Sinais Brasileira, algumas bibliografias comentam apenas se são favor ou contra. Pretendemos que trabalho, permita novos estudos como a criação de um dicionário polissêmico e homonímico em LSB e parcerias com outros pesquisadores da área de lexicologia e terminologia. Assim, os interessados poderão compreender as diversas formas de utilizar um sinal em vários contextos, com uma abordagem clara e funcional das relações semânticas dos termos.

Assim, o desenvolvimento da presente pesquisa e a divulgação dos resultados, possibilitará ampliar as informações de pessoas ouvintes e dos surdos, que podem visualizar um futuro de luta e determinação da bandeira da cultura e identidade surda no território brasileiro, conquistando o respeito, a dignidade, o direito de ser surdo e direito das manifestações através da Língua de Sinais Brasileira, sem esquecer a perspectiva de uso da língua portuguesa como segunda língua para o surdo.

2.5.2. A análise sêmica como critério lexical de análise

A análise sêmica tem, na base, semas, que são unidades mínimas de significação. Essas unidades mínimas se compõem de “traços semânticos distintivos mínimos que operam dentro de um específico campo semântico”. (Cf. CRYSTAL, 1988, p. 232). Os traços semânticos possibilitam o reconhecimento das propriedades que distinguem significados de palavras.

Dubois (1998, p. 532 e 533), por sua vez, define campo semântico como “a área coberta, no domínio da significação, por uma palavra, ou por um grupo de palavras da língua”. Nessa definição, Dubois que, para descrever o campo semântico de uma palavra, como mesa, por exemplo, têm-se duas concepções: a polissêmica e a homonímica. Com a primeira, é possível “explicar todas as significações da palavra mesa num estado de língua dado”. (idem). Para esclarecer, o autor lista a tipologia seguinte: mesa de trabalho,

mesa de refeições, mesa redonda, mesa de eleição, mesa de assembleia, mesa de operação, pôr as cartas na mesa; roupa de cama e mesa, etc.

Pela segunda concepção, a homonímica, no mesmo exemplo mesa, devem ser explicadas, as diferenças semânticas entre levantar a mesa e forrar a mesa ou entre colocar a mesa e pôr.

No exemplo extraído de Zavaglia (2003), vemos a diferença entre ‘língua₁’ e ‘língua₂’ dentro de um campo léxico.

ITENS HOMÔNIMOS		CAMPO LÉXICO	
língua ₁ : Órgão muscular que se situa dentro da boca que é utilizado para comer e para articular os sons da voz (na espécie humana, principalmente)	língua ₂ : Conjunto ou sistema de palavras e expressões utilizado por um grupo social, nação ou povo para a comunicação	língua ₁ : linguado; linguarudo; lingüeta	língua ₂ : língua-alvo; língua-fonte; língua-padrão; linguajar

Fonte: (ZAVAGLIA, 2003, p.257-258)

A análise sêmica, elaborada por Zavaglia (2003) procura explicar oposições sêmicas, como vemos a seguir:

ITENS HOMÔNIMOS		ANÁLISE SÊMICA	
Banco ₁ : objeto com ou sem encosto no qual as pessoas se sentam, de várias formas, tamanhos e material.	Banco ₂ : Instituição financeira cuja finalidade é operar com dinheiro, títulos, e outros valores.	Banco ₁ : [+objeto físico] [+concreto] [+inanimado] [+duro]	Banco ₂ : [+espaço físico] [+concreto] [+inanimado]
Dado ₁ : cubo que possui em cada uma de suas faces um número de 1 a 6 que serve para jogar	Dado ₂ : elemento ou quantidade conhecida que serve para a resolução de um problema	Dado ₁ : [+concreto] [+objeto físico]	Dado ₂ : [+abstrato] [+inanimado]

		[+inanimado] [+jogar] [+duro]	[+quantidade] [+informação]
Renda ₁ : quantia em dinheiro que se recebe como retribuição de trabalho ou capital aplicado.	Renda ₂ : tecido delicado cujos fios se entrelaçam e formam desenhos variados	Renda ₁ : [+abstrato] [+inanimado] [+contável]	Renda ₂ : [+concreto] [+inanimado] [+material] [+seda] [+algodão]
Heroína ₁ : mulher que possui muita coragem e pratica atos notáveis	Heroína ₂ : droga perigosa que vicia quem a usa	Heroína ₁ : [+humano] [+concreto] [+animado] [+coragem] [+fêmea]	Heroína ₂ : [+concreto] [+inanimado] [+pó] [+substância] [+contável]

Fonte: (ZAVAGLIA, 2003, p.255)

A perspectiva de análise adotamos é a pancrônica, que viabiliza que se recorra à sincronia, aqui tomada em sentido lato. O alerta aqui fazemos, no entanto, é não perder de vista uma série de polissemias, as quais dependem, muitas vezes, de uma contextualização histórico-cultural da palavra, como no caso do verbetes banco₁ e banco₂.

Na continuação de nosso estudo, apresentaremos no **capítulo 3** os procedimentos de análise dos dados.

CAPÍTULO 3 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DOS DADOS

Esta dissertação objetiva demonstrar o processo de ambiguidade dos itens lexicais homonímicos em LSB. Sendo a desambiguação um processo mental, consideramos que esta se dá por meio de fatores linguísticos que estão interligados com o mundo e que determinam o significado do itens lexicais homonímicos da LSB.

No **capítulo 2** o estudo da resolução de ambiguidade causada pela homonímia de itens lexicais foi abordado segundo questões teóricas fundamentais, vistas em Ullmann (1964), Câmara (1970), Lyons (1987), Ferreira (1999), Silva (1999), Zavaglia (2003), Cançado (2008), e tanto em português quando em LSB.

Outras questões teóricas fundamentais, vistas anteriormente, dizem respeito ao que se entende por ambiguidade, polissemia, homonímia, vaguidade e contexto, conforme Pustejovsky e Boguraev (1996), Fuchs (1996), Rehfeldt (1998), Cuychens e Zawada (1997), Ravin e Leacock (2000), Cueva e Hilferty (1999) e Silva (1999).

Agora, neste capítulo, serão apresentados os pressupostos metodológicos e os procedimentos de escolha e coleta de dados para, posteriormente, apresentamos a análise dos dados.

É importante salientar que o tema abordado neste estudo adquire uma maior importância quando consideramos que a LSB foi aprovada e reconhecida como língua e meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira recentemente, pela Lei N. 10.436 de 24 de abril de 2002.

3.1. Seleção do corpus

Com o objetivo de estudar o processo de ambiguidade entre pares homônimos na LSB, selecionamos 15 significantes (com dois ou três significados cada um) frequentemente utilizados por usuários da Língua de Sinais Brasileira. Seguem os dados selecionados:

- SÁBADO/ LARANJA

- RÁPIDO/ PÃO
- DIREITO/ DEFICIENCIA
- POLÍTICA/ DISCUSSÃO
- ADOTAR/ LUCRAR
- FALTAR/ ENGANAR
- BOI/ FAZENDA
- CAS / CONSTITUIÇÃO
- RESPEITO / OBEDECER
- LEMBRAR / HISTÓRIA
- MÃE/ BISCOITO
- BAHIA / SENTIR/ JEITO
- CENTRAL/ CAPITAL/ EM CIMA
- EFETIVO/ CAMPEONATO

Estes sinais são nacionalmente conhecidos tanto pelos sujeitos surdos nativos na língua quanto pelos ouvintes que adquiriram conhecimento da mesma em um outro momento. Os sinais coletados são frequentes nos diálogos e nos discursos da comunidade surda, assim como são encontrados facilmente nos materiais impressos e vídeos disponíveis na internet. É importante ressaltar que, o fato de a LSB ser uma língua funcional, vários são os que a conhecem. No entanto, faz-se necessário critérios na seleção dos referenciais a serem seguidos. Visando à excelência dos resultados, os sinais acima citados tiveram como fonte de coleta os sites www.youtube.com.br, www.jw.org, DVD's e também alguns vídeos disponibilizados por usuários fluentes da LSB. Todos os sinalizantes selecionados são surdos usuários da LSB.

O objetivo da coleta dos itens lexicais acima é demonstrar, por meio da teoria Semântica Lexical, potenciais ambiguidades ocorridas. Todas as ocorrências do uso dos sinais selecionados foram recolhidos de acordo com os seguintes **critérios de seleção**:

- 1) Selecionar apenas locutores surdos reconhecidos como fluentes em LSB;
- 2) Analisar as formas linguísticas juntamente com o seu contexto de ocorrência;
- 3) Excluir as formas polissêmicas dentre as formas linguísticas pré-selecionadas;
- 4) Selecionar sequências gramaticais completas e contextualizadas;
- 5) Selecionar homônimas perfeitas e imperfeitas;
- 6) Realizar a análise sêmica das unidades;

3.2. Análise dos dados

Com a finalidade de verificar como se dá o processo de demonstração de ambiguidade dos sinais por meio de imagens, selecionamos contextos linguísticos que contenham itens lexicais passíveis de análise.

Os diversos contextos pertencem a domínios cognitivos, assim os dados são contextos linguísticos ou co-textos que ligam o leitor ao contexto situacional e este ao contexto cultural. Estes contextos da língua de sinais brasileira formam os domínios cognitivos porque na predicação relacional, correspondem à figura perfil/base, como será demonstrado a seguir.

Para o estudo desse fenômeno linguístico, observemos as seguintes frases.

(01) LARANJA/SÁBADO



(1.1) ANDAR <VER>do ÁRVORE <ÁRVORE-PEGARb>do LARANJA
 Tradução⁵: Ao andar, avisto uma laranjeira e dela pego o seu fruto (laranja)
 Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante⁶.



(1.2) <AMANHÃ>top SÁBADO CHEGAR FUTEBOL CAMPEONATO
 Tradução: Amanhã, sábado chegarei ao campeonato de futebol
 Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante

Na sentença (1.1), temos o sinal referente à palavra LARANJA, que é um termo que representa um item concreto com as seguintes condições paramétricas: configuração de mão, locação e movimento semelhantes aos que são representados na sentença (1.2) para a palavra SÁBADO. Tais sinais são homônimos perfeitos, pois são constituídos pelos mesmos parâmetros fonológicos.

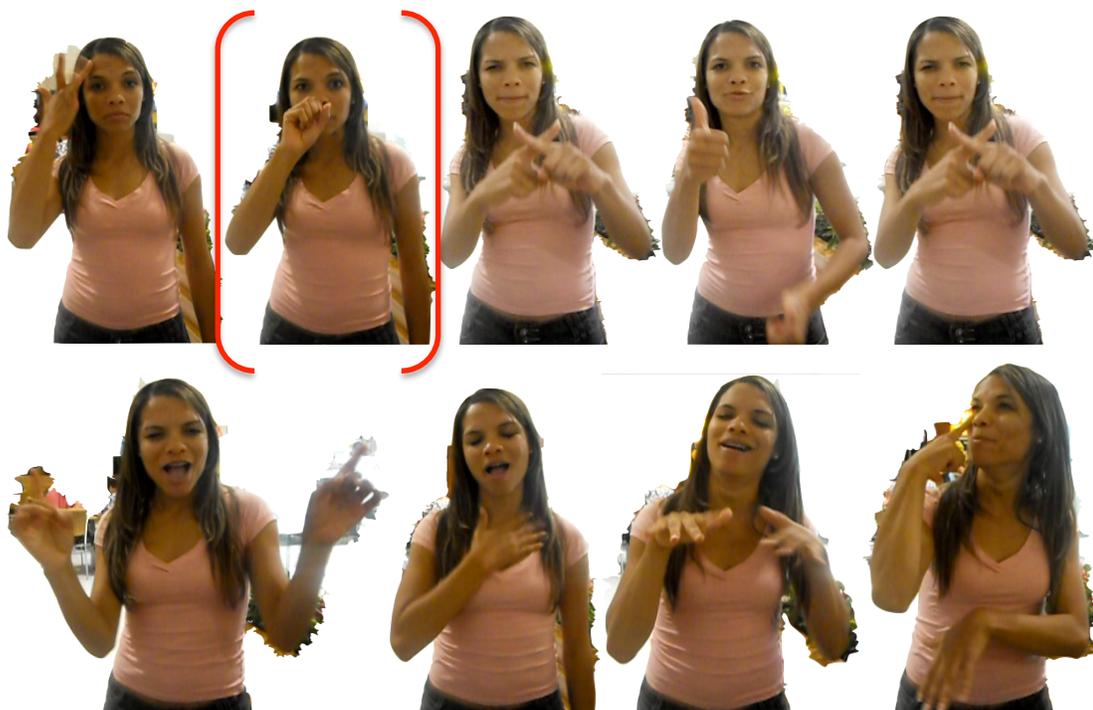
É preciso ressaltar que há certa polêmica quanto ao fato de se considerar o par sob análise como um caso de homonímia ou de polissemia. A hipótese para considerá-los

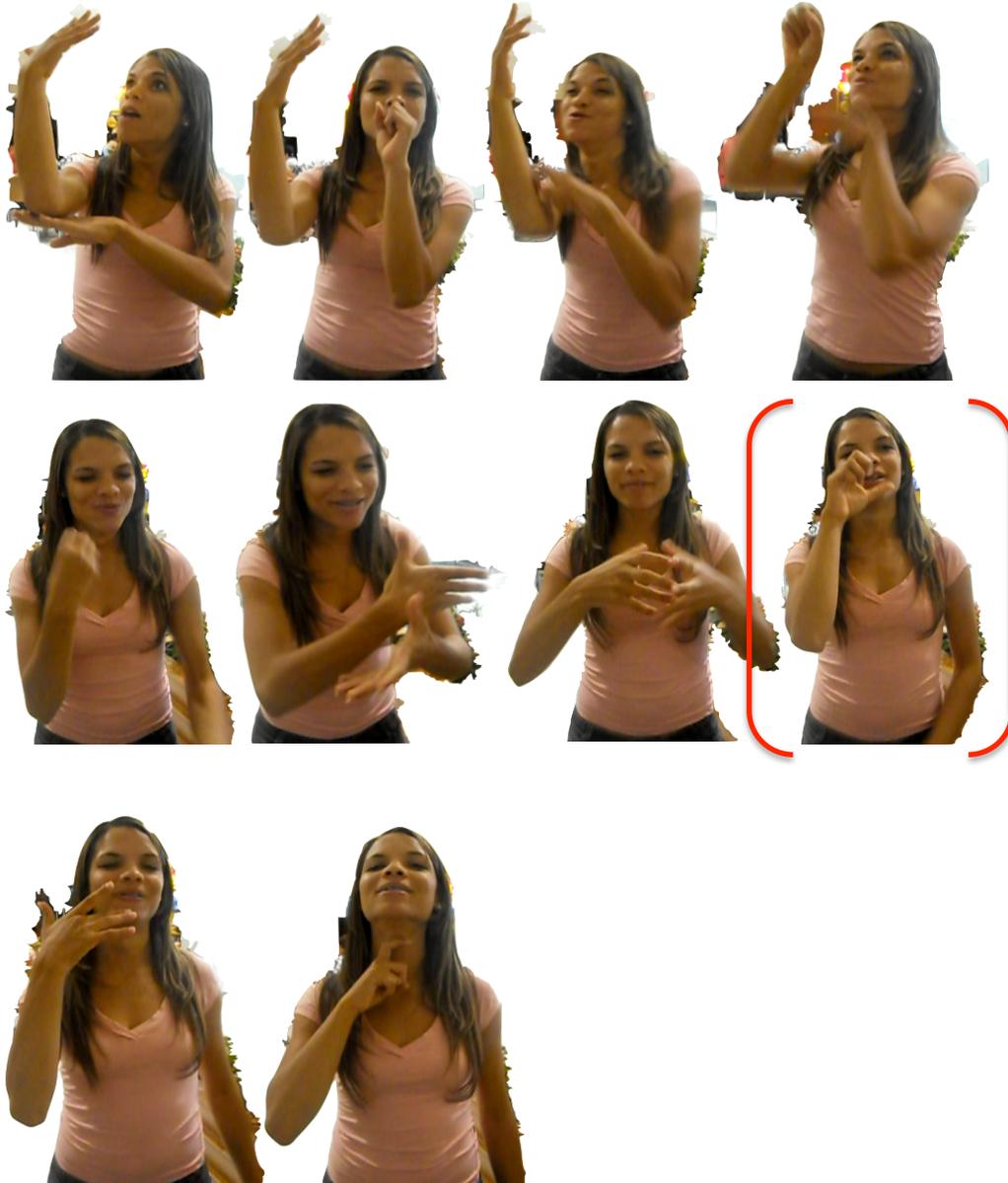
⁵ Agradeço à tradutora e intérprete Raiana Araújo pela contribuição na tradução das sentenças.

⁶ “Vídeos cedidos pelo(a) sinalizante” referem-se a ocasiões em que foi solicitado a alguns surdos a produção de sentenças espontâneas a partir de dado sinal. O critério de seleção dos sujeitos sinalizantes se limitou à fluência desses na LSB.

itens polissêmicos (e não homônimos) parte do substrato cultural carioca, que indicaria relação entre a origem dos termos. Contudo, defendo os pares como homônimos diante de duas evidências: i) falta de estudos diacrônicos que comprovem tal relação ii) distância relacional entre os sentidos comprovados pela análise sêmica (ver adiante). Diante disso, considero, nessa dissertação, os pares LARANJA/SÁBADO como pares homônimos. Como efeito, consideramos LARANJA/SÁBADO como sendo uma forma homônima e não polissêmica, numa visão sincrônica.

No exemplo a seguir, percebemos a ocorrência linguística da ambiguidade sistemática que faz parte da estrutura sintática de uma língua de modalidade visuo-espacial. Nas sentenças (1.1) e (1.2) percebemos que os mecanismos linguísticos que norteiam as relações de execução podem combinar e gerar a construção em LSB, como na sentença (1.3) seguinte:





(1.3) AMANHÃ SÁBADO CAMPEONATO FUTEBOL CAMPEONATO ACABAR
 DESCANSAR SAIR-PESSOAS <VERb>do <ÁRVOREb>do <ÁRVORE-
 LARANJAb>do ÁRVORE-SUBIR PEGAR-PEGAR IX <DAR-DAR> GRUPO
 CHUPAR-LARANJA GOSTOSO SEDE.

Tradução: Amanhã, sábado, assim que o campeonato de futebol acabar, e eu já estiver descansada, sairemos e, ao avistar a laranjeira subiremos, pegaremos e daremos a todos a laranja que é uma delícia.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante

Percebemos no exemplo acima a mesma coincidência paramétrica verificada no exemplo anterior. Nos dois casos, a homonímia é perfeita e ocorre porque não há

alteração de expressões manuais e não manuais, assim como dos demais parâmetros listados anteriormente. Vejamos, por exemplo, que o ponto de articulação em que o sinal incide, neste caso a boca, não se altera. Nestas sentenças, tem-se uma única forma que comporta um campo de significação fixo, o que possibilita a relativização das sentenças.

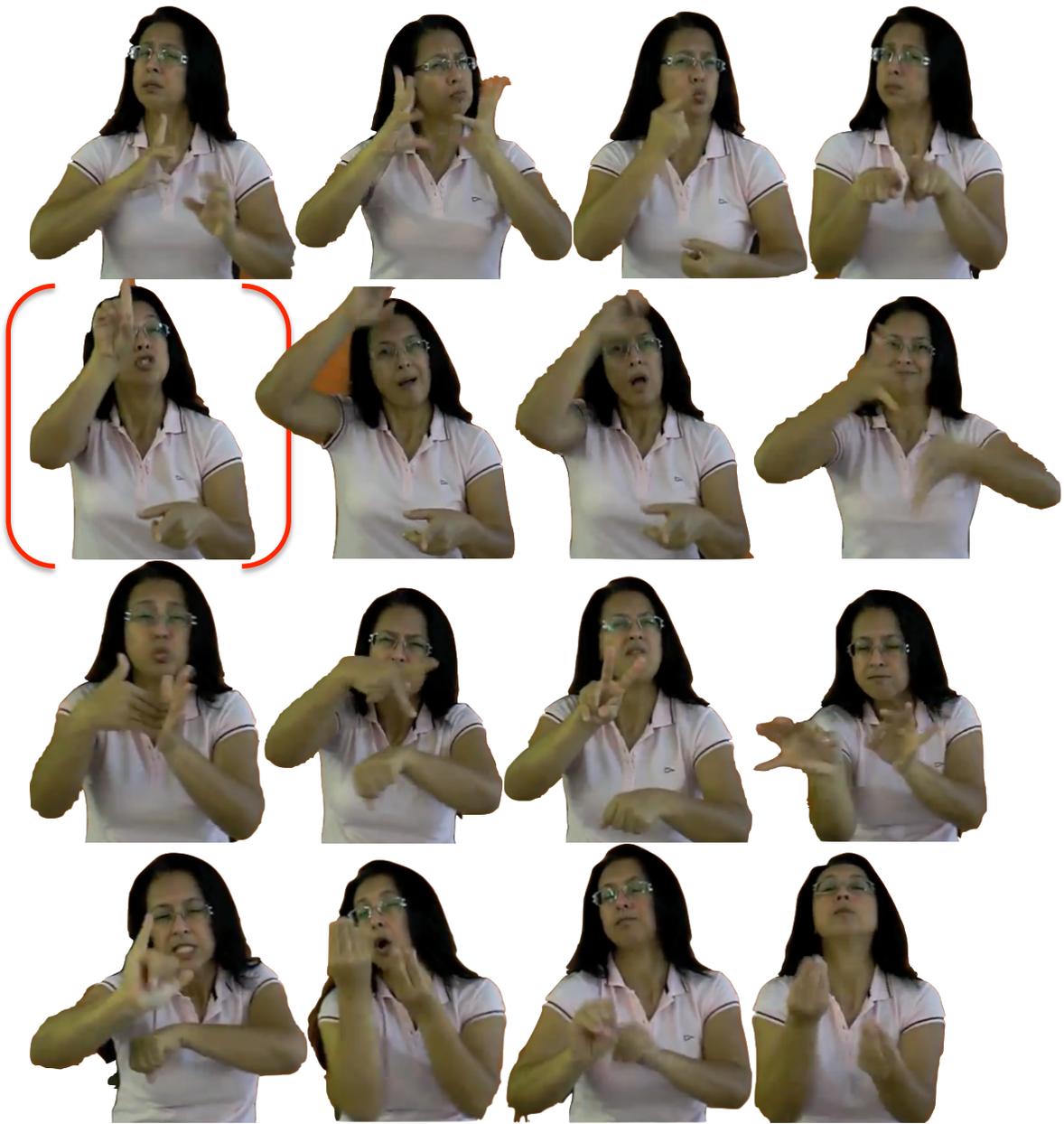
A ambiguidade, neste caso, é totalmente estrutural, ou seja, sintática, e não pertence a uma propriedade idiossincrática da palavra LARANJA/SÁBADO. O ser humano seria, então, dotado de uma capacidade inata para perceber e distinguir a ambiguidade existente entre as relações de estruturação para os usos abstratos e concretos de uma palavra e desfazer tal ambiguidade, através da seleção lexical, que é um mecanismo linguístico que faz parte de um processo que é notado através da relativização das sentenças

No último exemplo (1.3), estamos diante de uma frase semanticamente confusa na LSB e com agrupamento de sentenças que não possibilita resolver o caso da ambiguidade existente entre o uso concreto e o uso abstrato da palavra LARANJA/SÁBADO, dado que temos uma única forma com dois significados diferentes (fruta e dia da semana).

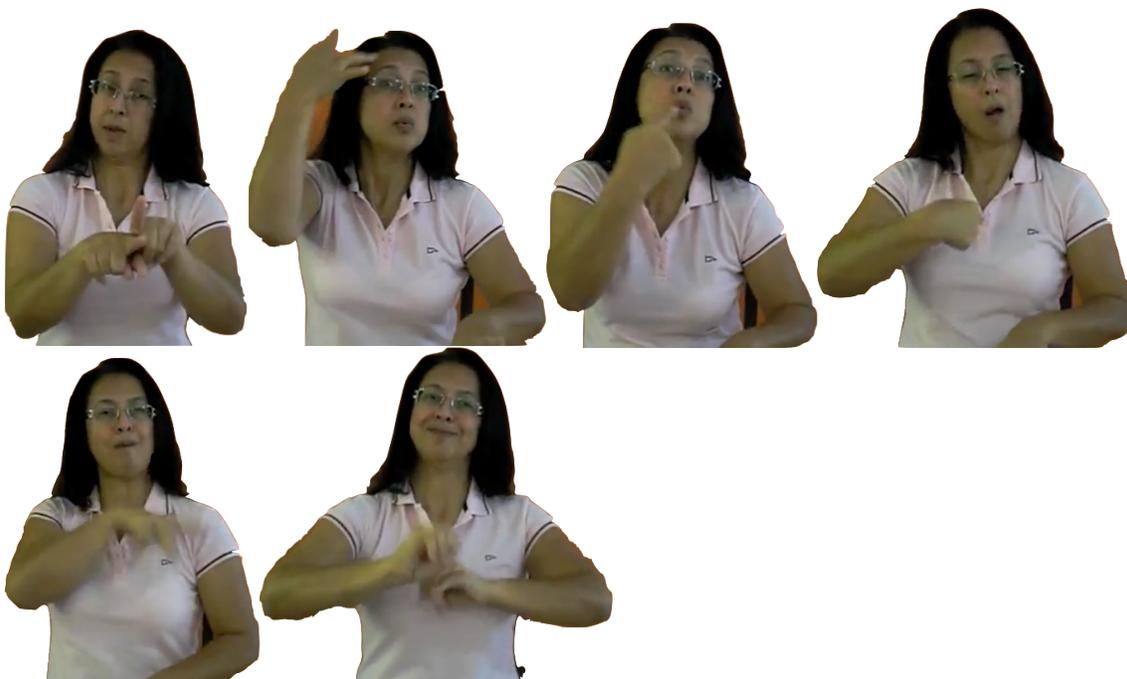
Segundo Piatelli-Palmarini (1983), sob a ótica linguística, a ambiguidade define-se em função das regras gramaticais. E assim, quando uma frase possibilita dupla interpretação semântica ou sintática, ela é considerada ambígua. Desse modo, temos a ambiguidade léxica gerada pela homografia que pode ser mofo-semântico-categorial: “A casa é bonita”/”Ela casa amanhã”, pode ser exclusivamente semântica: “Sentei-me no banco do jardim” / “Fui ao banco sacar dinheiro” ou sintática: “Entrei no carro andando”

No exemplo a seguir, retirado do site *Youtube*, a sinalizante surda faz o uso de um único item lexical para referir-se a duas ideias, porém em um mesmo contexto.

(02) DIREITO/DEFICIENTE







(2.1) TER TUDO SURDO TAMBÉM DIREITO APRENDER LIBRAS TUDO PAÍSES
VAI ORGANIZAR ESTRATÉGIAS COMO ENSINAR COMO COMUNICAÇÃO
COMO TUDO LIBRAS ÓTIMO TAMBÉM ARTIGO 24 EXPLICAR IMPORTANTE
PESSOA DEFICIÊNCIA OU SIGNIFICA TAMBÉM PESSOA SURDA EU
PROFESSOR ENSINAR

Tradução: Todos os surdos têm o direito de aprender Libras. Todos os países devem elaborar estratégias para facilitar a comunicação em língua de sinais. O Artigo 24 deixa claro que é de suma importância que a própria pessoa com deficiência, o que inclui os surdos, ensinem os seus semelhantes.

Foto: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=8gYtt9izmCA>. Título: Convenção: Artigo 24 e 30

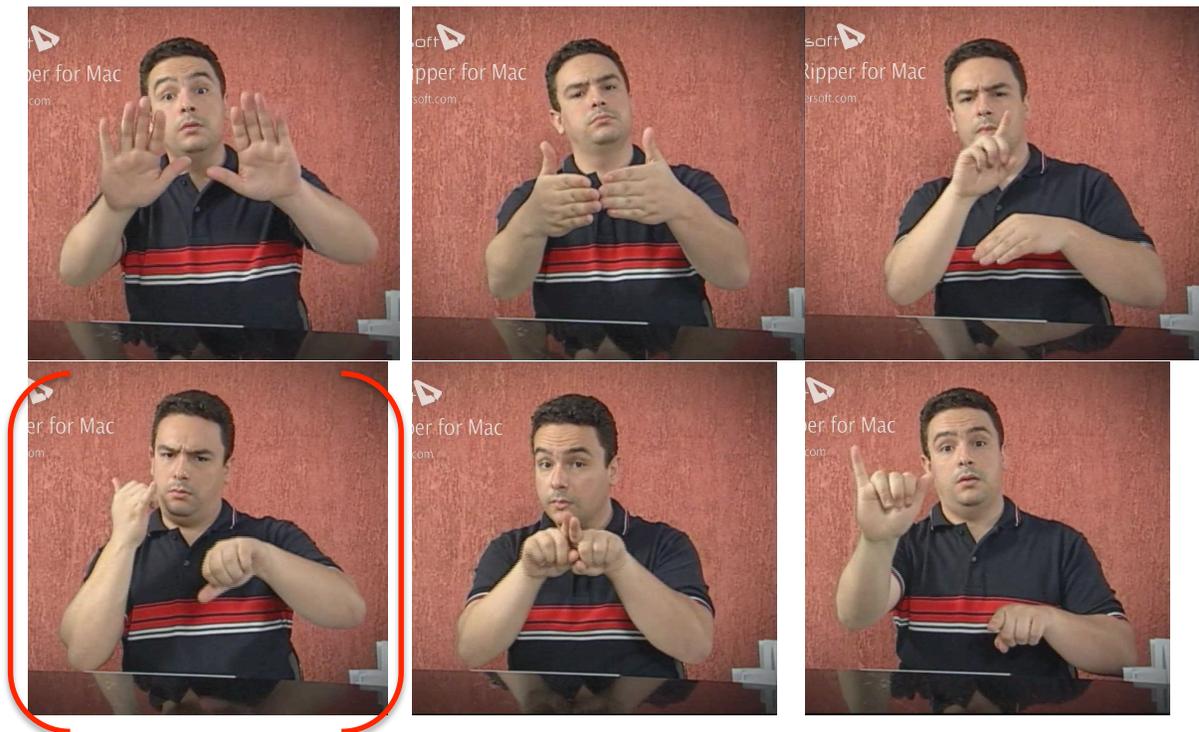
Nesta sentença (2.1), o item morfológico que se repete é o sinal referente aos termos: DIREITO e DEFICIENTE. Estes são termos que representam condições abstratas com as seguintes delimitações paramétricas: mesma configuração de mão, mesma locação e mesmo movimento. Contudo, há alteração no parâmetro *ENM* (*expressões não-manuais*), fato que caracterizará tal par como homônimo imperfeito, pois a expressão não-manual (expressão facial) é diferenciada por um gesto bucal que simula a produção do fonema D para referir-se a DEFICIENTE e DI para referir-se a DIREITO, fato que reflete a imperfeição homonímica.

A distinção entre o parâmetro ENM, verificada no par homônimo, é apresentado como uma hipótese confirmada pela observação empírica. Após pesquisas realizadas em diversos vídeos on-line e em uma vasta observação da realização desses sinais por surdos fluentes em LSB, constatamos que a maioria dos sinalizadores produzem tal distinção paramétrica, embora não seja possível afirmar que todos o façam. Dessa forma, talvez seja possível afirmar que tal gesto bucal faça parte da forma padrão do lexema, conforme ilustram as imagens colocadas em (2.1) e a análise sêmica que virá a seguir, na página 122.

Quanto à hipótese do gesto bucal ser ou não influência ou resquício de uma política de oralização que deixou marcas na LSB, isso nos parece uma questão menor para a discussão apresentada, uma vez que o que importa é o fato de a LSB ter incorporado este gesto bucal em sua estrutura.

Em busca de itens lexicais homônimos, deparamos com o par FALTAR/ENGANAR. Com o mesmo significante mas com significados distintos, este par de item lexical assume duas funções configurando-se homônimo na LSB.

(03) FALTAR/ENGANAR





(3.1) <AGUARDAR>top POR FAVOR NÃO FALTAR TAMBÉM EVITAR
 ATRASAR VOCÊ <IMPORTANTE>top

Tradução: Mas por favor, não falte e nem atrase, pois é importante.

Foto: Recorte dos vídeos em DVD Libras em contexto CAS-BH.





(3.2) CASAR <INFERIOR>qu NÃO, <OBEDECERa>do IMPORTANTE
 <ENGANARa>do OUTRO TRAIR ERRADO OU NÓS-DOIS CASAR <AINDA-
 NÃO>neg <DEITAR-DOISa>do <SEXOa>do ERRADO FUTURO DEUS JUSTIÇA.
 Tradução: O Casamento não é banal. A fidelidade ao cônjuge é importante. O adultério é
 errado, e caso um casal tenha relação sexual sem se casar, no futuro deverão prestar
 contas a Deus.

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em
<http://www.jw.org/apps/index.html?option=QrYQFVTrlBBX&selLang=LSB&selPub=732>.
 Título: Mantenha-se no Amor de Deus.

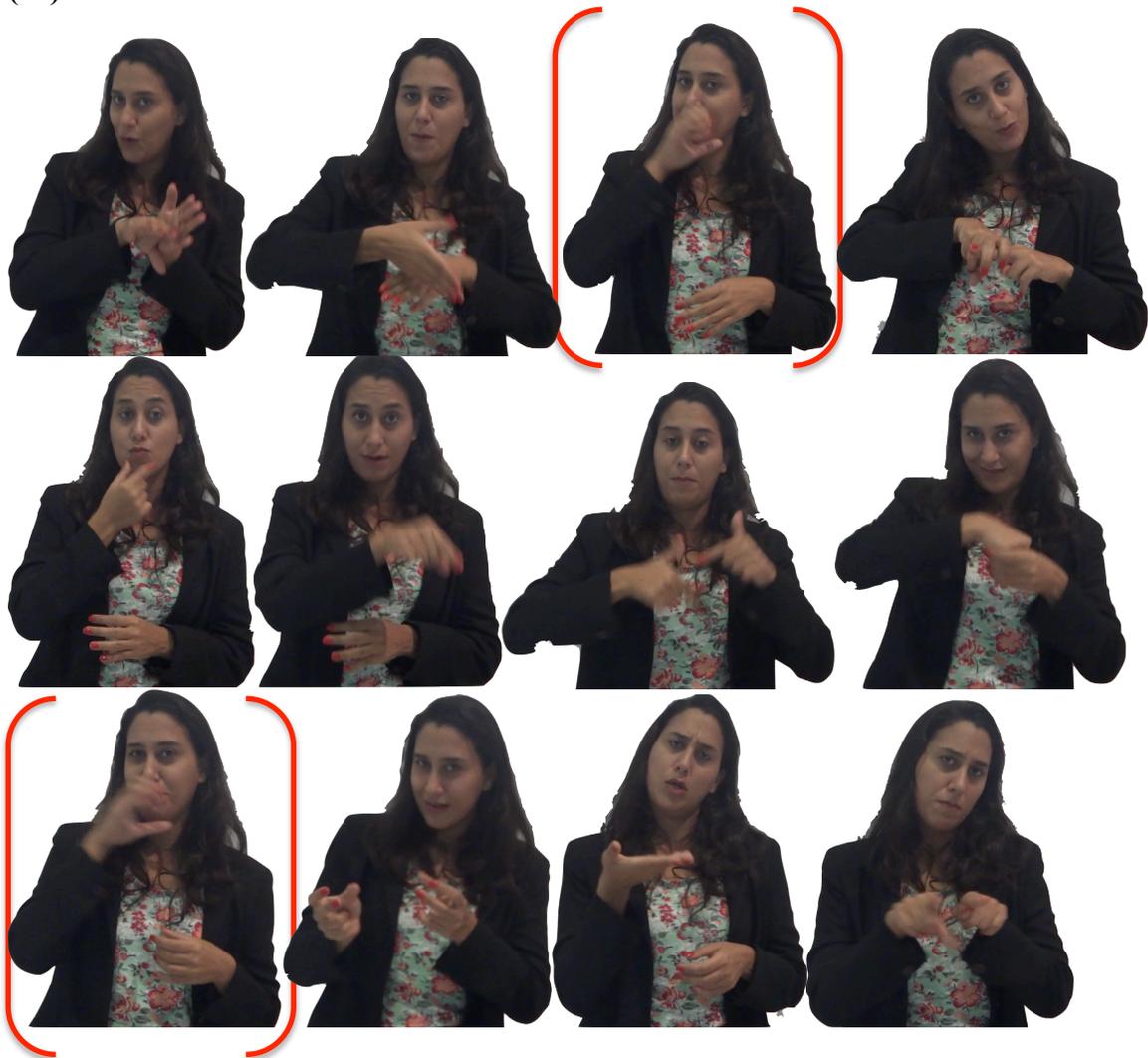
No primeiro exemplo 3.1, vemos o sinal sob análise referir-se ao verbo FALTAR. Há, em LSB pelo menos três significantes para o significado faltar. Dessa forma, o sinal sob análise refere-se, em LSB, exclusivamente à ausência de pessoas, uma vez que a falta de objetos ou a falta (ausência) escolar são referidos a partir de significantes distintos. Utilizar o sinal sob análise para referir-se ao verbo faltar é, certamente, um uso bastante corriqueiro do significante. Contudo, o mesmo não pode ser dito do segundo exemplo 3.2 - em que o mesmo significante refere-se ao verbo ENGANAR e se mostra certamente menos usual que o primeiro.

Uma vez que tais sinais em LSB referem-se a significados (e provavelmente contextos) notoriamente distintos, a hipótese de considerá-los itens polissêmicos foi descartada, visto que tais sinais parecem ter sido cunhados em concomitância e de maneira distinta, dada as diferenças na estrutura semântica constatadas pela análise sêmica, demonstrada na página 122.

Ao ver o segundo vídeo, por exemplo, inicialmente julguei estar diante do sinal FALTAR, mas incongruências me mostraram estar diante de um sinal distinto, apesar de apresentar o mesmo significante. Neste caso a homonímia é perfeita, pois não apresenta diferença estrutural em nenhum contexto que venha a ser empregado. Os parâmetros fonológicos permanecem assim inalterados.

Passemos à análise seguinte.

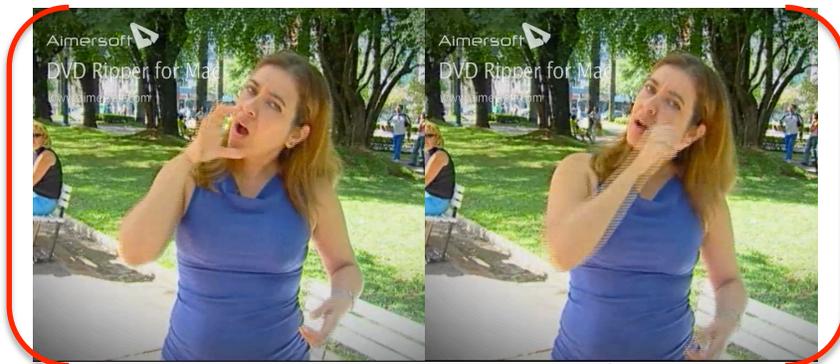
(04) PÃO/RÁPIDO



(4.1) CHEGAR, ENTRAR PÃO, SENTAR, HOMEM ELE TRABALHA DENTRO PÃO, VENDER GARÇON TAMBÉM.

Tradução: Cheguei, entrei na padaria, sentei, e o homem que trabalha na padaria é vendedor e garçom.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante.



(4.2) <ONIBUS>qu NÃO, <CARRO>top RÁPIDO

Tradução: De ônibus? Não, de carro, pois é rápido!

Fonte: Recorte dos vídeos em DVD Libras em Contexto CAS-BH.

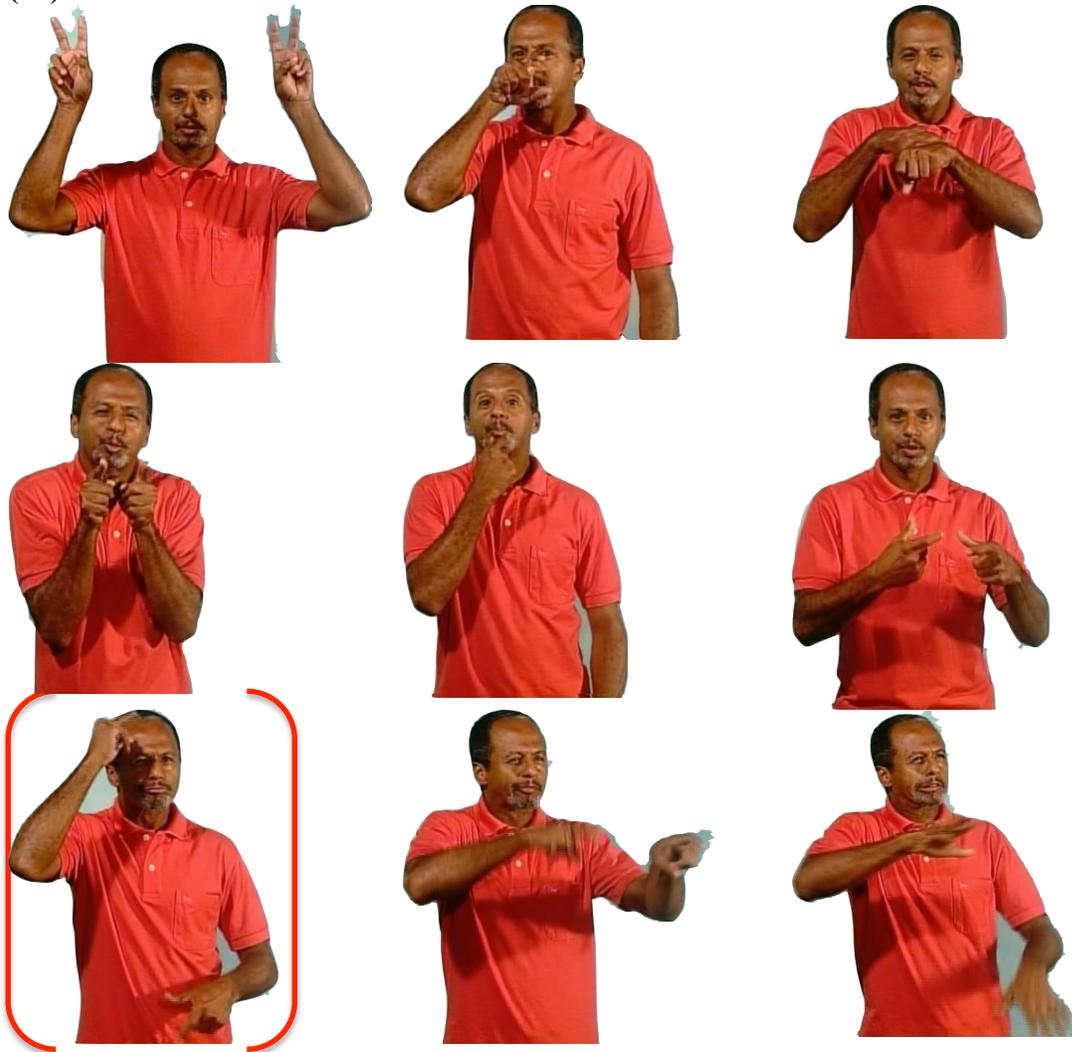
Este exemplo é fonte de um vídeo com produção independente do CAS de Belo Horizonte, protagonizado por um membro da comunidade surda brasiliense. O fato de a sinalizante ser surda e pertencente à comunidade surda de Brasília favorece a análise da presença homonímica nos diálogos da língua de sinais.

Em (4.1), ao referir-se ao vocábulo PÃO, a protagonista do vídeo utiliza um sinal que também se refere ao vocábulo RÁPIDO, fato que pode causar ambiguidade semântica por gerar duplicidade de sentido e não ofertar uma compreensão clara para todos os usuários da LSB.

Esse significante, contudo, é certamente mais conhecido no território nacional como RÁPIDO do que como PÃO. Diante do contexto, percebe-se, que o significante refere-se ao significado PÃO. Apesar dos itens serem homônimos, percebemos uma pequena possibilidade de distinção entre eles, uma vez que o parâmetro ENM costuma ser alterado em RÁPIDO a partir de um levantar de sobrancelhas, fato que caracteriza o par como homônimos imperfeitos.

Este parece ser, portanto, mais um caso em que as diferenças resultantes da existência de variantes da LSB geram coincidência paramétrica entre os significantes.

(05) FAZENDA/BOI⁷



⁷ Estes sinais são passíveis de discussão pois envolve análise prototípica. Uma vez que Boi é um protótipo de fazenda e Fazenda está sendo nomeada por seu protótipo.



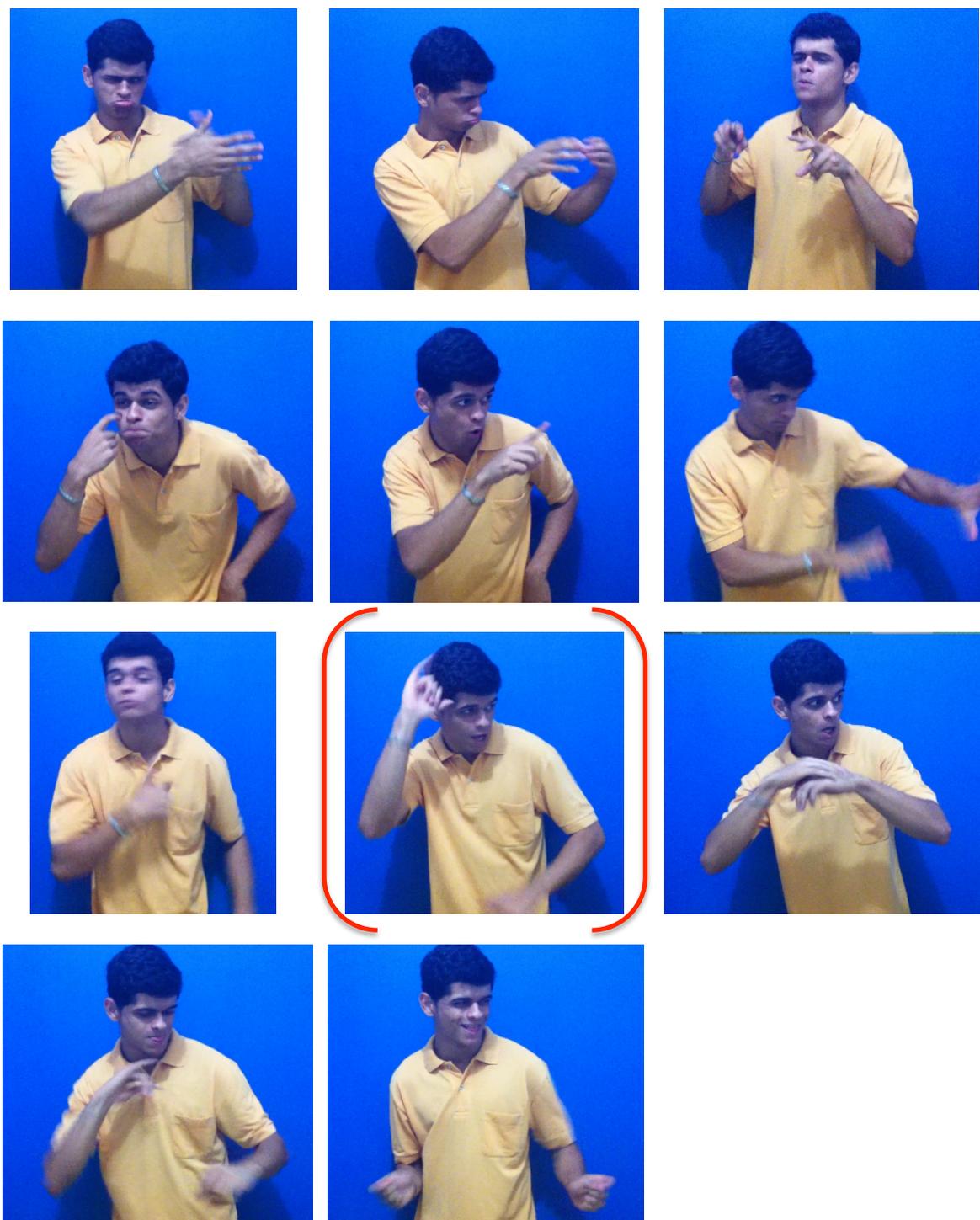
(5.1) TITULO PAPAGAIO VERDE PEQUENO HOMEM LUGAR FAZENDA ROÇA
ÁREA. HOMEM PEQUENO PASSEAR ANDAR <VIU PAPAGAIOa>do VERDE
<TRÊSa>do.

Tradução: O assunto é sobre o pequeno papagaio verde. Um homem estava na fazenda e um menino passeando por lá viu três pequenos periquitos verdes.

Fonte: Recorte dos vídeos em DVD Exame Nacional de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais - Prolibras 2010. Título: “Periquito Verde”.

Exemplo retirado do vídeo que integra o material de orientações do Exame Nacional de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais – Prolibras 2010





(5.2) PASSADO EU FAZENDA IR VIAJAR CHEGAR FAZENDA ESPAÇO VAMOS
 GRUPO AMIGOS IRMÃO QUALQUER GRUPO ANDAR <VIUa>do <OLHARb>do
 AGUARDAR EU-IR IX<BOIb>do CARINHO CORAGEM DÁ

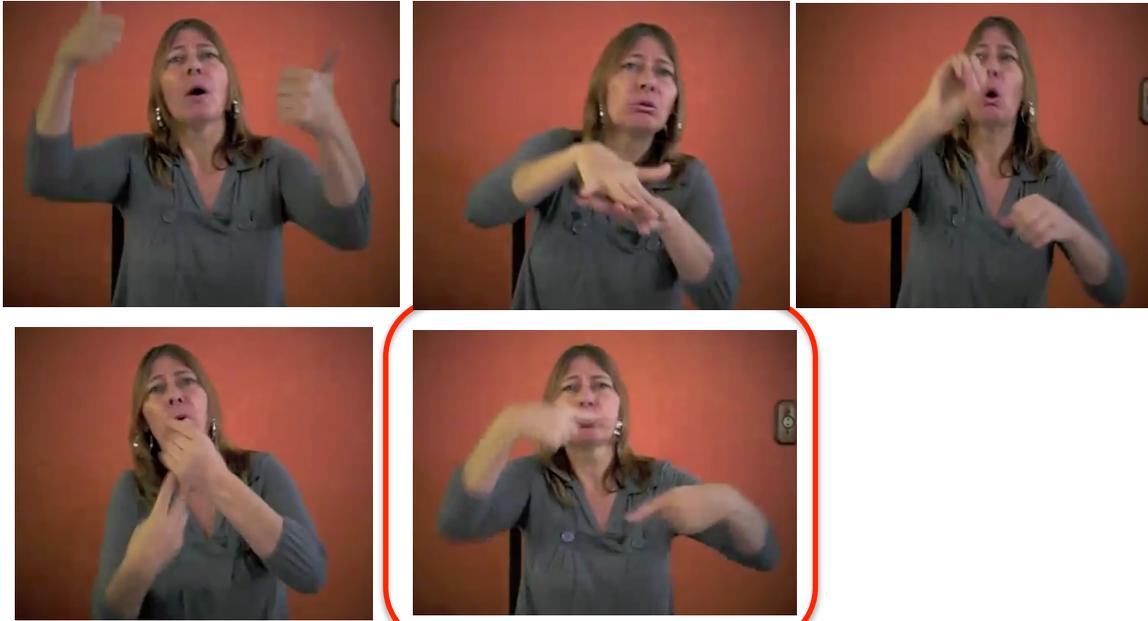
Tradução: Quando eu viajei para a fazenda ao chegar convidei meus amigos para passear,
 e após andar bastante avistei um boi, e mostrei para eles que era possível acarinhá-lo.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante.

O enunciado acima apresenta outro item lexical homonímico. Este item possui um significante e dois significados. Ao referir-se ao lugar FAZENDA, o interlocutor fez a escolha lexical que também se refere a BOI. Deste modo, a lexicografia deste sinal configura-se em homonímia perfeita por possuir as mesmas representações gramaticais.

(06) POLÍTICA/DISCUSSÃO





(6.1) PENSAR TER TODO DISCUSSÃO BRASIL <O QUE>qu POLÍTICA
EDUCAÇÃO SURDO MELHOR INCLUSÃO OU BILINGUE, DISCUSSÃO.

Tradução: Estava pensando, há em todo o país a discussão sobre a melhor política para educação dos surdos: Inclusão ou bilinguismo? Discussão (...)

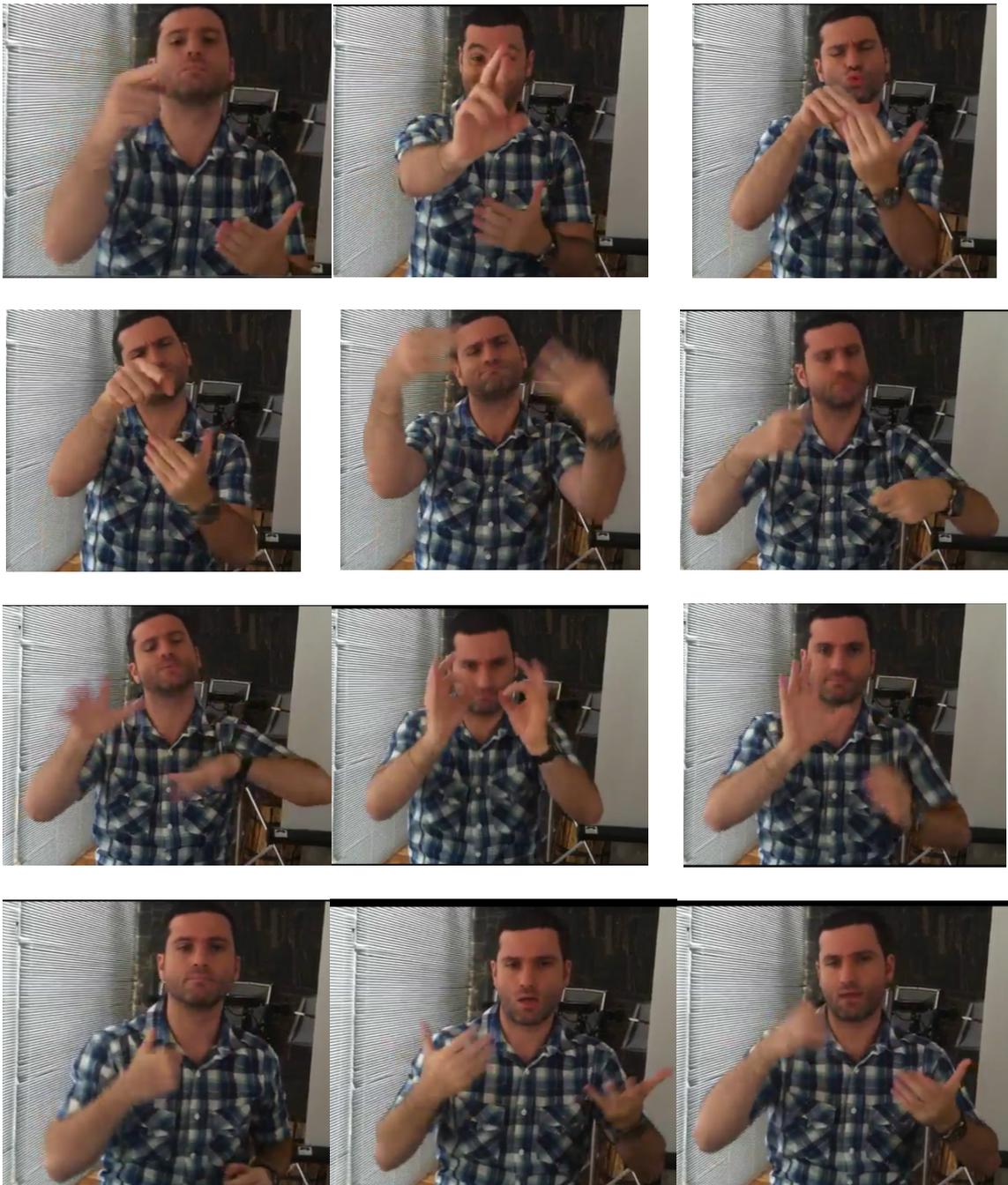
Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

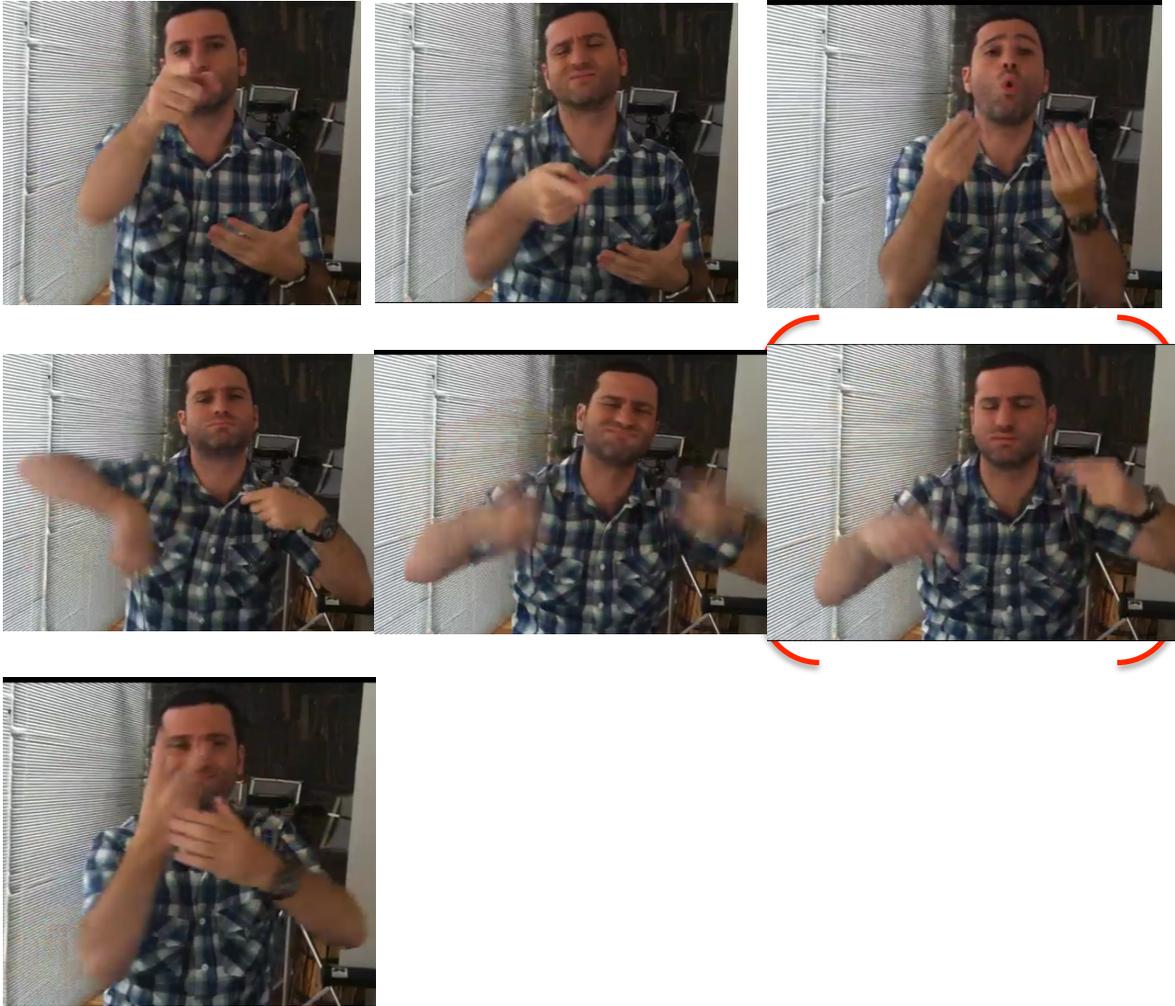
<http://www.youtube.com/watch?v=VXXtiZ0u5N8>. Título: FENEIS somos nós.

Exemplo retirado do site Youtube, intitulado “*FENEIS somos nós*”, de autoria da Presidente da Federação Karin Strobel, usuária e nativa na língua.

Neste fragmento, a homonímia faz-se presente no item lexical POLÍTICA / DISCUSSÃO. Ambos possuem os mesmos parâmetros fonológicos, e, portanto, causam dúvidas sobre a clareza de sentido. Vemos que a homonímia presente é imperfeita, uma vez que a sinalizante em questão faz diferença sutil entre os termos por alternar o parâmetro expressão não-manual (expressão facial). Vemos um leve inflar de bochechas e um suave sopro para diferenciar DISCUSSÃO de POLÍTICA. Diante da sutileza da distinção, a ambiguidade de sentido está presente, não favorecendo a clareza da interpretação imediata do significado.

A título de comparação, vejamos abaixo mais um exemplo retirado do site Youtube intitulado “*Para Nelson e para TODOS*”, realizado por um individuo surdo que utiliza o mesmo item lexical em sua fala:





(6.2) VOCÊ RESPONDEU EU CONCORDO. VOCÊ CERTO, PRECISA CUIDADO CERTO, MAS AGORA EU VAI EXPLICAR. VOCÊ FALA <COMO>qu NÓS PRECISA DISCUTIR BILINGUISTO (...)

Tradução: Você respondeu e eu concordo. Você está certo, precisamos ser cuidadosos, está certo, mas agora vou explicar. Você diz que nós precisamos discutir o bilinguismo...

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=8VifwuwE3CQ>. Título: Para Nelson e Para todos.

Nesta comparação é explícita a semelhança nos itens lexicais para POLÍTICA / DISCUSSÃO. A expressão não manual que se vê, portanto, é a presença de um gesto bucal que simula um sopro, caracterizado pela boca com o formato em “U” e mostrando que nos dois exemplos não há alternância significativa de expressão facial além do gesto bucal relatado, mas que há, sim, diferenças de sentido.

No próximo exemplo, o participante é membro atuante na comunidade surda e também é usuário nativo da língua. Neste registro, a homonímia é clara e notória, pois o mesmo significante pode referir tanto ao ato de ADOTAR, quanto ao ato de LUCRAR. Vejamos:

(07) ADOTAR/LUCRAR



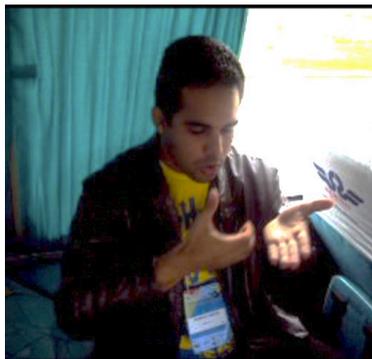


(7.1) FILHO, SEXO FILHO, FILHO QUERER – NÃO, DESPREZO, DEIXAR.
PESSOA PEGAR, ADOTAR

Tradução: O filho existe, pois houve relação sexual, mas não deseja o filho e por isso o despreza e o deixa. Assim outra pessoa adota a criança.

Fonte: Recorte de vídeo cedido pelo sinalizante.





(7.2) VOCÊ QUER VENDEDOR ISSO VENDER QUER? ESPERE MARCAR FABRICA GRÁFICA, PEGAR TUDO, VENDER. VERBA R\$ 400,00, LUCRAR.

Tradução: Você quer o emprego de vendedor para vender isso? Aguarde que enviarei à gráfica, pegarei tudo, e após vender traga a verba que será de R\$ 400,00 e lucraremos.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante.

O sinal ADOTAR é amplamente utilizado em todo o território nacional e está, inclusive, dicionarizado (CAPOVILLA, 2011). O sinal LUCRAR, no entanto, que estava restrito a algumas regiões do país e que não consta no referido dicionário, parece ter se popularizado a partir das discussões construídas no curso de Letras-Libras, onde o fato semântico da homonímia era discutido justamente a partir dos sinais sob análise.

Assim, tudo indica que tais sinais tenham sido cunhados (em concomitância ou não) em semelhança fonológica com distinção semântica em diferentes regiões do Brasil. Contudo, a partir do crescente reconhecimento e valorização da LSB no território nacional e das políticas desenvolvidas pelo governo com o intuito de preservar e fortalecer tal língua, assistimos cada vez a uma maior interação entre as variedades que compõem a LSB, o que contribui para evidenciar fenômenos linguísticos até então desconhecidos.

Como se sabe, o par sob análise é considerado uma homonímia perfeita, uma vez que há total coincidência paramétrica entre eles, não havendo, portanto, sequer distinção no parâmetro ENM, como visto em exemplos anteriores. Esse fato resulta em uma grande probabilidade de gerar ambiguidades, que deverão ser desfeitas pelo contexto.

(08) CAPITAL/ EM CIMA/ CENTRAL

Como já sabemos, algumas sentenças são ambíguas. Vejamos seguinte:







(8.1) PAIS CHAMAR <FILHO_b>do ESCUTAR<neg> ACONTECER <COMO>qu
 RESOLVER <CAPITAL_a>do B-H CAPITAL SÃO PAULO <CAPITAL_b> RIO DE
 JANEIRO MÉDICO EXAMINAR CERTO SURDO PAIS NORMAL RELAXAR

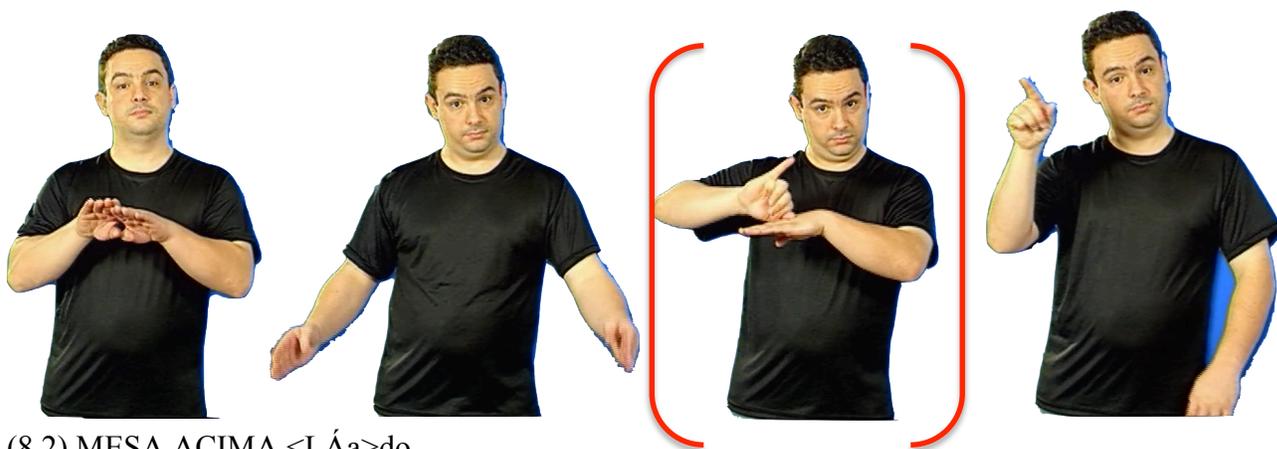
Tradução: Os pais chamam pelo filho, e o mesmo não escuta. Os pais ficam intrigados com o que poderia ter causado tal fato. Decidem então ir até a capital Belo Horizonte, posteriormente na capital de São Paulo e por fim na capital do Rio de Janeiro, onde o médico constatou que o filho era surdo. Sem ter o que fazer, os pais se conformaram.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante

Os sinais acima foram extraídos de um vídeo particular cedido por um sinalizador surdo e fluente em LSB. Na sequência dos recortes do vídeo, o nono sinal realizado refere-se ao significante CAPITAL; aplicado neste contexto para definir espaço territorial

dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. No entanto, sabe-se de significados distintos para o mesmo significante.

A seguir, veremos sinais extraídos de um DVD produzido pelo CAS-BH, sinalizado por um surdo fluente em LSB. Nesta sequência, o mesmo significante apresenta significado distinto e independente do significado anterior (capital), o que representa uma homonímia perfeita. Tal sentença especifica uma mesa e põe um objeto sobre ela (um livro), implícito porque relatado em sentença anterior. O significante refere-se agora ao significado *em cima* ou *sobre*.

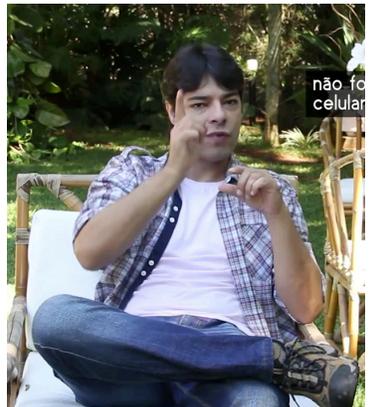


(8.2) MESA ACIMA <LÁa>do

Tradução: Está em cima da mesa.

Fonte: Recorte dos vídeos em DVD Libras em Contexto CAS-BH.

A seguir, consta um exemplo em que o mesmo significante refere-se a CENTRAL. Aqui também veremos coincidência fonológica entre todos os parâmetros que compõem o sinal. Expressões não-manuais distintas não aparecem aqui, tampouco qualquer alteração diferenciadora, e isso nos leva a considerar tais termos (CAPITAL / EM CIMA / CENTRAL) como homônimos perfeitos. Trata-se de sinais distintos, com significados diferentes, criados em situações independentes, o que prova a legitimidade das línguas sinalizadas, que, como as línguas orais, passam por processos de criação lexical regidos pelas necessidades do sujeito falante.





(8.3) ... LIGAR CENTRAL BIP-ME-ENVIAR LER MAS FÁCIL RESPONDER MÃE DIFÍCIL, FÁCIL NÃO, ANO-TEMPO LINHA-TEMPO CONSEGUIR CELULAR TECLAR...

Tradução: ... ligou para central de atendimento e escreveu e me enviou a mensagem via Bip. Mas eu não pude responder, não foi fácil. Com o passar do tempo só tinha o celular...

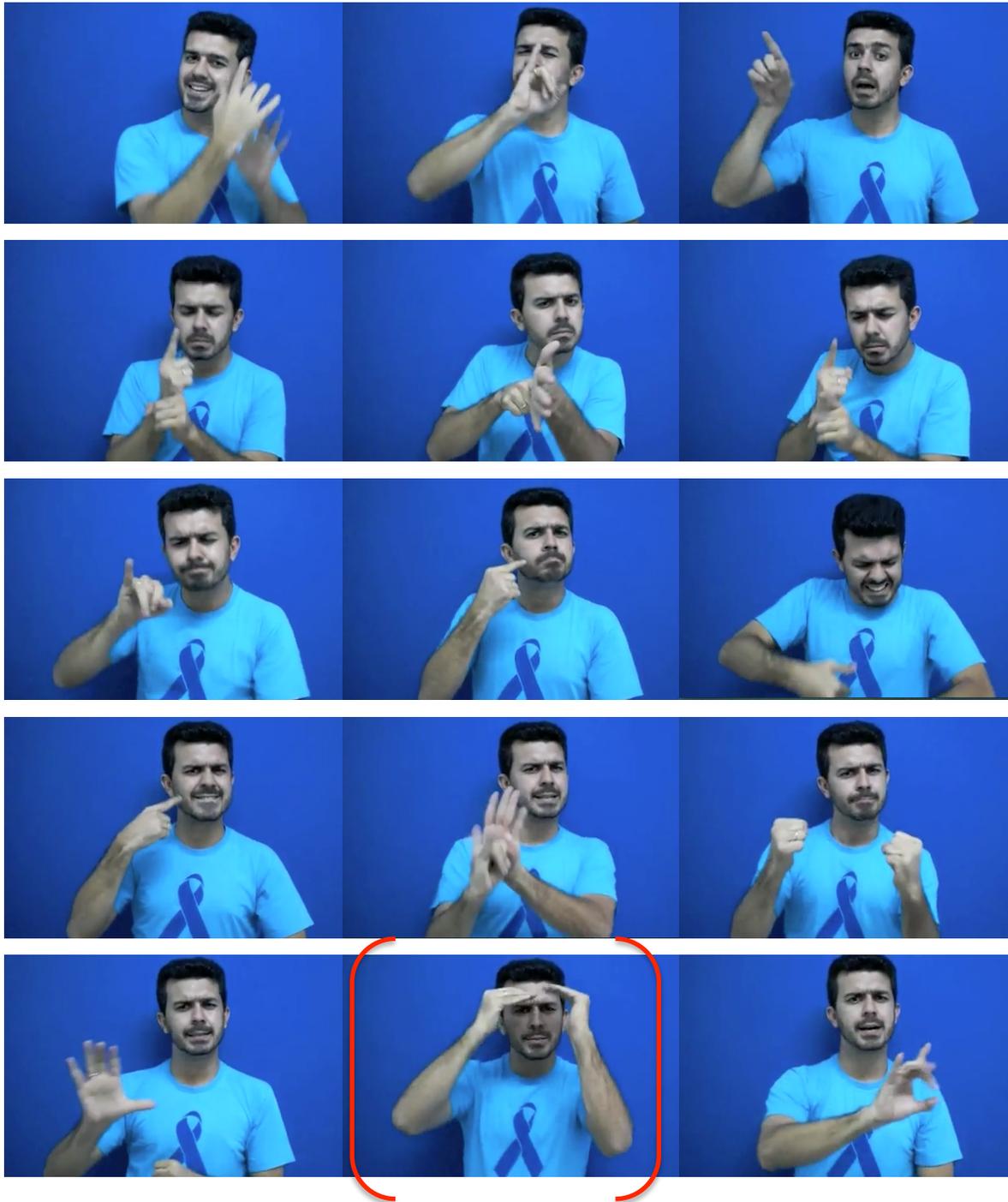
Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=vDO91iPsGQ4>. Título: Viável Brasil – Depoimento Alexandre Melendez.

(09) RESPEITO/OBEDECER

O exemplo que se segue foi extraído de um vídeo disponível no site *Youtube* intitulado “*SER Surdo*”. O sujeito deste vídeo é um surdo usuário e fluente na língua. A título de comparação, do mesmo site retiramos o exemplo 9.2 com tema “*Serra Vota em 45*” no qual o sujeito presente é surdo e fluente na sua Língua. Embora apresentem assuntos distintos, em ambos os casos o sinal referente a “RESPEITO/OBEDECER” se fazem presentes, denotando a compreensão de sentido em suas sentenças. Podemos

observar que a variação na estrutura do sinal não se faz presente, e portanto, item fonológico para “respeito/obedecer” configura-se como homonímia perfeita por possuírem os mesmos parâmetros fonológicos.





(9.1) PADDY IMPORTANTE IX<ELEa> DESCOBRIR PESQUISA DESCOBRIR
IMPORTANTE SURDO-SER SURDO IDENTIDADE PODEROSO JEITO RESPEITO
CADA IMPORTANTE

Tradução: Paddy, é de suma importância, pois por meio de suas pesquisas ele defendeu o valor do Ser surdo, sua identidade, seu poder e o respeito que é merecido a cada um.

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=IAozf8jEVo0>. Título: SER Surdo.





(9.2) IX<ELE> LUTAR DEPENDE GRUPO P-O-V-O REFORMA PEDIR PROPOSTA
 MOSTRAR ELE SERRA ACEITAR OBEDECER OPINIÃO ESPAÇO P-O-V-O
 IMPORTANTE

Tradução: A luta varia entre o povo surdo. Por meio de um movimento com a solicitação de apresentação das propostas, Serra aceitou e respeitou as indagações do povo surdo, e isso é muito importante.

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=PkWMGbYKSBA>. Título: Serra Vota em 45.

(10) CAS/CONSTITUIÇÃO

Continuando a análise da homonímia na língua de sinais, os exemplos que seguem são oriundos de fontes distintas, o exemplo (10.1) é fruto de um registro particular, no qual, de modo livre a sinalizante surda em seu ambiente de trabalho, faz o emprego do item fonológico correspondente à CAS. Já o exemplo (10.2) foi retirado do site *Youtube*, do vídeo “PNC I”, também desenvolvido por um usuário surdo nativo e fluente em LSB. O “CAS” é uma sigla utilizada para denominar uma instituição de

ensino, já “CONSTITUIÇÃO” vem a ser o conjunto de Leis de determinado país. Para tanto, em discursos realizados por sinalizantes da LSB, o Léxico para “CAS/CONSTITUIÇÃO” é o mesmo, gerando assim a homonímia, uma vez que este sinal possui a mesma configuração de mãos, orientação, movimento e expressão, divergindo apenas no significado. Vale a pena ressaltar que, embora o exemplo 10.2 apresente visualmente a alteração na configuração de mão, na questão do sentido essa alteração não se faz presente, uma vez que a alteração na configuração ocorre por assimilação de sentido, que, por sua vez, discorre mediante a sequência que é revelada na oração. Dessa forma, classificamos este item lexical como homônimo perfeito por não sofrer nenhuma alteração fonológica.





(10.1) ONDE MINHA TRABALHAR EX PASSADO ONDE CAS-DF ARÉA MINHA PROFESSORA LIBRAS ENSINAR ELES ALUNOS CRIANÇAS SURDAS

Tradução: Meu antigo trabalho era no CAS – DF, onde eu ministrava aulas para crianças surdas.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pela sinalizante.

O exemplo para Constituição é:







(10.2) GRUPO ESTE LIDER ESTE OLHAR LIBRAS POR FAVOR OLHAR APROVEITAR O QUE? SEGUIR ESTE L-D-B SEGUNDO P-C-N TERCEIRO CONSTITUIÇÃO TAMBÉM TER DESCRIÇÃO APROVEITAR

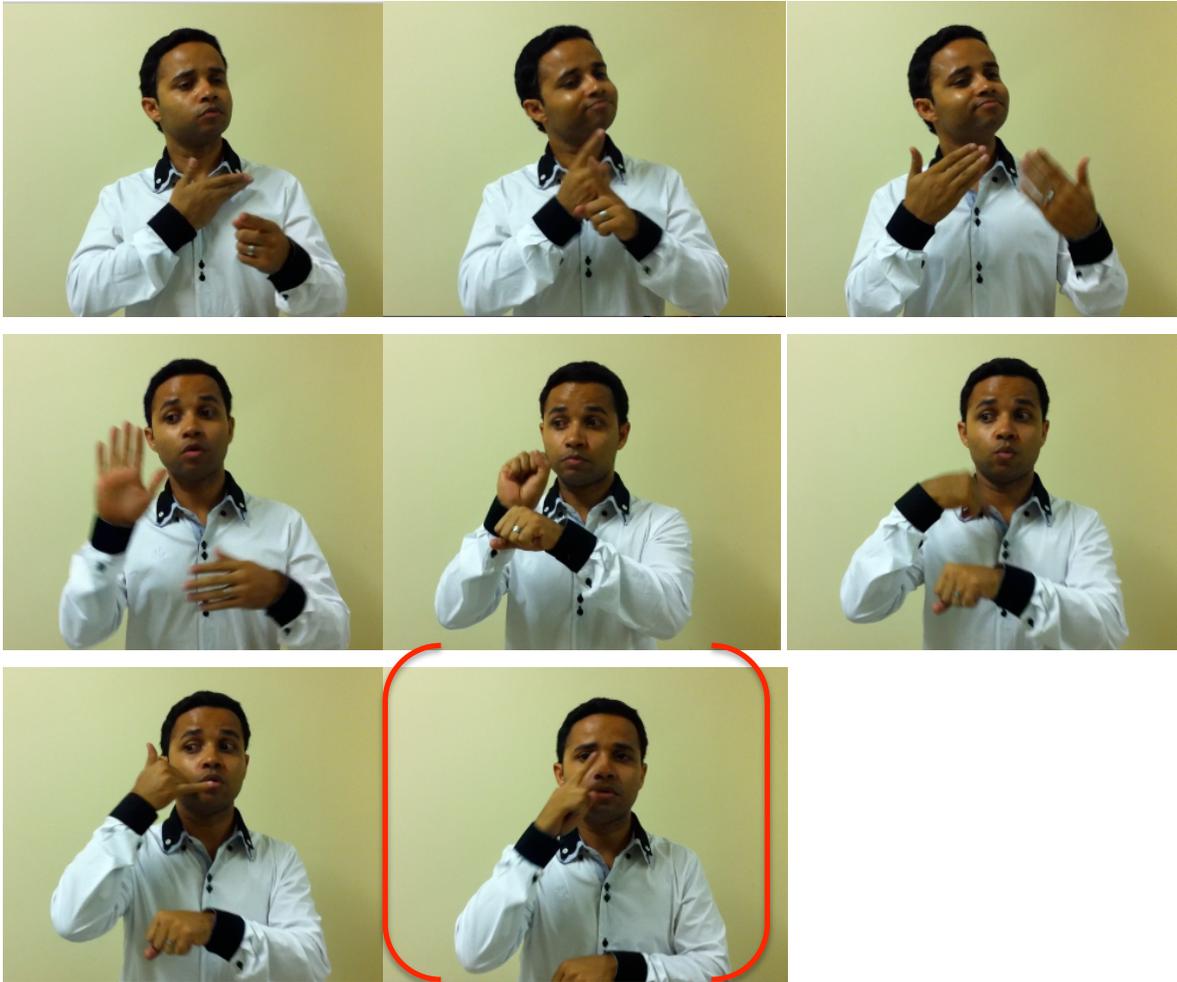
Tradução: Peço encarecidamente ao líder deste grupo que olhe atentamente para a Língua de Sinais, mas que leve em consideração a LDB, que siga os PCN's e também a Constituição, pois estes a descrevem, aproveitem (...)

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=LdvClxIEH5w>. Título: PCN1.

(11) BISCOITO/MÃE





(11.1) COMER BISCOITO COMER-COMER COMER-BISCOITO BOM QUANDO
 <AMIGO ENCONTRAR CONVERSARb>do AGUARDAR ESPERAR EU
 IX<aLIGARb>do MÃE.

Tradução: Estava comendo um biscoito tranquilamente logo encontrou seu amigo, após conversarem, solicitou que aguardasse pois precisava ligar para sua mãe.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante.

(11.1) Vemos na sentença acima o mesmo significante se referir a dois significados distintos. Inicialmente, significando BISCOITO e posteriormente significando MÃE. Tais termos serão ambíguos quando o contexto não for suficiente para desambiguar entres os diferentes significados. O exemplo (11.1) faz parte de uma história verídica, vivenciada pelo próprio surdo que sinaliza a sentença: consta-se que, em 2012,

ao visitar pela primeira vez a cidade de Campo Grande, Rafael⁸ viu-se em uma situação de incompreensão diante de um sinal que poderia referir-se tanto a MÃE, quanto a BISCOITO. Diante das insuficiências de especificação oferecidas pelo contexto, foi necessário questionar a que sentido dado significante de referia. Neste caso, a ambiguidade também foi gerada devido às diferenças dialetais dos pares: em Minas, região do Rafael, o significante sob análise refere-se apenas a BISCOITO. Em outras regiões, contudo, além de referir-se a BISCOITO, refere-se também a MÃE, fato que resulta na ambiguidade. Pode-se supor, no entanto, que se Rafael não conhecesse os dois significados do sinal, não haveria ambiguidade decorrente da homonímia, pois tal significante se prenderia de maneira exclusiva, para o sinalizador, a apenas um significado.

No exemplo acima, portanto, observamos que BISCOITO e MÃE formam um par homônimo perfeito, uma vez que há coincidência entre todos os parâmetros fonológicos que compõem o sinal.

(12) BAHIA/JEITO/SENTIR

No caso a seguir, o objeto de estudo (12) é o léxico referente de BAHIA/JEITO/SENTIR.

Nos diversos diálogos, este item lexical assume significados distintos, embora não altere seus parâmetros fonológicos.

O exemplo (12.1) é proveniente de registro particular onde o indivíduo surdo, fluente na língua, discorre sobre sua cidade natal, que é BAHIA e tem sinal idêntico ao aparece nos exemplos (12.2) e (12.3), disponíveis no site Youtube intitulados “*cbq.wmw*” e “*Viável Brasil – Depoimento Alexandre Melendez*” os sinalizadores também surdos fluentes na língua expressam na sentença (12.3) o sinal referente a SENTIR, e na sentença (12.2) o sinal referente a JEITO. Diante destes exemplos podemos observar que não há alteração na configuração do item lexical, uma vez, que em todos os contextos, o sinal assume a orientação, o movimento e a locação semelhantes.

⁸ Nome fictício

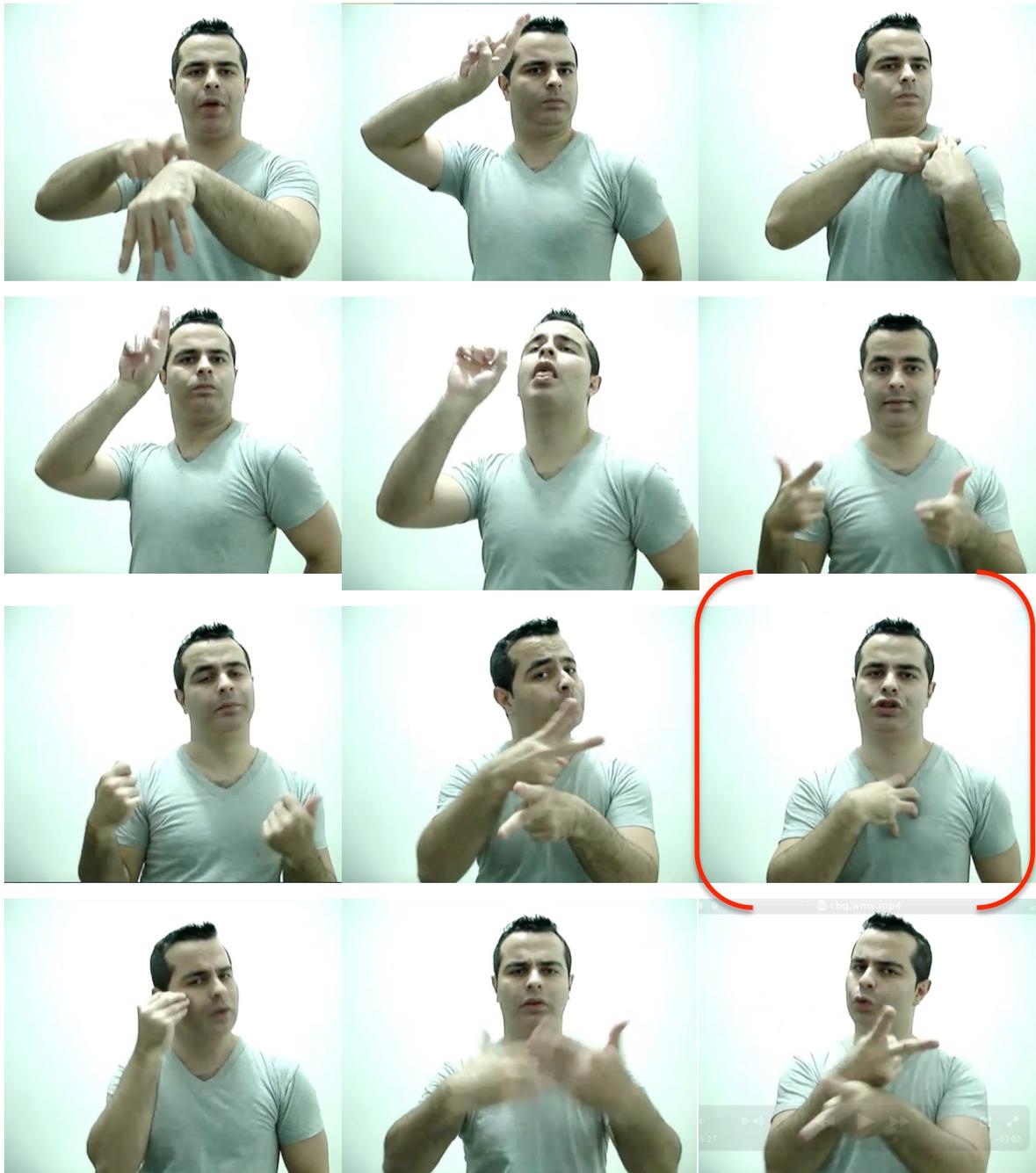
Vale salientar o fato de o sinal permitir amplo emprego em diversos contextos e a expressão poderá sofrer mudanças, por isso não será considerada homonímia perfeita.



(12.1) <LÁb>do CIDADE LUGAR BAHIA NASCER CRESCER <ATÉ>qu NÃO,
MENINO CHEGAR MONTES CLAROS MUDAR

Tradução: Lá na cidade da Bahia, onde nasci, mas não vivo lá até hoje, me mudei para a cidade de Montes Claros ainda criança.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante.

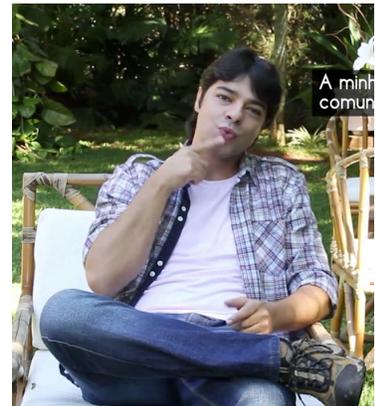




(12.2) TEMPO RESPONSÁVEL RESPONSÁVEL RESPONSÁVEL QUEM? NÃO-
TER PRECISAR PROCURAR JEITO TENTAR QUALQUER PROCURAR JEITO UM
Tradução: No momento não há diretor responsável, por isso é necessário procurar de um
jeito qualquer (...)

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=A3y0OXwmBDA>. Título: cbq.wmw.





(12.3) LUTA COMUNIDADE SURDA ISTO, EU ATÉ AGORA EU SENTIR SUJEITO PESSOAL.

Tradução: A minha determinação é ajudar a comunidade surda.

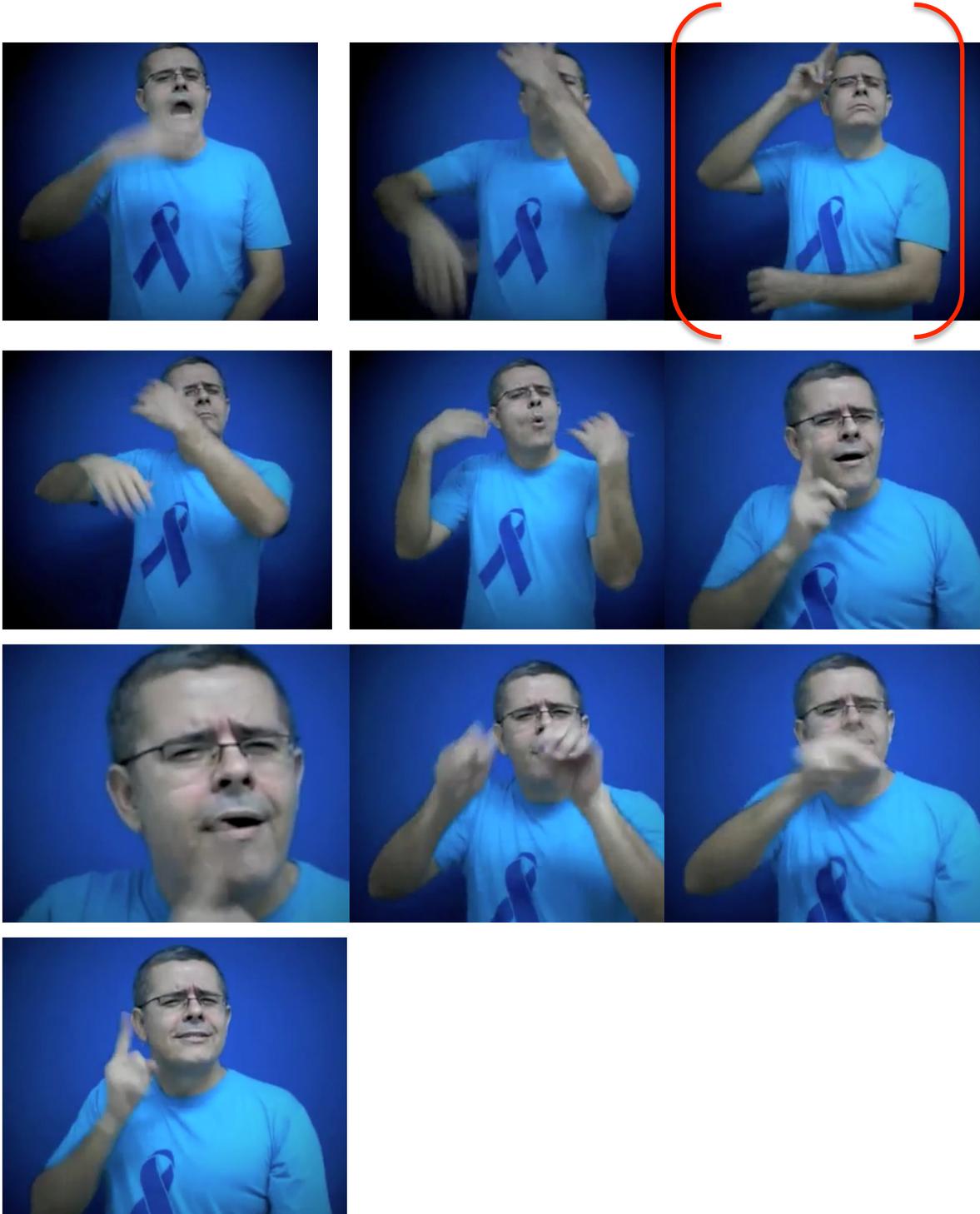
Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=vDO91iPsGQ4>. Título: Viável Brasil – depoimento de Alexandre Melendez.

(13) HISTÓRIA/LEMBRAR

Mais um exemplo de homonímia pode ser observado conforme os exemplos abaixo. O exemplo (13.1) foi extraído do site *Youtube*, no vídeo intitulado “*SER Surdo*”, no qual o sinalizador é surdo e militante sobre os direitos dos indivíduos surdos. Nesta sentença o item em questão é o sinal identificador para HISTÓRIA, que se assemelha ao sinal referente a LEMBRAR, conforme aparece no exemplo (13.2) retirado do mesmo site e que se intitula: “*Viável Brasil – Depoimento Alexandre Melendez*”. Nos dois casos, o item lexical difere em parâmetros fonológicos em expressão não-manual, representando

desta forma homonímia imperfeita. Estes exemplos comprovam a existência da homonímia na LSB, fato este que reforça a veracidade da língua.



(13.1) UAU PASSADO HISTÓRIA PASSADO UAU SURDO SURDO ENSINAR PROFESSOR SURDO.

Tradução: Puxa, há muito tempo na história um surdo professor (...)

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em <http://www.youtube.com/watch?v=IAozf8jEVo0>. Título: SER Surdo.





(13.2) MAS EU LEMBRAR O QUE BARREIRA COMUNICAÇÃO POR CAUSA ENTRAR SOCIEDADE ISTO <DIFÍCIL, FÁCIL>sn NÃO.

Tradução: Me lembro, minha comunicação na sociedade não foi fácil.

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=vDO91iPsGQ4>. Título: Viável Brasil – depoimento de Alexandre Melendez.

(14) INTERPRETAR/ FRITAR (BIFE)

Os sinais INTERPRETAR e FRITAR são apontados por Bidarra & Martins (2012) como homônimos, uma vez que, para eles, há perfeita simetria entre os parâmetros fonológicos dos dois sinais. Ratifico a afirmação dos autores quanto ao fato de tais lexemas serem homônimos, mas retifico a total equivalência de parâmetro entre tais sinais. Se pensarmos na forma padrão de se produzir tais sinais, veremos que entre INTERPRETAR e FRITAR há uma distinção do parâmetro M, pois no primeiro sinal há os movimentos são curtos e rápidos, enquanto no segundo, o movimento é mais lento (pois simula grelhar a carne).

Outra distinção possível a ser encontrada diz respeito a alteração do parâmetro ENM. Supõe-se que o verbo FRITAR possa conter um gesto bucal em que os lábios estejam contraídos e projetados (simulando a reprodução de um chiado). Contudo, parece que tais distinções têm caído em desuso, uma vez que a praticidade e a velocidade que regem as interações verbais parecem selecionar tais traços como desnecessários. Prova disso são as imagens capturadas, em que não aparecem distinções, e a nossa observação empírica. Assim sendo, considero o par sob análise como potencialmente homônimos imperfeitos, conforme ilustração a seguir.





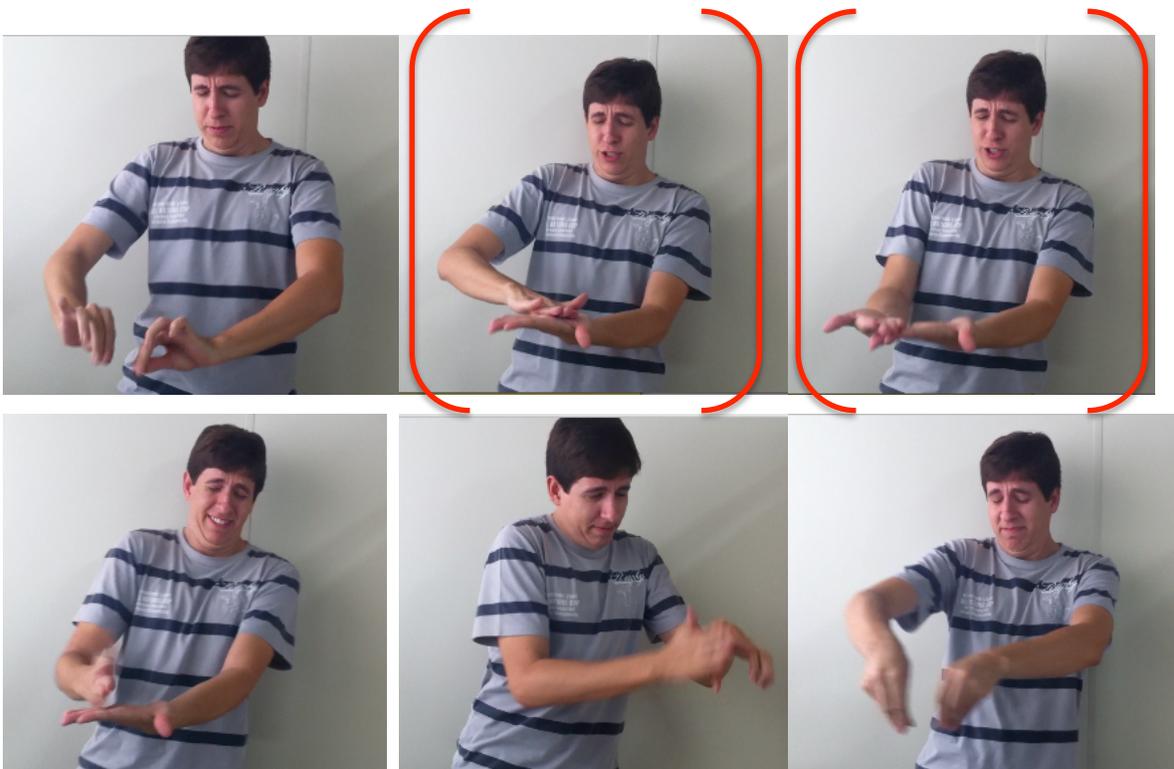
(14.1) DAR <TELAb>do LÍNGUA DE SINAIS DOIS-NÓS TEMPO MESMO, <DEPENDENCIA>sn PRECISA NÃO INTERPRETAR.

Tradução: com o VPAD a comunicação flui em tempo real, alguém de interpretar.

Fonte: Recorte dos vídeos disponíveis em

<http://www.youtube.com/watch?v=kdu4SMaPvKg&feature=related>. Título: Viável Brasil – Depoimento.





**(14.2) PANELA-LOCATIVO OLÉO CARNE SAL VINAGRE CARNE-LOCATIVO
<FRITARa>do FATIA-CEBOLA COLOCAR-PANELA-CEBOLA**

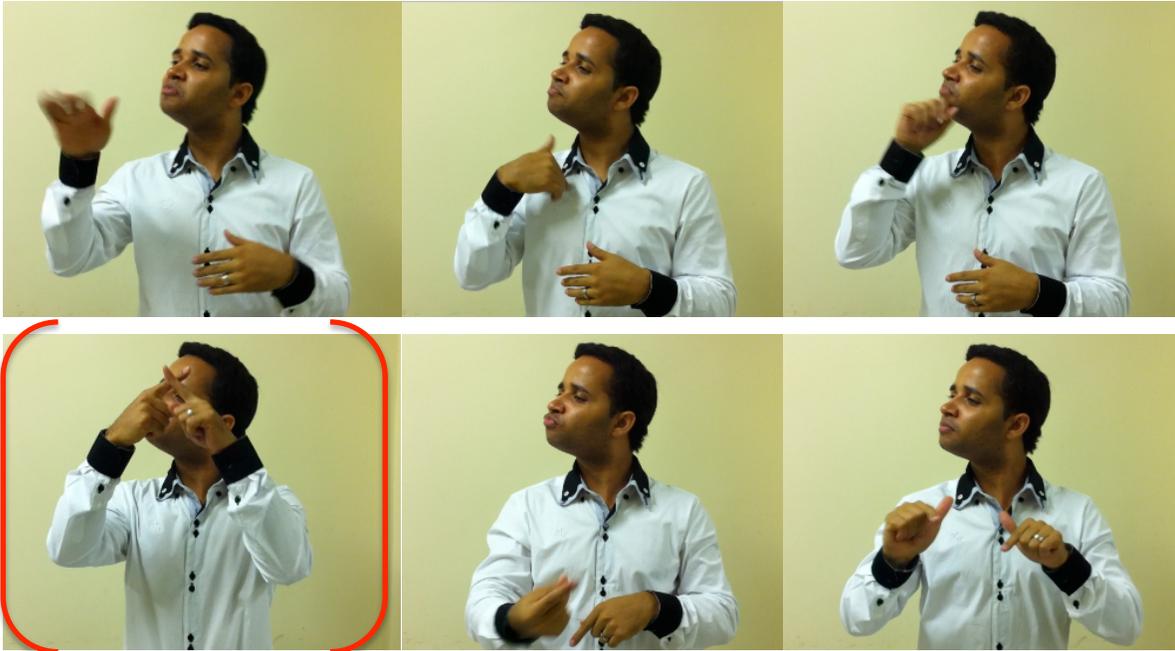
Tradução: Pegue uma panela, adicione o óleo, o sal e o vinagre, e ponha o bife para fritar, fatie uma cebola, coloque na panela e vire o bife sempre que necessário.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante.

(15) CAMPEONATO/ EFETIVO







(15.1) <AMIGO ENCONTRAR CONVERSARa>do <VAMOS JUNTO CAMPEONATOb>do FUTEBOL DISPUTAR VER PASSAR <QUEM>qu VAMOS IR <OLHARb>do QUANDO <ENCONTRAR AMIGO CONVERSARb>do CHAMAR EU PAI EFETIVO ETERNO TRABALHAR.

Tradução: Ao encontrar com o amigo, o convidou a ir ao campeonato de futebol para ver a partida. Ao chegar no futebol, encontrou outro amigo e conversou com ele e falou sobre o trabalho efetivo do seu pai.

Fonte: Recorte de vídeos cedidos pelo sinalizante.

O caso de ambiguidade decorrente de homônimos perfeitos, descrito em (15.1) também foi relatado por Rafael, um conhecido surdo que, em viagem por Campo Grande, deparou-se com uma série de situações ambíguas (decorrentes de itens homônimos) não resolvidas pelo contexto. Em conversa informal, o sinal conhecido de CAMPEONATO, conhecido por Rafael, parecia estar sendo utilizado por seu interlocutor com outra significação, uma vez que não parecia caber na sentença e no contexto o lexema CAMPEONATO. Diante do seu questionamento, obteve a resposta de que, naquela região, aquele significante significava tanto CAMPEONATO quanto EFETIVO.

Este exemplo, semelhante ao caso exemplificado em (11.1), decorre do fato de que as línguas de sinais, semelhantes às línguas orais, também apresentam variações regionais, como sustenta Castro Júnior (2011). A partir do exemplo acima, é possível concluir que seja através do contexto, seja através do questionamento explícito, itens

homônimos podem ser desambiguizados a partir da percepção e atitude do sujeito falante/sinalizante.

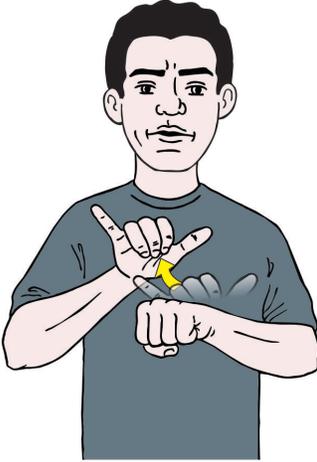
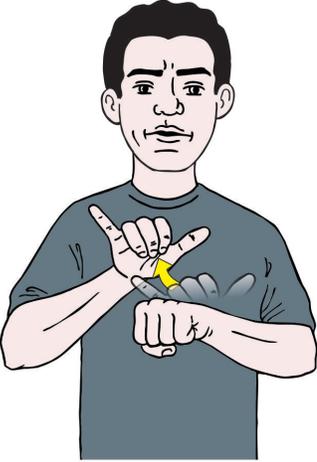
3.3. A Análise sêmica como um mecanismo para desambiguar itens lexicais.

Já dissemos anteriormente que a análise sêmica auxilia a compreensão dos dados porque é uma análise que procura distinguir um item lexical do outro por meio da interpretação operacional, em que os traços semânticos mínimos ressaltam na situação discursiva.

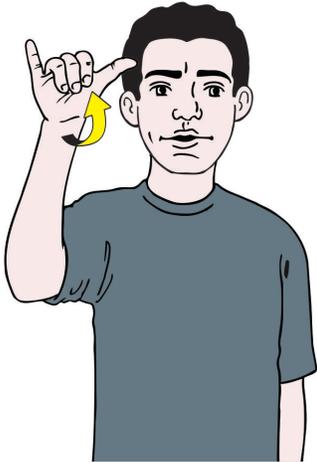
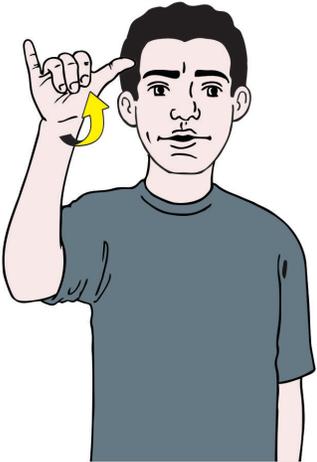
No escopo do critério distintivo, fizemos o levantamento de traços sêmicos de todas as formas homônimas da LSB aqui estudadas, a fim de desambiguar os significados que estão em uso no meio dos falantes surdos. Chamamos atenção para um fato muito importante: estamos considerando como homônimos somente os sinais manuais, por isso não incluímos na análise, neste momento, as expressões faciais como estruturas que podem diferenciar um sinal do outro.

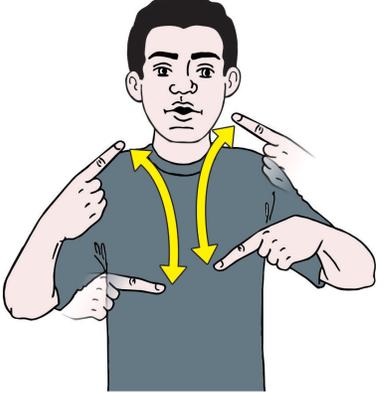
PARES HOMÔNIMOS		Análise sêmica	
		[+substantivo] [+produto] [+concreto] [+fruta] [+objeto]	[+substantivo] [+processo] [+abstrato] [+semana] [+dia]
LARANJA ₁ : Fruto da laranjeira.	SÁBADO ₂ : O sétimo dia da semana começada domingo.		

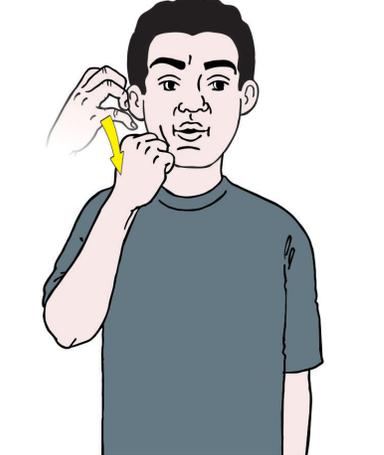
		[+substantivo] [+abstrato] [-animado] [+ lei] [+ objeto]	[+substantivo] [+concreto] [+animado] [+deficiência] [+pessoa]
<p>DIREITO₁: Aquilo que é justo, reto e conforme à lei.</p>	<p>DEFICIENTE₂: Pessoa que apresenta deficiência física ou písica</p>		

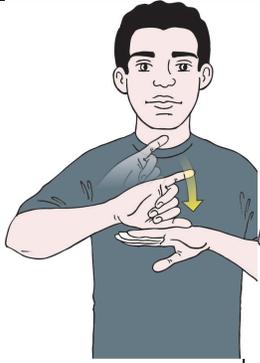
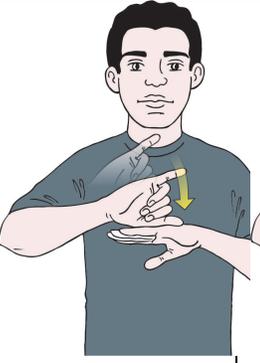
		[+processo] [+verbo] [+humano] [+cometer]	[+processo] [+verbo] [+lugar] [+sentir]
<p>ENGANAR₁: Induzir em erro, em engano. ENGANAR-SE: Cometer um erro, um engano; cair em erro; não acertar.</p>	<p>FALTAR₂: Sentir-se a ausência ou necessidade.</p>		

		[+alimento] [+substantivo] [+concreto]	[+velocidade] [+adjetivo] [+abstrato]
<p>PÃO₁: Alimento feito de massa de farinha de trigo ou outros cereais, com água e fermento, de forma em geral arredondada ou alongada, e que é assado ao forno.</p>	<p>RÁPIDO₂: Que se move depressa, com muita velocidade; ligeiro, veloz.</p>		

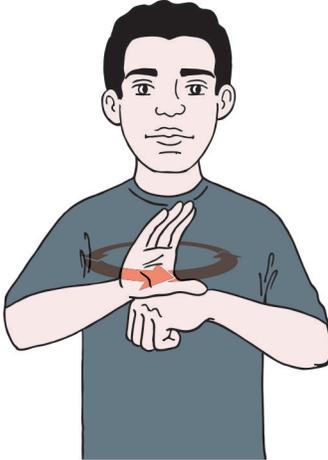
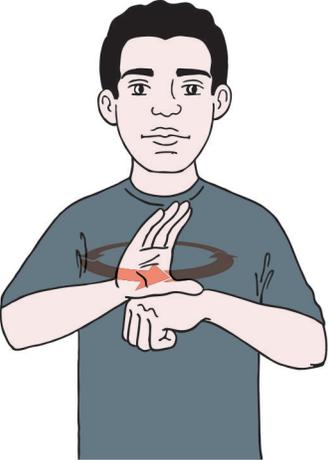
		[+substantivo] [+lugar] [+rural] [-animado] [+concreto]	[+substantivo] [+ser vivo] [+rural] [+animado] [+concreto]
<p>FAZENDA₁: Grande propriedade rural, de lavoura ou de criação de gado.</p>	<p>BOI₂: Animal mamífero, artiodáctilo, ruminante, bovídeo, pertencente ao gênero.</p>		

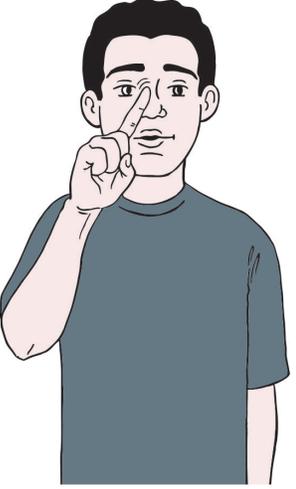
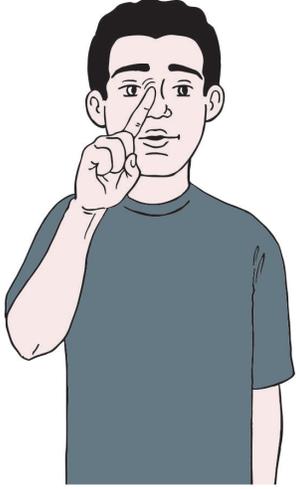
		[+substantivo] [+ato] [+conjunto] [+programa] [+coletivo]	[+substantivo] [+ação] [+grupo] [+defesa de ideias]
<p>POLÍTICA₁: Conjunto de objetivos que enformam determinado programa de ação governamental e condicionam a sua execução.</p>	<p>DISCUSSÃO₂: Ação de discutir; debate, contravérsia; polêmica.</p>		

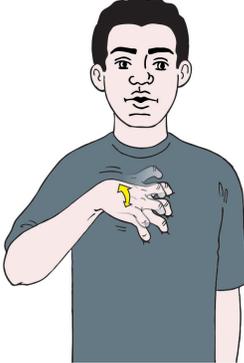
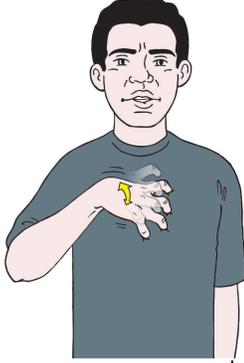
		[+verbo] [+processo] [+animado] [+humano] [-dinheiro]	[+verbo] [+produto] [-animado] [-humano] [+dinheiro]
<p>ADOTAR₁: Atribuir (a um filho de outrem) os direitos de filho próprio; perfilhar, legitimar.</p>	<p>LUCRAR₂: Diferença entre a receita de vendas de uma empresa e o custo de seu processo de fabricação ou prestação de serviços.</p>		

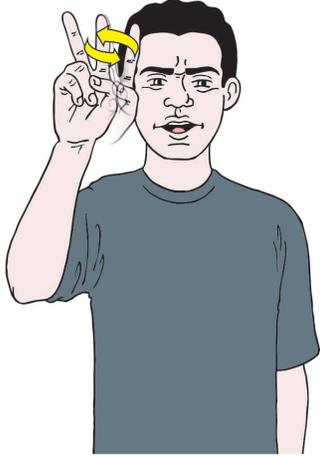
			[+substantivo] o] [+lugar] [+administração]	[+locução adv.] [+local] [+altura]	[+substantivo] [+local] [+centralização]
CAPITAL ₁ : Cidade que aloja a alta administração de um país ou de um estado, província, departamento, etc.	EM CIMA ₂ : Na parte superior de; no alto de; sobre.	CENTRAL ₃ : local ou edifício onde se acham centralizadas certas instalações.			

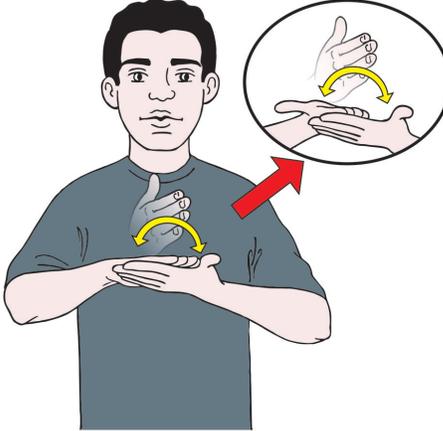
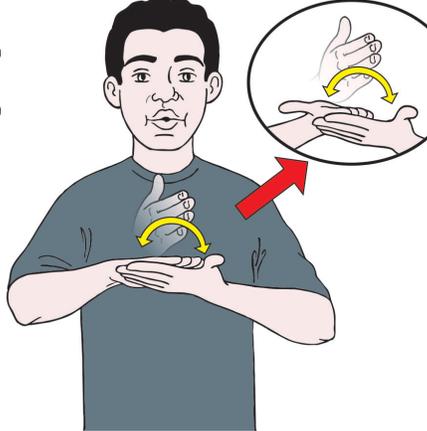
		[+substantivo] [+produto] [+consideração]	[+verbo] [+processo] [+ordem]
RESPEITO ₁ : consideração ou respeito à opinião pública.	OBEDECER ₂ : Submeter-se à vontade de outrem; executar as ordens de outrem.		

		[+sigla] [+local]	[+substantivo] [+documento]
<p>CAS₁: Centro de Apoio com Surdos.</p>	<p>CONSTITUIÇÃO₂: Lei fundamental e suprema dum Estado, que contém normas respeitantes à formação dos poderes públicos, forma de governo, distribuição de competências, direitos e deveres dos cidadãos, etc.; carta constitucional, carta magna.</p>		

		[+substantivo]] [-animado] [-humano] [-sexuado]	[+substantivo]] [+animado] [+humano] [+sexuado]
<p>BISCOITO₁: bolacha.</p>	<p>MÃE₂: Mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos.</p>		

			[+substantivo] [+lugar]	[+verbo] [+processo]	[+substantivo] [+modo de ser]
BAHIA ₁ : Capital Bahia	SENTIR ₂ : Perceber por meio dos sentidos.	JEITO ₃ : Jeito ou modo de proceder próprio de pessoas bem-educadas; boas maneiras, bons modos.			

		[+substantivo] [+produto] [+narração]	[+verbo] [+processo] [+recordação]
HISTÓRIA ₁ : Narração metódica dos fatos notáveis ocorridos na vida dos povos, em particular, e na vida da humanidade, em geral.	LEMBRAR ₂ : Trazer à memória, por analogia ou semelhança fazer recordar.		

		[+verbo] [+ação- processo] [+discurs o]	[+verbo] [+ação- processo] [+comid a]
INTERPRETAR ₁ : Traduzir ou verter de língua estrangeira ou antiga.	FRITAR ₂ : Frigir.		

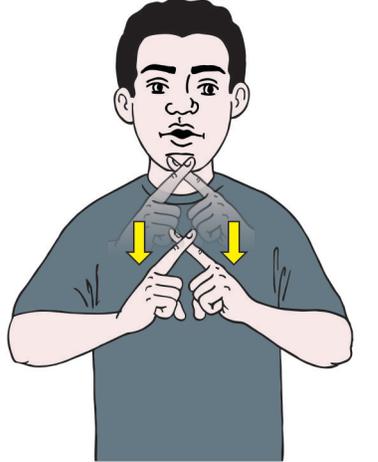
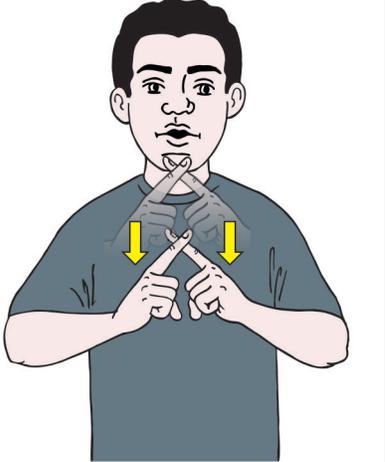
		[+substantivo] [+processo] [+humano] [+vencedor]	[+adjetivo] [+qualidade] [-humano] [+estável]
CAMPEONATO ₁ : certame em que o vencedor recebe o título de campeão.	EFETIVO ₂ : Permanente, estável, fixo.		

Tabela 02: Itens homônimos da LSB – Análise sêmica.

A análise sêmica foi pensada como mais um mecanismo possibilitador de reflexões acerca da natureza homônima dos itens lexicais selecionados. No entanto, não é possível dizer que ela resolve essa discussão. Ao contrário, em algumas ocasiões ela

contribui muito pouco. Apesar disso, consideramos que, em algumas ocasiões, a análise sêmica contribui para mostrar a relação (ou a falta de relação) entre itens considerados homônimos ou polissêmicos.

Tudo isso nos leva a supor que a homonímia é determinada pelo uso do sinal no discurso: os sujeitos envolvidos na comunicação consideram as acepções distintas e fazem uso das entidades linguísticas de modo distinto.

O objetivo central desta pesquisa foi realizar uma investigação que demonstrasse a ocorrência de itens lexicais homônimos em LSB. Iniciamos o trabalho pela revisão bibliográfica que contemplasse manifestações do fenômeno tanto em português quanto em LSB, com suas peculiaridades referentes à oralidade e à visualidade. Com esse objetivo, revisitamos teorias que esclarecessem a diferença entre a homonímia e a polissemia. A compreensão dos fenômenos lexicais ainda constitui um desafio muito grande para qualquer análise linguística em LSB.

Com base nos estudos, levantamos a hipótese de a homonímia ser muito menos frequente que a polissemia em LSB, que parece se mostrar muito mais complexa e frequente que aquela.

Observamos que, quando há o desenvolvimento de sentidos divergentes a partir da mesma materialidade linguística, isto é, quando dois ou mais significados da mesma forma (sinal) se separam de modo a não haver nenhuma conexão evidente entre eles, a polissemia dá lugar à homonímia e a unidade de significado da palavra será destruída.

Vimos ainda que a ambiguidade pode ser causada de maneira natural, à medida que o emissor ou locutor de um discurso não tem consciência de estar produzindo um texto ambíguo em LSB. Ao contrário, observamos em complemento que a ambiguidade pode ser intencional, quando usada como artifício linguístico para o enriquecimento de contextos especiais na Língua de Sinais Brasileira.

Assim como Câmara (1970), acreditamos que se os significados, a partir de dada forma, forem notoriamente diferentes entre si, o resultado é a homonímia. Se, por outro lado, os significados, a partir de dada forma, estabelecerem comunicação entre si (entre o grupo de palavras derivadas de dado significante), o resultado será a polissemia.

Observamos, assim, que uma forma homônima pode ser identificada e desambiguada por meio da sua correlação com outros itens lexicais no contexto. Esse contexto, na língua de sinais, revelará a realização do homônimo como correlato ao

significado 1, 2 ou 3, para os casos de tripla significação de um mesmo significante, como em CAPITAL/ EM CIMA/ CENTRO. Dessa maneira, a partir da análise sêmica, realizamos um levantamento desses “traços especificadores” em algumas formas homônimas da Língua de Sinais Brasileira e revelamos aqui nossa intenção futura de elaborar dicionários de termos homônimo e/ou polissêmicos.

É de nosso interesse elaborar dicionários especializados, distintos dos dicionários para consulta geral, como os que temos no mercado, porque pensamos na importância de elaborar dicionários monolíngues, que tanto partam da LSB quanto cheguem à LSB.

Entendemos que é preciso que lexicógrafos vejam a funcionalidade que existe em todo esse processo e, dessa forma, possam compreender que a homonímia apresenta dois ou mais diferentes sentidos para um único termo, fato que acusa a necessidade de mais de uma entrada no dicionário: o que poderia ser visto como uma única unidade passa a ser vista como mais de uma, daí a necessidade de estabelecer verbetes separados. Se, em sua concepção, o lexicógrafo perceber o fenômeno como polissemia em LSB, colocará as múltiplas acepções numeradas a partir do mesmo lexema sinalizado – que essa seja uma proposta considerada viável para uma organização lexicográfica em LSB que possamos desenvolver no futuro.

No dia-o-dia, o usuário de uma língua não recorre à etimologia para fazer distinção entre itens lexicais homônimos. Normalmente, as pistas dadas pelos elementos que ocorrem no contexto linguístico dos textos sinalizados estabelecem uma solidariedade, de forma a contribuir para que se depreenda o significado do enunciado.

Esperamos que os resultados obtidos nessa pesquisa contribuam para o aprofundamento dos estudos da Lexicologia, da Lexicografia e da Terminologia das línguas de sinais e que sirvam de aplicação para a prática de elaboração de dicionários em LSB.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDINGER, K. **Teoría Semántica: Hacia una semántica moderna**. Madrid: Ediciones Alcalá, 1970.

BERRUTO, G. **La Sémantica**. México: Editorial Nueva Imagen S.A, 1979

BIDARRA, Jorge & MARTINS, Tânia Aparecida. **O Problema da ambiguidade lexical para a interpretação envolvendo a língua portuguesa e Libras**. Anais do SIELP, Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria Linguística: lingüística quantitativa e computacional**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BRENTARI, D. Sign Language Phonology: ASL. in GOLDSMITH, J. **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell, 1996.

CAPOVILLA, RAPHAEL, & MAURICIO. **Novo Deit-Libras**: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas, 2011.

CÂMARA, Mattoso. 1970. In: REHFELDT, G. K. **Polissemia e campos semânticos**. Porto Alegre: UFRGS, 1980

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Matoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

CANÇADO, Márcia. **Propriedades semânticas e posições argumentais**. D.E.L.T.A, São Paulo, v.21, n.1, p.23-56, 2005.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2008.

CARNAP, R. **Meaning and necessity**. Chicago: University of Chicago Press, 1956b.

CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira: Foco de Léxico**. Brasília, 2011. Dissertação do mestrado – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

CUENCA, Maria Josep e HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Editorial Ariel, 1999.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Jorge Zahar Editor Ltda, Rio de Janeiro, 1988.

DUBOIS, J. et alii. **Dicionário de Linguística**. São Paulo. 10. Ed. Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, Dr. Jonh Robert Schmitz, Dra. Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum, Valter Khedi. São Paulo: Cultrix, 1998.

FARIA-DO-NASCIMENTO, Sandra Patrícia. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira. Uma Proposta Lexicografia**. Brasília, 2009. 290 F. Tese do doutorado – Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

FAULSTICH, Enilde L. de J. e ROCHA, S. L. R. da. **A função pragmática do contexto linguístico em obras lexicográficas e terminográficas**. In: Travaux du LILLA n. 2, 1997.

FERREIRA, A. **Minidicionário Aurélio**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, A. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3.ed.rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIORIN, J. L. (org.). **“A semântica lexical”**. In: Introdução à Lingüística: II princípios de análise. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

FUCHS, Catherine. **Les ambiguities du francais**. France. OPHRYS, 1996.

GOLDFELD, M. A. **Criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GUIRAUD, Pierre. **A semântica**. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. 5. Edição, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A, 1989.

LEFFA, Vilson J. “A resolução da ambiguidade lexical sem apoio do conhecimento de mundo“, 1996 retirado do site em 09/02/2012. <http://www.leffa.pro.br/textos/trabalhos/ambipor.pdf>

LYONS, John. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro. Editora LTC, 1987

MEDEIROS, Marisa B. **Tratamento automático de ambiguidades na recuperação da informação**. Tese de Doutorado, Brasília, UnB, 1999.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Manual de Semântica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PEREIRA, Rachel de Carvalho. **Surdez: Aquisição de Linguagem e Inclusão Social**. Editora Revinter: Rio de Janeiro, 2008.

PERLIN, G.. Identidades Surdas. Em Skliar, Carlos(org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Editora Mediação. Porto Alegre, 1998.

PIATELLI-PALMARINI, M. (Org.). **Teorias da Linguagem. Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Ed. Cultrix, 1983.

PIETROFORTE, A.; LOPES, I. **A semântica lexical**. In: FIORIN, J.L. (Org.) Introdução à Linguística: princípios teóricos. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

PIMENTA, Nelson & QUADROS, Ronice Muller de. **Curso de língua de sinais brasileira**, v.1, Iniciante. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

PINKER, S. Language learnability and language development revised. In: PINKER, S. **Language learnability and language development**. 2a ed.. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1995.

PUTEJOVSKY, James & BOGURAEV, Branimir. "Introduction: Lexical Semantics in Context." **Lexical Semantics: the problem of polysemy**. United States, Clarendon press, Oxford, 1996.

PUTNAM, H. **Is semantics possible?** Philosophical Papers, vol. 2, p. 215- 271. Mind, language and reality, 215-271. Cambridge: Cambridge University, 1975.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira. Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed; 2004. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990

RAMOS, Cléila Regina & GOLDFELD, Marcia. **Vendo Vozes: os passos dados na direção da realização de um programa de televisão para crianças surdas**. In: GELES número 6, Ano 5, Babel, 1992.

REHFELDT, Gládis Knak. **Polissemia e campo semântico: estudo aplicado aos verbos de Movimento**. Rio Grande do Sul, Editora da UFMG, 1980.

SACKS, O. *Vendo vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, H. M. M. L.; FAULSTICH, E.; CARVALHO, O. L.; RAMOS, A. A. L. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos. Caminhos para a Prática Pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP, 2002.

SANDMANN, Antônio José. **Polissemia e homonímia**. In: M.H. de M. Neves. Descrição do Português. Publicação do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Ano IV – N.1 UNESP – Campus de Araraquara, 1990.

SAUSSURE, Ferdinand de. (1857-1913). Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, Augusto S. da. **Homonímia e Polissemia. Análise sêmica e teoria do campo léxico**. *Congresso Internacional de Filologia e Linguística Românica*, XIX. Santiago de Compostela, 1989.

SILVA, Augusto S. da. *“O problema da polissemia à luz do verbo deixar”*. In: A semântica de deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

STOKOE, W. C. **The Calculs of Structure**. Washington, DC. Gallaudet University College Press, 1960.

TAMBA, Irène. **A semântica**. Tradução Marcos Marcionilio. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TARSKI, A. **The semantical concept of truth and the foundations of semantics**. *Philosophy and Phenomenological Research*, n. 4, Berkeley: University of California, 1944.

ULLMANN, Stephen. **Semantics**. An Introduction to the science of meaning. Oxford, Blackwell, 1962.

ULLMANN, Stephen. **Semântica – Uma introdução à ciência do significado**. 2. Ed. 1964, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [tradução J. A. Osório Mateus – Título original: Semantics – An introduction to the science of meaning].

YAGUELLO, Marina. **Alice no país da linguagem: para compreender a linguística**. Lisboa: Editorial Estampa, 1997

ZAVAGLIA, Claudia. **“Ambiguidade gerada pela homonímia: revisão teórica, linhas limitrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos.”** In: DELTA Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. Vol. 19:2, 2003. P. 237-266.